

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
UNIRIO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL

MARIA THEREZA MONTEIRO PEREIRA SOTOMAYOR

RIO INVISÍVEL E AS NARRATIVAS VISUAIS SOBRE A POPULAÇÃO EM
SITUAÇÃO DE RUA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL

MARIA THEREZA MONTEIRO PEREIRA SOTOMAYOR

RIO INVISÍVEL E AS NARRATIVAS VISUAIS DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE
RUA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Memória Social.

Orientadora
Profa. Dra. Vera Lúcia Doyle Louzada de Mattos Dodebei

Linha de Pesquisa: Memória e Patrimônio

RIO DE JANEIRO
2018

M718

Monteiro Pereira Sotomayor, Maria Thereza
RIO INVISÍVEL E AS NARRATIVAS VISUAIS SOBRE A
POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA DA CIDADE DO RIO DE
JANEIRO / Maria Thereza Monteiro Pereira Sotomayor.
-- Rio de Janeiro, 2018.
128 f.

Orientadora: Vera Lúcia Doyle Louzada de Mattos
Dodebei.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação
em Memória Social, 2018.

1. Memórias Subterrâneas. 2. Pessoa em situação de
Rua. 3. Redes Sociais. 4. Internet. 5.
Vulnerabilidade. I. Doyle Louzada de Mattos
Dodebei, Vera Lúcia, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL

MARIA THEREZA MONTEIRO PEREIRA SOTOMAYOR

RIO INVISÍVEL E AS NARRATIVAS VISUAIS DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE
RUA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) para obtenção do grau de Mestre em Memória Social.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Vera Lúcia Doyle Louzada de Mattos Dodebei (orientadora)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Prof. Dr. João Marcus Figueiredo Assis
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Prof. Dr. Dario de Sousa e Silva Filho
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Profa. Dra. Profa. Leila Beatriz Ribeiro (Suplente)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Prof. Dr. Antônio José Barbosa de Oliveira (suplente)
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer à Deus e toda espiritualidade amiga que me ajudou na concepção deste trabalho, e me manteve firme em todos os momentos de dificuldade, em que não acreditei que fosse conseguir continuar.

À minha orientadora, Vera Dodebei, que além de ter me guiado nesse difícil processo de escrita, teve paciência e compreensão comigo em todos os momentos que precisei, sendo muitas vezes a voz de tranquilidade em meio ao caos em que minha mente e vida se encontraram durante esses dois anos.

Aos professores doutores João Marcus Figueiredo de Assis, Dario de Sousa e Silva Filho e Leila Ribeiro, que contribuíram imensamente para este processo, com seus apontamentos pertinentes durante a qualificação, que decerto enriqueceram o trabalho. E também a todo corpo docente do PPGMS, que não só através das aulas, como também na firmeza na correção dos trabalhos, fizeram com que eu pudesse crescer academicamente, e visse os primeiros frutos desta pesquisa.

Agradeço imensamente aos meus pais pelo apoio, e por acreditarem em mim desde sempre, me fazendo me sentir segura em minhas decisões acadêmicas e pessoais, sorrindo e chorando junto sempre que precisei.

Ao meu marido, Pedro, que durante esse processo me amparou não só com palavras, mas principalmente com atitudes, me incentivando a escrever quando eu não conseguia, me dando espaço necessário, sendo um verdadeiro companheiro no lar, me alimentando o corpo físico e o coração, com carinho, admiração, respeito e muito amor.

E finalmente, à minha forte e linda Catarina, que apesar de crescer dentro de mim, ainda não conheço com a roupagem que escolheu para seu corpo, mas já sinto sua influência, ela que é a vida, criação e fonte de inspiração para pensar um mundo em que possamos ser mais humanos, conscientes e livres.

RIO INVISÍVEL E AS NARRATIVAS VISUAIS DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o desenvolvimento das relações sociais no âmbito da internet, mais especificamente no contexto da mídia social Facebook, usando como objeto de pesquisa a página *Rio Invisível*. Para isso, foi utilizada como instrumento metodológico a netnografia em conjunto com análise de fotografias de arquivo e entrevistas sobre a página Rio Invisível. A pesquisa sobre vulnerabilidade e sua influência no silenciamento de memórias de pessoas em situação de marginalidade procura verificar o quanto a conscientização dessa vulnerabilidade pode ajudar a modificar a nossa relação com o outro, e como a memória criativa, que se separa de atitudes automáticas e irrefletidas, pode se tornar um instrumento de luta para a modificação do mundo ao nosso redor.

Palavras-chave: Memória social. Internet. Mídia social. Vulnerabilidade. Moradores de Rua

RIO INVISÍVEL AND THE VISUAL NARRATIVES OF THE POPULATION IN STREET SITUATION OF THE CITY OF RIO DE JANEIRO.

ABSTRACT

This thesis aims to understand the development of social relations in the context of the internet, more specifically within the social media Facebook, using the page *Rio Invisível* as a research object. In this sense, a methodological tool - the netnography - in conjunction with photographyc archive analyses and interview about the Rio Invisível page. The research about the vulnerability and its influence on the silencing people memories in situation of marginality tries to understand how the awareness of this vulnerability can help changing our relationship with each other, and also, how creative memory, which separates itself from automatic and unreflective attitudes, can become an instrument of resistance to changing the world around us.

Keywords: Social Memory. Internet. Social Media. Vulnerability. Homeless.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Documentação referente às políticas públicas adotadas pelo Rio de Janeiro para a questão dos mendigos em fins do século XIX.	31
Figura 2 – Documentação referente às políticas públicas adotadas pelo Rio de Janeiro para a questão dos mendigos no início do século XX, em 1928.	33
Figura 3 – Fotografia de Augusto Malta de uma apreensão de carne de porco vendida em via pública.	36
Figura 4 – Fotografia de Augusto Malta: Morro da Favella	37
Figura 5 – Fotografia de Augusto Malta da Exposição de 1908.	38
Figura 6 – Fotografia de Augusto Malta dos Casebres do Morro de Santo Antônio, acervo do AGCRJ.	39
Figura 7 – Fotografia de Augusto Malta da Ladeira do Castelo, acervo do AGCRJ.	40
Figura 8 – Imagem do Jornal Extra ilustrando o trabalho do Rio Invisível para uma reportagem.	41
Figura 9 – Apresentação do perfil de Mark Zuckerberg no Facebook.	54
Figura 10 – Informações fornecidas sobre a página Rio Invisível, editadas pelos próprios criadores.	56
Figura 11 – Avaliações da página Rio Invisível feitas pelos seguidores da mesma.	57
Figura 12 – Aba de vídeos da página Rio Invisível.	58
Figura 13 – Postagem referente ao entrevistado Marcelino.	59
Figura 14 – Comentários dos seguidores da página a respeito do relato do entrevistado Marcelino.	59
Figura 15 – Imagem das reações e compartilhamentos sobre post de Marcelino	60
Figura 16 – Descrição do Rio Invisível sobre o vídeo de Marcelino na Fazenda de recuperação.	62
Figura 17 – Imagem do vídeo de Marcelino com os seus quadros no Ateliê montado na Fazenda.	63
Figura 18 – Comentário de uma pessoa sobre os quadros de Marcelino.	63
Figura 19 – Fala da entrevistada Vera Lúcia em vídeo da página.	64

Figura 20 – Continuação da fala da entrevistada Vera Lúcia em vídeo da página.	65
Figura 21 – Descrição do grupo Rio Invisível acerca do último vídeo de Vera Lúcia, realizado para a campanha feita para que a entrevistada pudesse conseguir uma casa através de <i>crowdfunding</i> , uma modalidade de investimento em que várias pessoas investem uma quantia para um negócio ou projeto determinado.	66
Figura 22 – Imagem do post da página Rio Invisível sobre o caso da entrevista da retirada por motivos de ameaças recebidas dentro e fora da página.	67
Figura 23 – Postagem de retratação e explicação pormenorizada sobre o porquê da retirada da narrativa a entrevistada transexual da página Rio Invisível.	68
Figura 24 – Resposta do grupo Rio Invisível aos seguidores da página acerca de questionamentos sobre o caso.	69
Figura 25 – Postagem da narrativa do casal Maria e Fábio, sendo que Maria quem levava a história sobre ela e como conheceu o companheiro.	70
Figura 26 – Postagem da narrativa da entrevistada Carol.	70
Figura 27 – Dados de Reações e compartilhamentos da história de Carol	71
Figura 28 – Comentários sobre relato da entrevistada Carol	71
Figura 29 – Postagem da entrevista de Erica	72
Figura 30 – Respostas ao comentário de internauta que desejava conseguir uma bolsa de estudos para entrevistada Erica.	73
Figura 31 – Postagem da entrevista de Guilherme e seu cão Fox	74
Figura 32 – Fotografias que seguidores da página tiraram e postaram nos comentários, de Guilherme e seu cão, Fox	74
Figura 33 – Comentário de internauta interessado em empregar Guilherme	75
Figura 34 – Postagem da história da entrevistada Mara	76
Figura 35 – Comentários sobre a narrativa de Mara	77
Figura 36 – Postagem da entrevista de Tiago	77
Figura 37 – Comentário sobre o relato de Tiago	78
Figura 38 – Resposta do Rio Invisível aos comentários de pessoas que gostariam de ajudar	79

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	O PRISMA SOCIAL	14
2.1	DESIGUALDADE SOCIAL E O PRECONCEITO	19
2.2	A MEMÓRIA E A VULNERABILIDADE	23
3	RIO DE JANEIRO (MARAVILHA?): MUTANTE	27
3.1	<i>A BELLE ÉPOQUE</i> CARIOCA	32
3.2	O RIO DE JANEIRO CONTEMPORÂNEO E OS <i>OUTSIDERS</i>	43
3.3	ATUAIS POLÍTICAS PARA A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA E OS SEUS DESAFIOS	46
4	O FENÔMENO RIO INVISÍVEL: NARRATIVAS DAS RUAS NO AMBIENTE DIGITAL	51
4.1	RIO INVISÍVEL: DA ETNOGRAFIA À NETNOGRAFIA	55
4.2	ANÁLISE DA ENTREVISTA COM O GRUPO RIO INVISÍVEL	81
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
	REFERÊNCIAS	89
	ANEXO: TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA	91

1 INTRODUÇÃO

"Ainda vão me matar numa rua.
Quando descobrirem,
principalmente,
que faço parte dessa gente
que pensa que a rua
é a parte principal da cidade."

Leminski

O presente trabalho visa compreender como os habitantes da cidade do Rio de Janeiro e seus aparelhos urbanos tratam a memória dos marginalizados ao longo de certos períodos da sua história. A pesquisa tem como foco as diversas transformações que a cidade sofreu no início do século XX e hoje, no século XXI, nas lentes de Augusto Malta e do projeto "Rio Invisível". O grupo que alimenta a página do projeto "Rio Invisível"(2018) no Facebook, assim como Malta, fotografa as ruas da cidade dando destaque para as pessoas em situação de rua.

A partir do diálogo entre a vida na cidade e a dimensão virtual das atuais relações sociais, este trabalho procura investigar a existência de memórias marginalizadas e em disputa sobre o tema das pessoas em situação de rua. Usa-se para tanto o estudo das redes sociais digitais, mais especificamente, o Facebook que, em 13 anos de existência conseguiu mobilizar movimentos sociais em toda parte do mundo, com consequências positivas ou negativas, dependendo do ponto ou do prisma do nosso olhar. Apesar de ser um ambiente também fértil para boatos, discursos de ódio e, até mesmo, distração excessiva, podemos ver trabalhos interessantes que aproveitam o interesse da população (que pode acessar esse ambiente) para alertar as pessoas para o que elas não vêem, ignoram ou não sabem como lidar, no mundo que existe fora das telas do computador e dos smartphones.

É válido ressaltar que, pela própria configuração do site, o que é visto e aparece na "linha do tempo" do usuário do Facebook, tem a ver com uma seleção realizada, por algoritmos, a partir dos interesses expressados pelas pessoas através das páginas que segue, pessoas com as quais se relaciona, etc. Contudo, seu alcance pode ser aumentado pelo recurso de compartilhamento. Assim, mesmo com essas "bolhas" digitais, algumas ações são possíveis, visto que por vezes chegam até os perfis dos usuários, informações e páginas que

originalmente não seriam do seu interesse imediato, através é claro, de processos de algoritmos que acabam por trazer informações a partir de algum interesse.

A página “Rio Invisível” é um desses exemplos. Atualmente ela conta com mais de 90 mil curtidas, o que quer dizer que pelo menos essa quantidade de pessoas já acessou e recebe periodicamente suas atualizações. “Rio Invisível” já divulgou cerca de 100 histórias de pessoas em situação de rua da cidade do Rio de Janeiro, tendo como propósito a ressignificação desse grupo, ao trazer suas histórias para a rede social digital e compartilhá-las com os internautas que acessam esse espaço. É uma forma de dar a essas memórias¹, que ficaram muito tempo inauditas, uma chance de serem difundidas pela sociedade.

A compreensão dessas memórias, marginalizadas como subterrâneas, surge a partir do conceito de Pollak (1989), que nos ajuda a imaginar como e em que circunstâncias elas podem ser colocadas em disputa. A partir disso, observamos as interações via redes sociais como uma possibilidade de tornar essas memórias parte dos intensos conflitos pela memória no espaço público, sendo este o foco do nosso trabalho. Essas memórias não são consideradas dentro do escopo das memórias coletivas oficiais e só podem sair dessa condição de obscuridade quando há oportunidade para tal, pois, por muitas vezes, trata-se de memórias indesejadas, vergonhosas, traumáticas ou enfim, incômodas para o grupo.

Para atender aos objetivos da pesquisa, o campo escolhido é de natureza interdisciplinar e os objetos ou fontes são analisados em mídias analógicas - documentos de arquivo - e mídias digitais - sites de notícias, buscas e redes sociais. A análise da página "Rio Invisível" foi realizada com inspiração na netnografia, método que se baseia na etnografia adaptada às limitações do ambiente online. No nosso trabalho, as atividades e movimentações da página são estudadas e acompanhadas de perto, procurando-se uma espécie de "observação participante", para tornar a pesquisa mais rica e horizontalizada. Além disso, optou-se por uma combinação de estratégias de pesquisa: a pesquisa documental (Fotografias de Malta e documentos de arquivo) e a análise fotográfica, utilizando como base teórica o discurso de Susan Sontag (2004). Para tanto, valemo-nos da experiência pessoal de trabalho no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, onde tínhamos acesso direto à documentação escrita e iconográfica para realizar as análises. O contexto em que estruturamos a pesquisa parte de conceitos dos campos da sociologia e da memória social para, aos poucos, aprofundar a análise da página Rio Invisível.

¹ Trata-se uma população que, segundo o site da Prefeitura do Rio de Janeiro (2018), ultrapassa os 14 mil indivíduos.

No que se refere aos espaços culturais, é incorporado o conceito de 'cibercultura' (LÉVY, 1998) já que o autor entende que o meio digital é “universalizante não totalizante”. Isso significa que este ambiente permite uma comunicação interativa das coletividades humanas e o contato de comunidades heterogêneas. Por isso, iniciativas como essas, que existem por meio das redes sociais – e que se conectam também fora da Internet – são um reflexo do mundo em transformação, em que uma comunicação mais transversal vem se tornando possível.

Relacionaremos a isso as complexidades das grandes cidades, onde os movimentos e barulhos podem anestesiar os sentidos e amortecer os afetos a partir dos sucessivos choques em que as pessoas das cidades são diariamente submetidas (BENJAMIN, 2015), muitas vezes banalizando a existência da miséria que rodeia todo cidadão urbano. Butler (2006) nos auxilia a trabalhar as questões da vulnerabilidade e a necessidade de desenvolvermos a capacidade de ver, na perda do outro, uma possibilidade de luta. A autora nos lembra que existem corpos mais vulneráveis do que outros, e que é admitindo isso que podemos passar a nos importar mais com as pessoas. A questão sobre o “eu” e o “outro” é analisada numa perspectiva menos polarizada e mais agregadora, procurando-se compreender onde realmente residem esses limites, partindo da premissa de que todos somos vulneráveis e tanto precisamos ser ajudados como ajudar alguém.

Apresentamos, ainda, um panorama geral acerca do desenvolvimento da sociedade ocidental, baseado na lógica capitalista-burguesa, procurando compreender, com base na leitura de Simmel (2013), a noção de limites, que, ao longo do tempo, foi-se desenvolvendo nas sociedades mais complexas a tal ponto que o espacialmente próximo parece distante e até mesmo inexistente. Faremos uma relação com a questão da população em situação de rua, que acaba sendo composta de pessoas que expõem não apenas a pobreza em que elas estão inseridas, mas de alguma forma também, o ponto mais fraco de uma cidade. Ver alguém habitando as ruas é também perceber que aquela cidade não consegue dar o suporte necessário para que as pessoas mais vulneráveis economicamente, socialmente ou ainda, psicologicamente, tenham uma vida digna, com todos os seus direitos fundamentais garantidos.

Ao longo da pesquisa, identificamos iniciativas do Estado em prol do desenvolvimento de uma Política Nacional para População de Rua e também em nível municipal. Ao analisar o Decreto nº 7053/2009 (BRASIL, 2009) é possível perceber um movimento no sentido de lidar com essa questão a partir de políticas inclusivas.

Confrontamos, então, essas políticas com as narrativas das pessoas acerca de sua experiência na rua.

Para a compreensão de como esse tipo de cultura se mantém, utilizaremos o pensamento de Foucault (2016) sobre a questão do discurso como produtor e mantenedor do poder e das verdades acolhidas por uma sociedade. Esse poder atua nas subjetividades, fazendo muitas vezes com que as próprias pessoas que estão inseridas nesse discurso o entendam como verdadeiro. Com o tempo, esses discursos vão criando sistemas de verdade e começam a fazer parte da memória coletiva da sociedade (HALBWACHS, 2006), tornando ideias gerais sobre determinado grupo uma verdade estabelecida inclusive pelos participantes do grupo.

Já Bauman (2008) foi fundamental para percebermos que esses pensamentos, que foram tomando forma há mais de dois séculos, hoje ainda fazem eco. A pergunta “sou por acaso guardião do meu irmão?” se instala (BAUMAN, 2008) e, ainda que polêmica, é vista como um assistencialismo barato, e as pessoas que necessitam do Estado para prover suas necessidades básicas, como um estorvo. Buscamos compreender se é apenas a partir da criatividade e do trabalho constante que esse cenário pode se modificar, para que, novos bárbaros que somos, possamos criar métodos de transformar apatia em empatia.

2 O PRISMA SOCIAL

O título deste capítulo foi pensado a partir da imagem do cristal que se decompõe em várias cores, possibilitando ao observador, a partir de um feixe de luz único, ver vários matizes revelados. Vamos analisar a questão da vida na grande cidade observando vários pontos dessa mesma questão, utilizando para isso a obra de autores como Walter Benjamin, Zygmund Bauman, Georg Simmel, Michel Foucault, Michael Pollak e Gilberto Velho, que irão nos ajudar a construir um pensamento acerca do desenvolvimento da sociedade complexa em que vivemos.

Quando os estudos sobre as sociedades contemporâneas são analisados, há em comum entre eles uma inquietação a respeito da grande massa de pessoas que, ainda que espacialmente juntas, encontram-se, em alguma instância, desconectadas. Simmel (2013) ao fazer uma análise do comportamento da sociedade urbana de seu momento histórico, traz uma noção interessante para reflexão: o limite. Os limites sobre o outro estabelecem-se antes em uma ordem sociológica, para que depois possam ser expressos do ponto de vista espacial. Ou seja, o limite seria então um fator sociológico, já que ele não é estabelecido pelo espaço físico em si, ou pelo menos não só por ele. Cada um centra-se dentro de si, gerando, a partir disso, o efeito de limite.

Quando este fenômeno ocorre, a espacialidade acaba por influenciar a percepção do indivíduo acerca da sua relação com os demais. É nesse momento que, por exemplo, pontos da cidade podem se tornar referências para esse ou aquele grupo. Essa relação que se estabelece entre as pessoas é cheia de tensões, já que determinar esse limite não só não é fácil, como é uma construção constante. Ao contrário dos limites físicos estabelecidos pela natureza, como rios ou montanhas, os limites estabelecidos social ou politicamente têm mais força, visto que são imposições arbitrárias, advindas de um poder majoritariamente social.

Com relação às pessoas em situação de rua, é possível observar esses limites sociológicos com certa nitidez, já que, estando na situação de "moradores" de uma via pública, dividem o espaço com os passantes. Mas essa divisão vem acompanhada de um limite que, antes de necessitar de fronteiras físicas, traz consigo uma forma própria de delimitar os espaços entre as pessoas. Quem passa pela calçada habitada por alguém sente-se atraído ao seu próprio centro e compreende que naquela configuração de via pública existe um espaço privado, com seus limites também próprios. A partir disso, pode-se ver um distanciamento espacial, onde aqueles que vivem nas ruas das cidades ficam nos cantos,

embaixo das marquises, e, de tempos em tempos, migram para lugares mais seguros ou mais afastados de elementos que possam ser perturbadores.

Um olhar mais superficial acerca da questão da pessoa em situação de rua pode dar a pensar que essa população não está inserida na sociedade como a compreendemos. Mas ao aprofundarmos essa análise, vamos constatar que, na verdade, eles compõem o quadro de exclusão, próprio do sistema (planejado) de privilégios e destaques. Como nos aponta Velho (2003, p.79), “Os trabalhos do grupo de Chicago mostraram que, na grande metrópole contemporânea, encontramos não só um maior número e diversidade de papéis e domínios, como evidentes descontinuidades e contradições entre estes”. Por isso, na mesma calçada que anda um homem de negócios usando terno, dorme um homem descalço em roupas velhas.

Ainda segundo Simmel (2013, p.82), “em tempos primitivo-indiferenciados, o direito a essas ampliações de limites psicológicos se torna maior, mas o interesse por elas talvez seja menor do que em tempos em que há seres humanos muito individualizados e com relações complicadas”. Isso ocorre porque quanto mais as relações aprofundam-se, maior é a variedade de delimitações, que, além de tudo, também se deslocam com certa fluidez (SIMMEL, 2013).

A sociedade, então, separa-se em nichos, que Simmel (2013) denomina “molduras”. Segundo ele,

a estreiteza e amplitude da moldura de modo algum coincidem sempre com a pequenez ou grandeza do grupo. Antes, importam as forças de tensão que se desenvolvem no interior do seu grupo; quando essas encontram espaço suficiente sem, em sua expansão, se chocar com os limites, então a moldura é justamente ampla, mesmo que se congreguem em seu interior relativamente muitas pessoas, tal como é o caso da constelação de impérios orientais. Por outro lado, a moldura é estreita quando ela, mesmo com um número restrito de pessoas, opera como uma amarração que certas energias não passíveis de se desenvolverem para dentro, procuram constantemente ultrapassar. (SIMMEL, 2013, p.83)

Essas molduras envolvem diversos grupos, que podem ser mais ou menos coesos, importando para isso que as forças de tensão em seu interior não se choquem com os seus limites. As molduras tornam-se maleáveis e passíveis de mudança à medida que os integrantes do grupo não encontrem mais interesses dentro dele. Assim, vemos uma sociedade em que seus integrantes desenvolvem inúmeros papéis sociais, e, sem necessitar de espaços fisicamente delimitados, vão criando e destruindo suas fronteiras psíquicas. Para suportar toda essa movimentação e a quantidade de informações que a cidade grande proporciona, o cidadão desenvolve a capacidade de habituar-se aos seus múltiplos movimentos. Segundo Simmel,

[...] pela complicação e confusão da imagem externa da vida, é-se acostumado a abstrações constantes, à indiferença em relação ao espacialmente mais próximo e ao vínculo estreito com o espacialmente muito distante. (SIMMEL, 2013, p.92)

À medida em que as sociedades urbanas desenvolvem-se, é possível observar também o aumento do fluxo de informações e o aumento dos papéis sociais. Muitas vezes, torna-se mais importante saber da notícia do jornal sobre um acontecimento a quilômetros de distância, do que propriamente com pessoas que vivem na sua rua ou prédio. E para o autor, esse aumento da individualidade é, de certa forma, uma maneira de refugiar-se de toda essa confusão. Ainda segundo o autor, tais comportamentos são desenvolvidos

porque os contatos incessantes com inúmeras pessoas geram precisamente o mesmo efeito por embotamento: a indiferença em relação ao espacialmente próximo é simplesmente um dispositivo de proteção sem o qual seria inevitável desgastar-se e rebentar, animicamente, na cidade grande. (SIMMEL, 2013, p. 93)

Ou seja, em sua análise, o autor pôde perceber que, sem esse dispositivo, não seria possível manter-se na grande cidade sem "enlouquecer". Há uma necessidade protetiva de resguardar-se desses estímulos, é um embotamento comum, ao qual todos estamos sujeitos. Tal sentimento não significa, necessariamente, que nunca existirá um momento em que se olhe mais atentamente ao redor, até porque, com a fluidez dos papéis exercidos, o habitante da cidade também pode sair do seu embotamento.

Para aprofundar o entendimento acerca dessa autoproteção, Simmel (2009) caracteriza este tipo de comportamento de atitude *blasé*, algo que o autor afirma já nascer com todo o "filho" das grandes cidades, como consequência de todos esses diversos estímulos nervosos. Nota-se este fenômeno em quem vive uma vida de intensos prazeres sem fim: toda a excitação constante culmina em uma apatia final, já que, de repente, todas as "novidades" passam a ser habituais e o estado de tensão passa a ser o natural. Segundo Simmel (2009, p.9), "a essência do caráter *blasé* é o embotamento perante as diferenças das coisas". Isso não significa que elas não sejam percebidas, mas que, como elas todas parecem estar no mesmo tom, não valeria a pena dar preferência a esta ou àquela nuance.

[...] através da simples intensificação quantitativa das mesmas condições, este resultado inverte-se no seu contrário, no fenômeno peculiar de adaptação que é o caráter *blasé*, em que os nervos descobrem a sua derradeira possibilidade de se ajustar aos conteúdos e à forma da vida na grande cidade, renunciando a reagir a ela – a autoconservação de certas naturezas, à custa de desvalorizar todo o mundo objectivo, acaba então, inevitavelmente, por rebaixar a própria personalidade a um sentimento de igual desvalorização. (SIMMEL, 2009, p.10)

Nesta perspectiva, o cidadão não só não considera os movimentos externos dignos de algum destaque, como ele próprio não percebe esse valor em si. A vida e tudo o que existe ao seu redor fazem parte de uma grande zona cinzenta em que, para não se viver em um eterno

estado de alarme, é preferível manter-se psicologicamente distante, mesmo que espacialmente perto. Em Benjamin (2015), é possível ver uma noção próxima da mencionada acima, quando ele cita Engels e sua indignação diante da maneira abrupta e indiferente com que a multidão, que passa pelas ruas diariamente, age.

Para Engels a multidão tem qualquer coisa de inquietante e provoca nele uma reação moral, acompanhada por outra, de ordem estética: afeta-o de forma desagradável a maneira com que os transeuntes passam uns pelos outros, precipitadamente. (BENJAMIN, 2015, p.118).

Segundo Benjamin (2015), para alguém como Engels, que vinha de uma Alemanha ainda muito provinciana, era inquietante e até contrário à natureza humana aquele tipo de relação entre as pessoas. Ele vinha de um ambiente diferente, então conseguia perceber esse comportamento automatizado das pessoas, e sentia estranheza nisso. Já ao estudar as obras de Baudelaire, Benjamin (2015) compreende que havia algo da cidade que já existia nele, por isso essa relação não lhe causava horror: ele era um homem plenamente inserido naquela sociedade, que via até uma certa beleza em todo aquele caos. Como afirmaria Simmel (2009), ele era um filho da grande cidade, portanto toda aquela agitação associada à ausência de reação aos estímulos não era estranha aos olhos dele.

Vale notar que, apesar desses autores tratarem da vida urbana no início do século XX, há algo de familiar em suas descrições das relações humanas nas grandes cidades. Ao descrever o cenário da modernidade, Benjamin (2015) nota que, de certa forma, nos acostumamos com essa automatização a que somos submetidos. Esse comportamento quase robotizado, típico dos habitantes das grandes cidades, é mais uma reação aos choques a que somos expostos diariamente. Segundo Benjamin (2015, p.112), "a recepção do choque é facilitada por um treino do controle de estímulos, para o qual, em caso de necessidade, pode-se recorrer tanto ao sonho como à lembrança".

Benjamin diz ainda que "a vivência do choque que o transeunte tem no meio da multidão corresponde à 'vivência' do operário junto da máquina" (BENJAMIN, 2015, p.130). Assim como os operários trabalhando nas fábricas, o cidadão perdeu a capacidade de viver uma *experiência*, e tem apenas vivências. Nesse sentido, a experiência tem um cunho de aprofundamento dentro de uma circunstância, como, por exemplo, quando um artesão produz seu artefato. Ele tem profundo conhecimento prático a respeito do assunto e passa adiante sua experiência. Já o operário apenas vive superficialmente o seu trabalho na máquina, pois este é substituível e realizado de forma mecânica. Cada um monta uma parte do todo, e nenhum entende do que se passa na etapa anterior ou na próxima. Por isso, ele apenas vivencia esse trabalho, mas não possui experiência para passá-lo adiante.

É assim que o autor percebe o funcionamento das coisas nas grandes cidades: as pessoas passam umas pelas outras e recebem muitos estímulos e informações ao mesmo tempo, mas acabam não conseguindo absorvê-los. Por isso, elas vão desenvolvendo uma "anestesia", que tem como função última nos proteger (psicologicamente) de todos os choques sucessivos.

Benjamin (2015) apoia-se em Freud para compreender a questão da consciência e da memória e diz que só se pode entender a memória quando não se chega ao nível do consciente. O autor explica que, “segundo Freud, a consciência enquanto tal não registraria absolutamente nenhum vestígio da memória. Teria antes, outra função significativa, a de agir como proteção a outros estímulos” (BENJAMIN, 2015, p.111). Portanto, de acordo com Freud pela leitura de Benjamin, ter constantes surpresas traria uma eterna angústia, uma sensação de incerteza que afetaria as pessoas em um sentido negativo. Acostumar-se com as coisas é uma medida protetiva da própria mente, e tem como finalidade acomodar a mente das pessoas para que elas não se assustem constantemente com as sucessivas novidades que a vida urbana tem para oferecer.

Isso significa dizer que, à primeira vista, as coisas novas causam sentimentos inesperados, e que, quando se tornam uma rotina, são mais fáceis de lidar. Em consequência disso, vivemos sensações exacerbadas: ficamos tão saturados, que sentir alguma coisa verdadeiramente profunda pode ser cada vez mais difícil, pois para sentir profundamente é preciso prestar atenção, ter tempo, viver uma experiência. Sem isso, tudo o que temos são reações às sensações.

Quando o transeunte vê a pessoa em situação de rua, ele é colocado diante de um outro ser humano que está em uma situação que, por mais que seja familiar do ponto de vista visual, em geral não faz parte da sua realidade prática. Algumas vezes, sua reação é a de passar adiante, já que se vê de certa forma impotente para tentar alguma interação ou ajuda. A falta de reação ativa aos estímulos acaba tornando-se uma proteção contra algum tipo de afeto que possa surgir desse encontro. Esse tipo de amortização dos estímulos, como nos alerta Bergson (2009), ocorre quando atitudes tornam-se automáticas e nossa consciência retira-se delas. Isso significa que, como uma forma de defesa, a nossa mente procura tornar o registro da nossa consciência o mais habitual possível, pois quanto mais anestesiados, menos iremos sentir os efeitos traumáticos decorrentes desses choques (BENJAMIN, 2015).

A questão é que são tantos choques acontecendo, que eles nos preparam para novos choques. Por fim, vamos nos anestesiando, inclusive, do choque que nos causa, a princípio, a

miséria do outro. Em qualquer ponto da cidade do Rio de Janeiro, da zona norte à zona sul, é possível esbarrar com alguém em situação de rua. Apesar da percepção da presença dessa população na cidade, não é uma tarefa fácil encarar essa realidade. Muitas vezes, nossa mente começa o processo de autopreservação e embota os sentidos aos poucos, para que possamos passar adiante sem sermos atropelados inúmeras vezes pelo choque que é vivenciar esses encontros. Uma consequência disso é a perda da expressão autêntica. “Os seus transeuntes comportam-se como se, adaptados à automatização já só conseguissem se exprimir de forma automática. O seu comportamento é uma reação aos choques.” (BENJAMIM, 2015, p. 130).

2.1 A DESIGUALDADE SOCIAL E O PRECONCEITO

Bauman (2008) pesquisa o tema das grandes cidades a partir de uma crítica da pós-modernidade, ou do que ele chama de "modernidade líquida", que teve como marco inicial a queda do muro de Berlim. O autor elucida algumas questões pertinentes às discrepâncias sociais afirmando que, enquanto o capitalismo ainda possuía uma taxa de crescimento e lucro proporcionais ao volume de trabalho empenhado, os "desempregados" constituíam uma força de trabalho reserva, que, se necessário, estaria disponível para o serviço ativo do Exército. Por isso, em princípio, o Estado de bem-estar social foi aceito, quando toda a sociedade estava em situação de pobreza no contexto do pós-guerra. Os “pobres” e “incapacitados” de então eram a força de reserva que a nação tinha e que podia acionar a qualquer momento. Eles não eram pobres ou inválidos. Eles *estavam* nessa circunstância, que era claramente transitória.

Portanto, na Europa entre guerras, alimentar e cuidar dessas pessoas não tinha o objetivo de manter todos os cidadãos para que tivessem uma vida tranquila. Tal política funcionava como um tipo de investimento, já que essas pessoas precisavam estar bem para que, a qualquer momento em que fossem chamadas, estivessem prontas e saudáveis para lutar (BAUMAN, 2008). Então, quando a sociedade se recuperou minimamente dos efeitos das guerras, aqueles que estavam à margem foram sendo considerados os “párias” da sociedade. E com isso o incômodo gerado por eles foi só aumentando:

Nas definições populares norte-americanas dos membros das “classes baixas”, pessoas atingidas pela pobreza, mães solteiras, jovens expulsos das escolas, viciados em drogas e criminosos em liberdade condicional estão lado a lado. O que os une e justifica empilhá-los juntos é que todos, por alguma razão, são uma “carga para a sociedade”. Ficaríamos melhor e mais felizes se eles milagrosamente desaparecessem. (BAUMAN, 2008, p.102)

Segundo o entendimento de Bauman (2008), nesse atual *ethos* capitalista, a pessoa em situação de precariedade social muitas vezes é entendida como o problema em si e não como um resultado de situações sociais que colocam os indivíduos em situação de vulnerabilidade. Isso torna a compreensão acerca da importância das políticas de Estado para as pessoas em situação de marginalidade social mais difícil.

A tarefa do serviço social deveria ser, dizem, livrar-se dos desempregados, incapacitados, inválidos e outras pessoas indolentes que, por uma razão ou outra, não podem ganhar seu próprio sustento e assim dependem da ajuda e do cuidado sociais para sobreviverem; e isso evidentemente não está acontecendo. (BAUMAN, 2008, p.96)

Em rodas de conversa informais, muitas vezes, ouvem-se críticas acerca de programas sociais destinados à pessoas mais pobres. Não necessariamente porque elas acreditem que as pessoas mereçam perecer na fome, mas porque, em geral, pensa-se que isso torna as pessoas dependentes. Elas ficariam, de alguma forma, condicionadas a nunca se desenvolverem sozinhas, tornando-se presas fáceis de políticos que se aproveitam dessa necessidade para se manterem no poder.

A própria ideia de dependência é vista como uma falta grave. “‘Dependência’ tornou-se um palavrão: refere-se a algo de que as pessoas decentes deveriam se envergonhar” (BAUMAN, 2008, p.96). A lógica vigente é a de que pessoas “de bem” são as que trabalham para ganhar o seu sustento e não dependem de ações do governo ou de outras pessoas para viver. Então, quem não se encaixa nesse padrão pode tornar-se um problema aparentemente sem solução, ou pelo menos, sem um prazo definido para sair dessa circunstância. Nesse sentido, o autor nos alerta que:

A moralidade tem apenas a ela mesma para se apoiar: é *melhor* se preocupar do que lavar as próprias mãos, melhor ser solidário com a infelicidade do outro do que ser indiferente, é muito melhor ser moral, mesmo que isso não faça as pessoas mais ricas nem as companhias mais lucrativas. (BAUMAN, 2008, p.109)

No entendimento do autor, apesar desses problemas, o ideal seria escolher se preocupar, ou, pelo menos, escolher tomar partido, ao invés de ser indiferente às dificuldades alheias, ou seja, não se render ao automatismo inerente ao cidadão (BENJAMIN, 2015).

Benjamin (2015) percebe a pobreza de experiência existente no mundo moderno, e embora não tenha um discurso saudosista, constata que a tradição vai-se perdendo cada vez mais. O conselho dos mais velhos, por exemplo, vai perdendo seu valor diante das informações instantâneas dos meios de comunicação. Ou seja, vivemos em um mundo cada

vez mais imediatista e que procura dar mais ouvidos aos desejos imediatos do que às necessidades mais profundas do ser humano.

É preciso então, para o autor, admitir a pobreza de experiência que acomete toda a humanidade, e, a partir daí, direcionar o olhar para o futuro. Benjamin entende que o resultado dessa pobreza de experiência, para esse novo bárbaro, é que ela “leva-o à começar tudo de novo, a voltar do princípio, a saber viver com pouco, a construir algo com esse pouco, sem olhar nem à esquerda nem à direita” (BENJAMIN, 2015, p.87). Isso significa, para ele que, apesar de um cenário difícil e pobre de experiência, podem surgir possibilidades de reconstrução, que em outras circunstâncias não seriam pensadas.

Importante salientar que essa pobreza de experiência não tem a ver com ignorância ou com a falta de conhecimento. Muito pelo contrário, trata-se de uma geração de pessoas que deseja consumir o mundo, mas ao mesmo tempo, não consegue (e nem quer) experienciá-lo. A experiência exige uma atenção às tradições que o novo bárbaro não consegue mais desenvolver. Tudo se passa em um *rendez-vous* de imagens e informações tão grande, que se torna inviável obter qualquer coisa mais profunda que uma mera vivência. O autor entende que as pessoas

[...]aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e claramente sua pobreza externa e interna, que algo de decente possa resultar disso. Nem sempre eles são ignorantes ou inexperientes. Muitas vezes podemos afirmar o oposto: eles ‘devoraram’ tudo, a ‘cultura’ e os ‘homens’, e ficaram saciados e exaustos. ‘Vocês estão todos tão cansados - e tudo porque não concentraram seus pensamentos num plano totalmente simples, mas absolutamente grandioso! (BENJAMIN, 1987, p.119)

Assim, não sendo mais possível olhar para trás e absorver o conhecimento dos antigos, da tradição, do experimental, os novos bárbaros olham para frente, cansados e sonhadores, e procuram transformar essa circunstância catastrófica em algo positivo. Talvez essa seja a única saída, visto que a tradição da narração, somente possível por meio da experiência, depende do tempo, e que este, cada vez mais escasso, hoje é sinônimo de dinheiro. Produzir incessantemente é a máxima que acomete as sociedades contemporâneas, enquanto parar para olhar o mundo ao redor é uma *perda* de tempo. Essa ideia de perda está ligada justamente a uma ideia de consumo. Se não consumo algo, ele está perdido. É preciso consumi-lo, não o contemplar.

Contemplação é sinal de falta de produtividade, e conseqüentemente, falta de utilidade. Só são úteis aqueles que produzem, que tomam a vida nas mãos e a consomem. Experienciar a vida não tem mais sentido, já que a única coisa possível é *vivenciá-la*. Registra-se tudo porque a única possibilidade de nos certificarmos de que algo

realmente aconteceu - já que tudo é tão fugaz - é, justamente, transformar em patrimônio exterior a nós tudo aquilo que não podemos mais traduzir em experiências adquiridas.

Tornam-se então claros o que separa a fotografia da pintura e a razão pela qual não pode haver um princípio "formal" único que sirva para ambas: para o olhar que não se sacia perante um quadro, a fotografia representa antes aquilo que a comida é para a fome ou a bebida é para sede. (BENJAMIN, 2015, p.142)

Isso se expressa de forma potente quando pensamos nas redes sociais. É um ambiente onde desesperadamente é preciso falar de si como alguém que vive tudo, sabe tudo e está em todos os lugares. Para provar isso, tiram-se fotos. Como se, de forma tão rápida quando o clique de uma foto, as pessoas precisassem dizer para si e para a sociedade o quanto elas acreditam terem vivido aquela experiência, e ao extremo. O mundo virtual tornou-se, de certa forma, a "materialização" (se é que essa palavra é possível nesse ambiente) dessa torrente de informações e representações das sensações, cada vez mais banalizadas e superficiais, do mundo contemporâneo.

Embora exista frieza e fluidez nas relações sociais pautadas nas redes virtuais, é possível encontrar, mesmo que com limitações, possibilidades de novas abordagens. O Projeto Rio Invisível, mesmo ciente destas limitações, utiliza o meio para ressignificar a imagem das pessoas em situação de rua e revelar suas narrativas. Esse grupo, de alguma forma, transformou esse ambiente "bárbaro" em um lugar onde pode existir resistência, nem que seja pela memória. Ao invés de fugir desse ambiente, é preciso mergulhar nele e propor possibilidades de aprofundamento das experiências sensoriais. Em um mundo onde se exalta o belo, é interessante mostrar o ponto fora da curva, trazer para as pessoas a visão de um mundo que parece invisível, mas que, na verdade, tem sua visibilidade negada por não ser belo. Ao trazer a narrativa de vidas que usualmente não fazem parte do padrão instituído do belo e do feliz, o projeto pode trazer consigo algo significativo e gerar reflexão a respeito do assunto, pois, como afirma Simmel (2013, p.94), "a lembrança do dito é infinitamente mais rica e sólida, e, na verdade, estabelece por si só a imagem da personalidade como totalmente única e pessoal."

É o exercício de ouvir que torna possível uma reflexão acerca da experiência do outro, pois facilita o entendimento acerca da realidade dele. É evidente que o efeito pode ser oposto, ou até mesmo nulo, mas a tentativa de tornar essa discussão possível é válida por si só. Para aumentar as chances de sucesso dessa empreitada, é preciso observar a situação com o realismo necessário e colocar as mãos à obra. Nessas circunstâncias, somos convidados a ser

esse novo bárbaro e fazer “tabula rasa” (BENJAMIN, 2015), como fazem os grandes criadores, para inventar algo novo e impensável anteriormente.

2.2 A MEMÓRIA E A VULNERABILIDADE

A vulnerabilidade é um fenômeno que atinge a todos os seres, porém se manifesta com maior ou menor força, dependendo de alguns condicionantes. Quanto mais um indivíduo é distante de nós, mais dificilmente teremos o sentimento de luto pela perda e a violência sofridas por ele. Judith Butler (2006) nos chama atenção para a existência de uma vulnerabilidade inerente aos corpos, mas também nos alerta que alguns corpos são mais vulneráveis que outros, e ainda, que a violação ou morte de alguns desses corpos é mais passível de luto do que outros. Por que isso ocorre? Segundo a autora, isso ocorre enquanto não se admite que, em alguma instância, somos todos vulneráveis. Embora ela não tenha a pretensão de propor uma definição universal de ser humano, sugere “uma concepção mais geral do humano, pela qual estamos desde o começo entregues ao outro” (BUTLER, 2006, p.57, tradução nossa). Isso significa que quanto mais pensamos no outro como alguém que, de alguma forma, tem alguma relação conosco, mais fácil fica de não ignorarmos seu sofrimento.

Certas vidas estão altamente protegidas, e o atentado contra a sua santidade basta para mobilizar as forças da guerra. Outras vidas não gozam de um apoio tão imediato e furioso, e não se qualificariam, inclusive, como vidas que “valham a pena”. (BUTLER, 2006, p. 58, tradução nossa)

Ao articularmos essa teoria com a realidade das pessoas em situação de rua, não podemos negar que o pouco que se sabe sobre suas vidas é uma narrativa sobre eles, não falada por eles, colocando essas pessoas em um espaço diferenciado, em uma relação “nós-outros”. Ignoramos a existência dessa vulnerabilidade que nos cerca, não nos permitindo o luto pela perda do outro, já que é difícil compreender-nos interligados o suficiente para que esse sofrimento seja nosso também. Fazer isso é tirá-lo da condição de “irreal”, de espectral, em que esse outro é colocado por conta do discurso desumanizante, que também tira sua própria condição de ser vivente (BUTLER, 2006). É notório que isso é só um exercício que, a princípio, só interessa a quem já está, de alguma forma, simpatizando com o assunto, ou que nunca teve pensamentos hostis com relação à população em situação de rua ou outro grupo considerado marginal. Assim, pela própria natureza das redes sociais digitais, pode ser que o alcance dessa reflexão seja um pouco mais amplo e traga uma centelha de interesse às pessoas mais indiferentes ao problema.

Ao admitirmos que existem pessoas nessas condições, podemos tentar desenvolver uma outra consciência acerca delas e nos colocar em luto diante da sua dor. Butler (2006, p.57, tradução nossa) nos convida a “elaborar o luto e transformar a dor em um recurso político”. Com isso, podemos desenvolver uma identificação com o sofrimento do outro e conseqüentemente, reagir ativamente, podendo até chegar a uma atuação política e militante em prol da população em questão.

Ferenczi (1992) também compreendeu, ao longo de seus estudos psicanalíticos, que, na verdade, a base do trauma reside não exatamente na experiência do sofrimento em si, mas acima de tudo, na maneira como ele é recebido por aqueles que fazem parte da vida do traumatizado. Ou seja, quando ele sofre descrédito, ele não é compreendido como sujeito, e sofre então um aniquilamento subjetivo. O autor trabalha com traumas infantis, mais especificamente, com os que são relacionados a abusos sexuais. Aqui, podemos também pensar no quanto os grupos que vivem à margem da sociedade sentem os efeitos da desconsideração de sua fala, e até da sua própria existência. Como Butler (2006) salienta, apesar de todos sermos vulneráveis, podemos perceber que uns o são mais do que outros, e alerta para uma triste realidade: todos os dias, nas favelas, nas ruas, nos países em guerra do Oriente Médio, ou na África, morrem milhares de pessoas inocentes. Seria interessante, portanto, pensar a dimensão da pessoa em situação de rua a partir de condições “políticas” do bem viver em sociedade, que, de alguma forma, afeta a todos os envolvidos, seja a população que está na situação de marginalidade social, ou não. Para que tais políticas possam abarcar as necessidades dessa população como um todo, seria necessário ouvi-la, compreendendo a importância do seu espaço de fala.

Infelizmente, nos acostumamos com o cenário em que vivemos e as notícias quase nunca nos provocam comoção. Então, eis a pergunta que Judith Butler se faz:

De que modo nossos marcos culturais para pensar o humano põem limites sobre os tipos de perda que podemos, de fato, reconhecer como uma perda? Com efeito, se alguém desaparece e essa pessoa não é nada, então o que e onde desaparece, e como pode ter um lugar de luto? (BUTLER, 2006, p. 59, tradução nossa)

Muitos cidadãos morrem todos os dias, vítimas da violência urbana. Quando se analisa a ênfase que certos grupos recebem ao vivenciar uma perda, é possível perceber que, poucas vezes, a perda de um morador de rua é noticiada ou compreendida como importante o suficiente para ser passível de luto. Isso acontece porque é difícil sentir a dor da perda a respeito de pessoas, quando não se sabe quem são e que perdas elas realmente representam para a sociedade.

Pollak (1989) trabalha bem esse processo de silenciamento de grupos que se encontram em situações-limite. O autor faz uma análise crítica acerca do conceito de memória coletiva estudado por Halbwachs (2004), que entende a memória coletiva como coesiva e não como instrumento de coerção. Para Halbwachs (2006), que era contemporâneo e simpático às ideias de Durkheim, a memória coletiva chegava ao seu ápice de coesão quando pensada em termos de uma nação inteira. As memórias dos grupos têm o poder de mantê-los unidos, e para isso, era preciso que essas memórias não contivessem discordâncias, caso contrário elas não seriam coletivas. Isso se aplicava desde uma dupla de amigos até um país inteiro. Pensar, então, uma memória nacional era entender que um povo possuía memórias comuns que os identificavam como provenientes de tal nação.

Ainda para Pollak (1989), ficavam de fora dessa concepção de memória muitos grupos que não se viam representados pela dita memória oficial e coletiva. Ele vê na história oral a possibilidade de os grupos marginalizados terem suas histórias ouvidas e suas memórias colocadas em disputa, e afirma que:

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "Memória oficial", no caso a memória nacional. Num primeiro momento, essa abordagem faz da empatia com os grupos dominados estudados uma regra metodológica e reabilita a periferia e a marginalidade. Ao contrário de Maurice Halbwachs, ela acentua o caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva nacional. Por outro lado, essas memórias subterrâneas, que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados. A memória entra em disputa. (POLLAK, 1989, p.4)

Com ajuda das redes sociais virtuais, as memórias subterrâneas das pessoas em situação de rua podem ser ouvidas (ou lidas, no caso do Facebook) e entrar em disputa com as memórias que estão oficialmente sendo lidas, vistas e ouvidas nas instituições que tradicionalmente guardam e divulgam as memórias. Ainda segundo o autor, “os rastros desse trabalho de enquadramento são os objetos materiais: monumentos, museus, bibliotecas, etc” (POLLAK, 1989, p.11), isto é, espaços que materializam o enquadramento de memórias, e que se caracterizam como elementos importantes, tanto para manter as fronteiras sociais como também para manter as estruturas sociais coesas. A memória subterrânea localiza-se na ausência de alguns elementos desse enquadramento.

Memórias que são silenciadas são esquecidas, e por isso, mesmo para quem as vivenciou, podem parecer sem valor. Esse silêncio, como o autor bem coloca, não necessariamente significa um esquecimento, mas, frequentemente, a falta de um interlocutor. Só é possível sair dessa condição quando existe alguma oportunidade, que é atingida mediante

árido trabalho, pois nem sempre é fácil remexer em memórias que, muitas vezes, trazem desconforto, vergonha, e até mesmo tristeza. Só então, a partir de um esforço grande de quem evoca essas memórias e de quem as viveu, pode-se confrontá-la com a memória dita coletiva.

3 RIO DE JANEIRO: (MARAVILHA?) MUTANTE

“O Rio é uma cidade
De cidades misturadas
O Rio é uma cidade
De cidades camufladas
Com governos misturados
Camuflados, paralelos”
(ABREU, FAWCETT, LAUFER, 1992)

No presente capítulo, abordaremos a trajetória dos marginalizados do Rio de Janeiro, a partir de alguns recortes temporais, analisando, por meio de documentos escritos e fotográficos, os diferentes olhares acerca de grupos historicamente periféricos. Hoje, ao olhar a cidade, é possível ver de tudo um pouco, mas todos os bairros têm, em comum, a presença, mais ou menos extensiva, de pessoas em situação de rua. Os invisíveis (ou não) “moradores” das ruas atualmente somam o expressivo número de 15 mil pessoas na cidade².

Voltemos um pouco no tempo. Bem antes de ser a metrópole que se tornou, essa terra foi habitada, durante muitos anos, pelos povos indígenas de origem tupi, que vieram se espalhando pela costa do Brasil, vindos da Amazônia. Depois, foi sendo gradualmente habitada pelos portugueses, que chegavam aqui em busca das promessas de ouro ou outras atividades relacionadas ao extrativismo. Com a chegada dos franceses, houve uma luta pelo domínio do local, tendo os tamoios escolhido o lado francês e os tupiniquins se aliado aos portugueses, que acabaram levando vantagem nessa disputa. Finalmente, a cidade foi denominada São Sebastião do Rio de Janeiro e fundada no dia 1º de março de 1565.

No dia seguinte, 1º de março de 1565, ordenou Estácio de Sá o desembarque – que se fez tomando terra junto a um penedo altíssimo e outra penedia que por outro lado cercava, com que ficava em parte defendido, e, nesse lugar de abrigado porto e matas ao redor, Estácio de Sá lançou os fundamentos da cidade a que chamou de São Sebastião do Rio de Janeiro, honrando ao rei de Portugal – dom Sebastião. (GONÇALVES, 2004, p.43)

Nesse momento, o Rio de Janeiro passava a ser visto pela metrópole portuguesa como uma cidade com potencial de lucro e começa a ter alguma importância no processo de colonização. Daí em diante a história da cidade, tanto topograficamente, quanto socialmente, foi gradualmente sendo modificada, e aqueles que antes eram os habitantes nativos desta terra, foram sendo cada vez mais marginalizados. Com o tempo, o tráfico de escravos africanos foi ficando cada vez mais forte e os negros traficados da África e seus descendentes passaram a fazer parte desse grupo marginal.

² <http://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?id=6982189>

Em 1763, o Rio de Janeiro torna-se capital do vice-reino do Brasil e da colônia, pois assim era mais fácil proteger a cidade, que se tornara estratégica, já que era o acesso mais próximo entre as minas e o mar. Eleva-se, assim, o status da cidade, fazendo com que ela também crescesse em termos populacionais, o que trazia consigo o aumento das desigualdades sociais. Em 1808, acontece outra mudança drástica para a cidade: a família real, por pressões políticas advindas do iminente ataque da França de Napoleão a Portugal, decide vir para o Brasil, mudando a sede do Império, que ficava em Lisboa, para o Rio de Janeiro.

Nesse momento, para abrigar a corte real, houve muitos esforços para que a cidade fosse modernizada e saísse do status de colônia para capital imperial. Até aquele momento, mesmo com os esforços dos vice-reis para tentar melhorar a situação da cidade, havia pouco investimento em infraestrutura. O maior problema da época, para o povo europeu que chegava aqui, eram as condições de salubridade.

A estrutura urbana encontrada pela família real foi em grande parte construída por Luis de Vasconcelos e Sousa, que administrou a cidade entre os anos de 1778 e 1790. O vice-rei é considerado autor da primeira remodelação urbana do Rio de Janeiro e precursor das intervenções voltadas à adequação da cidade aos conceitos modernos das capitais europeias, atuando não só na expansão da estrutura urbana, mas também nos usos desses espaços. Sua gestão é conhecida principalmente pela construção do Passeio Público e reurbanização do Largo do Carmo, expressões da prosperidade da época. (CARVALHO, 2014)

E foi justamente esse modelo que norteou as grandes obras que mudaram o aspecto da cidade durante o império. Nesse momento, os escravos eram usados nas grandes fazendas, que então eram a grande fonte de renda do império, tendo o ouro já se tornado cada vez mais escasso. Com o tempo, à medida que a cidade ia “progredindo”, ia também ficando bem evidente a desigualdade social, em que uma pequena elite se beneficiava dos feitos da modernidade, enquanto uma maioria de pobres e escravos seguia habitando áreas menos favorecidas da cidade.

A transformação do Rio de Janeiro em corte real tinha de envolver a marginalização da estética e das práticas que não conseguiam refletir essa mudança. Era consenso entre as classes dominantes que não ser mais colônia significava adotar um projeto colonial: civilizar-se. (CARVALHO, 2014)

Civilizar-se significava tanto modificar as estruturas urbanas da cidade, quanto disciplinar as pessoas, de modo que essa nova capital espelhasse, de alguma forma, os modos "superiores" da corte que chegava.

Em 1822, D. Pedro I declara independência de Portugal e torna o Brasil um império. Com isso, a cidade do Rio torna-se a capital do império do Brasil e mantém seu status assim como a responsabilidade de ser a cidade modelo. Assim a cidade vai caminhando, e como estava, cada vez mais, interagindo e sofrendo as interferências do cenário internacional, sofre também pressões para abolir a escravidão. Antes da Lei Áurea, já existiam iniciativas por parte do governo no sentido da libertação dos escravos, mediante pagamento para o antigo proprietário. Uma delas era chamada de Fundo de Emancipação de Escravos, segundo alguns documentos que analisamos durante uma pesquisa no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ).

Portanto, antes do ano de 1888, era possível encontrar negros livres pela cidade. Porém, ao mesmo tempo em que eram feitos esforços nesse sentido, as condutas (inclusive dos agentes da corte) não necessariamente acompanhavam esse processo. Segundo consta na documentação analisada no AGCRJ, a partir da ocorrência de crimes cometidos por negros libertos, era necessário que se realizasse uma revista em todos os negros e se separassem os grupos dos quais eles estivessem participando. Eis a transcrição de parte do ofício emitido pelo juiz de paz Eusébio de Queirós Coutinho Matoso – a mesma figura histórica que proibiu, por lei, a entrada de africanos escravizados no Brasil via Oceano Atlântico – sobre o assunto.

Constando-me por informações oficiais, que os capoeiras continuam em seus costumados desatinos, principalmente de noite, cumpre que V.S. dê as mais terminantes ordens, a fim de **que sejam apalpados todos os pretos que forem encontrados, e dissolvidos os seus ajuntamentos, quer nas ruas, quer nas tavernas**; procedendo V.S. contra os taberneiros que admitirem essas reuniões. Deus guarde V.S. Rio, 18 de junho de 1836. Ilm Juiz de Paz do 1º Distrito da Candelária Euzébio de Queirós Coutinho Mattoso da Câmara. (BR RJAGCRJ.CM.ESC.40.3.78, p.3, grifo nosso)

No trecho grifado acima, é possível perceber que, para além dos praticantes efetivos da capoeira, atividade criminalizada na época, a mera junção de negros nas ruas ou estabelecimentos era vista como um problema, e instituiu-se o “apalpamento” desses negros. Portanto, libertos ou não, eram reconhecidos como indivíduos perigosos, justificando e embasando atitudes de estigmatização que são vistas até os dias de hoje.

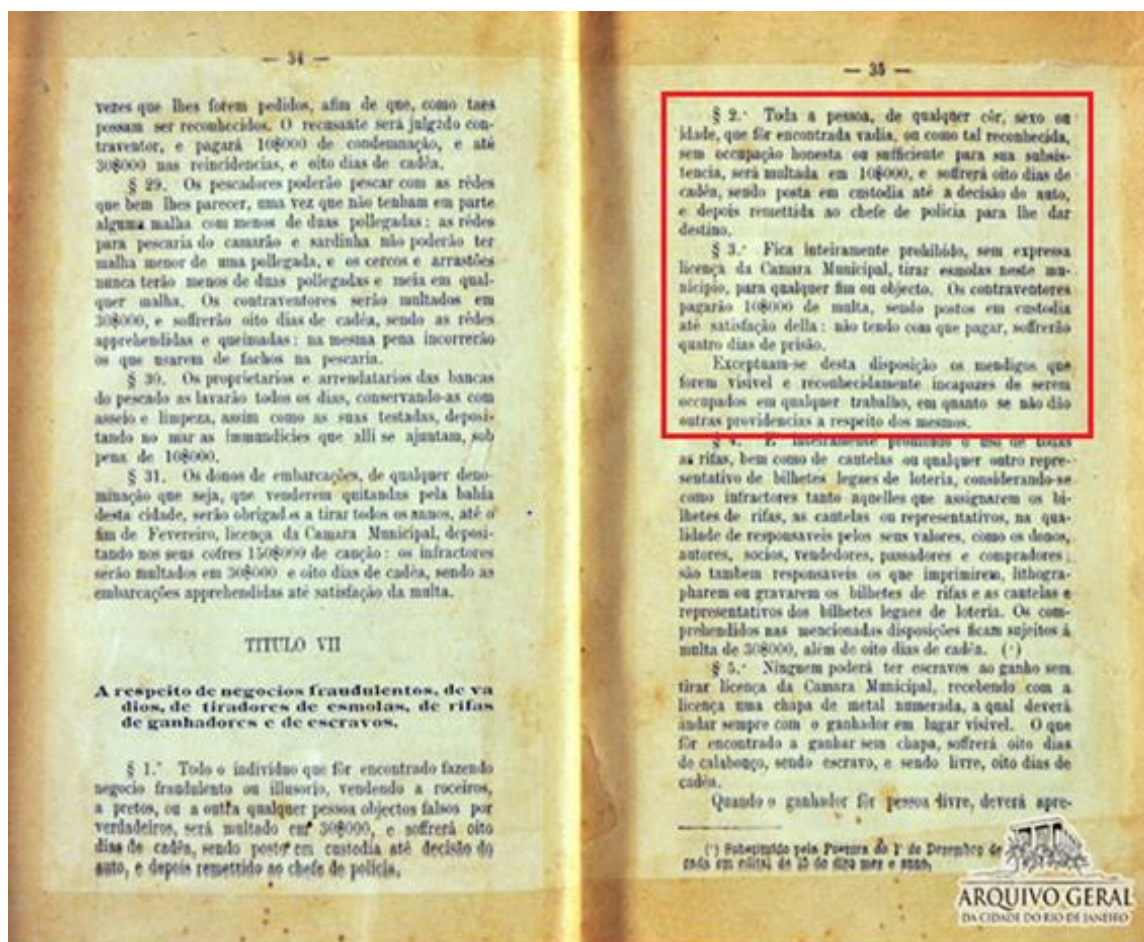
Em 1888 foi promulgada a lei Áurea, devido à grande pressão internacional que o país sofria, considerando que éramos o último país do mundo a manter a escravidão. Estava em curso, pelo mundo a fora, a segunda Revolução Industrial, e a escravidão tinha virado um empecilho para o desenvolvimento do capitalismo. Porém, até que a abolição fosse possível, a Coroa enfrentou forças antagônicas dentro do país. De um lado, abolicionistas exigiam o fim dessa prática, e de outro, os grandes latifundiários mantinham-se irredutíveis contra o fim da

escravidão. Apesar de todas as dificuldades, em 13 de maio, é abolida a escravidão no Brasil, e instituída, por lei, a proibição de escravizar e vender negros.

Apesar da abolição ter acabado legalmente com o tráfico e com a prática da escravidão, outro problema começou a surgir: não havia espaço para os negros no mercado de trabalho. Na verdade, não havia interesse em inseri-los. Embora os negros tivessem sido legalmente libertos, a sociedade ainda os hostilizava. Assim, no Brasil, milhares de negros começaram a viver sua liberdade em condições de subalternidade, indo até as periferias para viver. Havia mais do que uma questão legal envolvida: tratava-se de uma sociedade bastante desigual, em que havia os ricos cortesãos, os profissionais liberais, os escravos, e pessoas muito pobres que, apesar de livres, viviam em condições de subalternidade análogas à escravidão. Havia também aqueles que não possuíam condições para sua subsistência e viviam nas ruas, como ocorre hoje. A cultura escravocrata arraigada na sociedade, traz seus reflexos até os dias atuais.

A partir de pesquisa nos arquivos, foi possível perceber que, em fins do século XIX, já se encontrava, na documentação, alguma menção à existência de pessoas em situação de rua. Essas pessoas apareciam nos textos como “vadias” ou fisicamente “incapazes” e por isso surgiam como um problema a ser resolvido. Procurava-se, em geral, exilá-las em alguma instituição, seja asilo ou prisão. Eis um exemplo, na página seguinte.

Figura 1 - Documentação referente às políticas públicas adotadas pelo Rio de Janeiro para a questão dos mendigos em fins do século XIX.



Fonte: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro - BR RJAGCRJ.CM.POM.2.2.007 (destaque nosso)

Na imagem acima, é possível observar no Título VII, nos parágrafos 2º e 3º, que ele afirma que:

Toda pessoa de qualquer côr, sexo ou idade, que for encontrada vadia, ou como tal reconhecida, sem occupação honesta, ou sufficiente para sua subsistencia, será multada em 10\$000, e sofrerá oito dias de cadêa, sendo posta em custodia até a decisão do auto, e depois remetida ao chefe de policia para lhe dar destino. **Fica inteiramente prohibido, sem expressa licença da Câmara Municipal, tirar esmolos neste município, para qualquer fim ou objecto.** Os contraventores pagarão 10\$000 de multa, sendo postos em custodia até satisfação della: não tendo com o que pagar, sofrerão quatro dias de prisão. **Exceptuam-se desta disposição os mendigos, que forem visivel e reconhecidamente incapazes de serem occupados em qualquer trabalho, enquanto se não dão outras providências a respeito dos mesmos.** (BR RJAGCRJ.CM.POM.2.2.007, p. 35, grifo nosso)

É possível perceber, a partir deste documento, que a mendicância era considerada crime, e era necessário um reconhecimento público para se admitir que alguém realmente não tinha condições de ter uma occupação. Até então, essa avaliação era subjetiva, já que não havia um critério definido para se provar que uma pessoa não tinha realmente como ganhar seu

próprio sustento. Além disso, não se sabia o que fazer com essas pessoas, e deixava-se essa questão em aberto até que pudessem ser tomadas providências.

Com a chegada da República, a partir do fim do século XIX, a necessidade de se aproximar do modelo de cidade europeia continuou a crescer, e como o centro cultural do mundo ocidental nesse momento era Paris, esse era o modelo a ser seguido. Porém, situações de mendicância e "vadiagens" eram incompatíveis com os propósitos de modernização da época e precisavam ser controlados. Começa mais um período de grandes transformações urbanísticas, sanitárias e sociais na cidade.

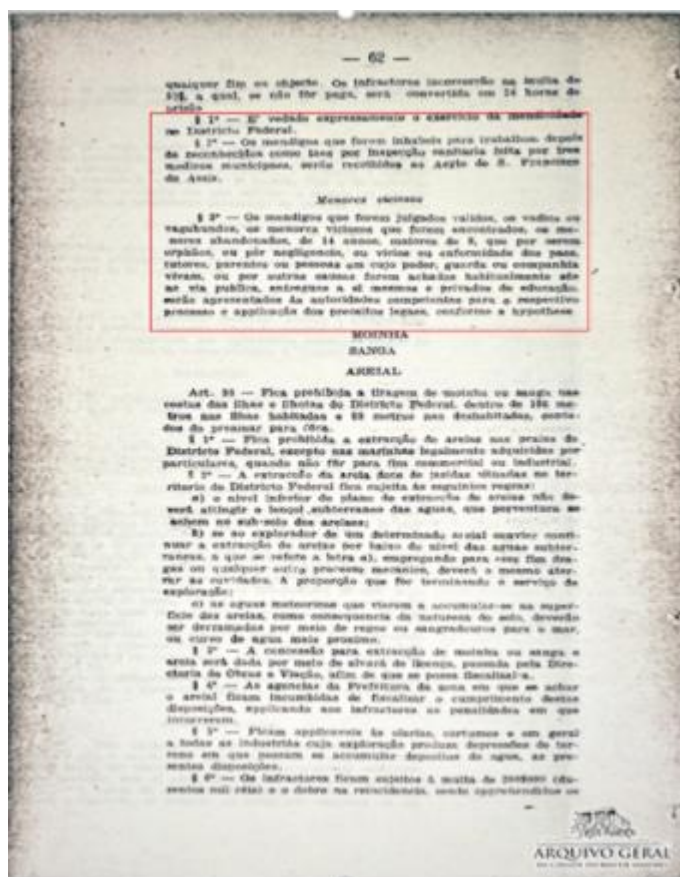
3.1 A BELLE ÉPOQUE CARIOCA

Em 1889 foi proclamada a República e a família real é exilada. É nesse momento, denominado “República Velha” (1889-1930), que mais mudanças são sentidas na cidade. Nesse contexto de virada de século, as grandes cidades começam a surgir na Europa, e o modo de vida francês torna-se o modelo a ser seguido. A *belle époque* (bela época) carioca toma forma no governo de Francisco Pereira Passos, que foi nomeado prefeito em 9 de janeiro de 1902. Ele causou grandes impactos à cidade, tendo sido conhecido por tentar transformar a antiga capital do império e, nesse momento, capital republicana, em uma cidade tão moderna quanto as europeias. Nessa tentativa, além das obras que mudaram radicalmente a paisagem da cidade, foram instituídos também alguns decretos para proibir hábitos dos moradores (mais pobres) da cidade.

Exemplares neste particular foram os decretos de 9 de janeiro de 1902 que proibiram, no Centro da Cidade, o comércio ambulante de leite, efetuado com o auxílio do gado bovino, a venda de miúdos de reses em tabuleiros descobertos e a venda de bilhetes lotéricos em ruas, praças e bondes. [...] Outras proibições decretadas: esmola nas ruas, pingentes dos bondes, cuspidura no assoalho do bonde e criação de porcos no Distrito Federal (PINHEIRO; FIALHO, 2006, p. 5).

Apesar de ser uma cidade já considerada grande para a época, a capital ainda possuía hábitos tipicamente rurais e a maioria de sua população vivia em condições precárias, com mazelas sociais bem evidentes, em um ambiente que em nada se aproximava do padrão europeu de “civilização”, além de muitas vezes insalubres. Vale ressaltar que, no trecho acima, uma das proibições era pedir esmolas, atividade tipicamente ligada à população que vive nas ruas. Portanto, é possível perceber não uma invisibilização, mas uma criminalização do próprio fato de morar nas ruas. A Figura 2 mostra um exemplo das políticas que se seguiram.

Figura 2 - Documentação referente às políticas públicas adotadas pelo Rio de Janeiro para a questão dos mendigos no início do século XX, em 1928.



Fonte: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro - BR RJAGCRJ.CM.POM.5.92.001 (destaque nosso)

No documento acima, retirado da base de dados do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, o Arquivo Virtual, é possível observar que na ocasião, o ato de pedir esmolas era ainda era considerado um crime. O artigo 97, em seu parágrafo 1º diz “É vedado expressamente o exercício da mendicância no Distrito Federal”. No parágrafo seguinte, é explicitado que existem situações em que as pessoas podem ser consideradas incapazes de ter seu próprio sustento, não sendo então consideradas criminosas. Porém, não era permitido que elas permanecessem na prática da mendicância.

Segundo o parágrafo 2º do mesmo artigo: “Os mendigos que forem inábeis para trabalhos, depois de reconhecidos como tais por inspeção sanitária feita por três médicos municipais, serão recolhidos ao Asilo de São Francisco de Assis” (grifo nosso). Este documento data de 1928. Nele, já é possível ver uma tentativa por parte das autoridades de dar uma destinação para os moradores de rua que fossem realmente considerados inábeis para o trabalho.

Nessa mesma época, havia um grande cronista chamado Paulo Barreto, que usou o pseudônimo João do Rio, e que narrou o cotidiano da cidade nesse período. Buscou pessoas e

suas histórias, e as compilou em um livro chamado "A Alma Encantadora das Ruas". Ele era o *flâneur* das ruas do Rio, e observava as mudanças da cidade, e principalmente as pessoas dessa cidade, que eram impactadas com a modernização. Mas ele não se limitava a observar. Observava, interagia e escrevia sobre o que via, em especial, sobre as pessoas que viviam à margem desse processo. Foi cronista, mas antes disso, um etnólogo. É figura fundamental quando se pensa em um olhar sobre a cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Falou desse Rio que a modernidade tentava deixar para trás a duras penas, mas que como bem constatou o cronista, denunciavam sua existência em todos os beco e vielas, morros e calçadas.

Do fundo desse emaranhamento de vício, de malandragem, gatunice, as mulheres realmente miseráveis são em muito maior número que se pensa, criaturas que rolaram por todas as infâmias e já não sentem, já não pensam, despidas da graça e do pudor. Para estas basta um pão enlameado e um níquel; basta um copo de álcool para as ver taramelar, recordando a existência passada. (RIO, 1995, p. 77)

Na crônica em questão, após explicitar sucessivos casos de homens e mulheres que tinham de fato a mendicância como forma de vida, quase um trabalho que lhes garantia a subsistência, fala dessas mulheres que, por alguma razão, viviam na mais completa miséria. Seu livro de crônicas está cheio de histórias desse tipo. Ali ele trazia algo realmente novo, algo que, de alguma forma, ia de encontro com o que se esperava do filho da grande cidade: no lugar de ignorar a multidão e se proteger dos choques, ele vai até eles, procura suas histórias, quer saber mais a respeito da vida que emerge das ruas.

Em quatro dias interrogamos noventa e seis garotos, estrangeiros, negros, mulatos, uma sociedade movediça e dolorosa. Há desde os pequenos que sustentam famílias até os gatunos precoces que se deixam roubar na vermelhinha à beira do cais, entre murros e cachações. (RIO, 1995, p.81)

Era de fato um trabalho muito inovador para época, que elucidava como era a situação da cidade em uma fase de transição intensa. Ele ia até as pessoas e elas falavam de sua vida, algo que tornou possível o conhecimento acerca da vida de pessoas comuns, em sua grande maioria pobres, que viviam em meio a tantas transformações na cidade. O autor chama atenção não só para o sofrimento em que viviam, mas acima de tudo, o quanto elas conseguiam driblar as dificuldades com malandragem e inteligência, ou algumas vezes, por meio de crimes e exploração.

Usando como modelo a Paris do início do século, foi iniciada uma série de obras com o intuito de modernizar a cidade. Com isso, “as avenidas tornaram-se o principal instrumento da remodelação da cidade, atendendo a dois objetivos: a circulação urbana e a transformação das formas sociais de ocupação dos espaços abertos pelas novas artérias” (PINHEIRO;

FIALHO, 2006. p.7). Mas a formação geológica da cidade, muito irregular, dificultava esse processo.

Em março de 1906, diante das enchentes que assolaram a cidade, o governo foi acusado de negligenciar o atendimento às vítimas, sobretudo as dos subúrbios. Os volumosos empréstimos também foram objeto de críticas. Ironizava-se o *modus faciendi* do governo, como numa charge da época: “Derrocam-se casebres; constroem-se palácios...” Em vez do Zé Pereira... a burguesia, a Belle Époque e o seu glamour. (PINHEIRO; FIALHO, 2006, p.5)

Durante esse período, a proposta era uma só: modernizar a cidade, torná-la bela e civilizada como as cidades europeias. Desde a abolição da escravidão, boa parte da população mais pobre da cidade ocupava os “cortiços”. Essas habitações eram comuns e estão presentes também na literatura da época. Aluizio de Azevedo, por exemplo, conta a história de moradores de um cortiço fazendo referência ao famoso “Cabeça de Porco”, em seu livro “O Cortiço”, de 1890. Nele, estão denunciadas as péssimas condições que viviam seus habitantes e a situação da desigualdade social, tão nítida naquele Rio de Janeiro do fim do século XIX:

Não obstante, as casinhas do cortiço, à proporção que se atamancavam, enchiam-se logo, sem mesmo dar tempo a que as tintas secassem. Havia grande avides em alugá-las; aquele era o melhor ponto do bairro para a gente do trabalho. Os empregados da pedreira preferiam todos morar lá, porque ficavam a dois passos da obrigação. (AZEVEDO, Aluizio de.1997, p. 6)

Nesse trecho do livro, é interessante destacar que, os maiores usuários do cortiço eram as pessoas que trabalhavam nas proximidades, em geral, nas próprias obras de modernização da cidade. Esse modelo de moradia foi bem comum nesse momento da história da cidade e essas pessoas foram as primeiras a sentir os impactos da urbanização de Pereira Passos. Começaram, então, as demolições dos morros e das casas, desapropriando as pessoas que moravam nesses locais, que eram inegavelmente inadequados para moradia segura. A grande questão era, nesse caso, como proceder com as obras necessárias, sem que as pessoas que habitavam esses locais ficassem desabrigadas?

Para registrar sua modernização, o prefeito Francisco Pereira Passos contratou Augusto Malta como fotógrafo oficial da prefeitura. Segundo o “Portal Augusto Malta”, ele foi “um fotógrafo que assumiu o projeto das elites e cujas imagens da cidade ajudaram a construir, para o Rio de Janeiro, o Rio da Belle Époque, a imagem de vitrine do Brasil”. Malta registrou não só as mudanças da cidade, como também as pessoas do período, o que significava, também, os excluídos dessa modernização. O renomado fotógrafo tinha o hábito de tirar fotos das pessoas em situação comuns, porque enxergava a fotografia como um documento. Apreciava a ideia de que aquelas fotos fossem fiéis à realidade, portanto, mais

“naturais”. Como as imagens são parte integrante da percepção de mundo da nossa sociedade, elas acabam muitas vezes formando nossa ideia de mundo, como destaca Sontag:

Essa insaciabilidade do olho que fotografa altera as condições do confinamento na caverna: o nosso mundo. Ao nos ensinar um novo código visual, as fotos modificam e ampliam nossas ideias sobre o que vale a pena olhar e sobre o que temos o direito de observar. Constituem uma gramática e, mais importante ainda, uma ética do ver. Por fim, o resultado mais extraordinário da atividade fotográfica é nos dar a sensação de que podemos reter o mundo inteiro em nossa cabeça — como uma antologia de imagens. (SONTAG, 2004, p.13)

Mas como a fotógrafa nos alerta logo a seguir, mesmo os fotógrafos mais interessados em passar a veracidade dos fatos, tendem a ser seduzidos por "imperativos de gosto ou de consciência" (SONTAG, 2004, p.17). Essas imagens não necessariamente tratam da situação em si, mas do recorte que a pessoa tem do mundo. No caso de Augusto Malta, essas imagens revelavam um mundo “moderno” sobrepondo um mundo antigo, ou mesmo um instante de sentimento de tranquilidade ou dor, captados pelas suas lentes. Se João do Rio foi o primeiro a levar a narrativa das ruas da cidade e de seus habitantes para os livros, Augusto Malta foi quem oficialmente registrou essa população em suas lentes, além das grandes obras que tornavam a cidade mais bela, contrastando com a pobreza da população geral.

Figura 3 - Fotografia de Augusto Malta de uma apreensão de carne de porco vendida em via pública.



Fonte: Brasiliana fotográfica

Na fotografia acima, Malta flagrou o momento em que os dois rapazes foram apreendidos vendendo carne de porco na rua, comércio tornado ilegal por Pereira Passos. Os dois senhores olhando para a câmera, enquanto um dos rapazes olha para o chão, tendo

apenas a criança se dirigindo para a máquina fotográfica. Os indivíduos centrais da imagem são, claramente, os rapazes pobres sendo captados pelas câmeras em um ato de delinquência. Nesse sentido, a fotografia de Malta, em seu papel de funcionário da prefeitura do Distrito Federal, contribuiu para que essa memória coletiva acerca da cidade fosse a de um momento de efervescência cultural e constante expansão, além de inúmeros contrastes sociais. Mas as classes baixas, ou pelo menos seu modo de vida, evidenciavam ainda mais a necessidade de mudanças radicais nos costumes e na topografia da cidade, rumo ao seu destino de “Paris dos trópicos”.

Figura 4 - Fotografia de Augusto Malta: Morro da Favella



Fonte: Arquivo Geral da Cidade de Rio de Janeiro - PDF-AM-PC-220-5

Segundo Sontag (2004), a ilusão da fotografia acontece, justamente, por acreditarmos que as fotografias são recortes da verdade, como se toda a realidade acerca de alguém ou alguma coisa estivesse enquadrada naquele clique. Mas é preciso pensar que essa verdade está associada a uma ideologia que a norteia. Quando Malta, em suas fotografias sobre a pobreza ou a riqueza, evidencia um ou outro aspecto, o resultado é, na verdade, um produto da sua escolha, por mais neutras que possam parecer ou que ele próprio pretendesse fazer.

Ao decidir que aspecto deveria ter uma imagem, ao preferir uma exposição a outra, os fotógrafos sempre impõem padrões a seus temas. Embora em certo sentido a câmera de fato capture a realidade, e não apenas a interprete, as fotos são uma interpretação do mundo tanto quanto as pinturas e os desenhos. (SONTAG, 2004, p.17)

Cada fotografia é fruto de uma escolha, consciente ou não. Na imagem acima, tirada no morro que deu nome ao que chamamos hoje de “favelas”, Malta desejava evidenciar um Rio de Janeiro que não seria mais, ou seja, mostrar que a partir do desmonte dos morros, essas imagens seriam parte do passado. Seja uma *selfie* ou uma imagem para uma reportagem, uma fotografia sempre é uma seleção. Eis mais um exemplo da fotografia de Malta, porém, no extremo oposto.

Figura 5 - Fotografia de Augusto Malta da Exposição de 1908.



Fonte: G.Ermakoff - Exposição de 1908

Diferente da fotografia anterior, esta imagem tratava de uma situação que deveria ser tomada como exemplo de como seria o Rio de Janeiro moderno, europeu. Era como fotografar uma imagem que, ideologicamente, representava o futuro da cidade. Há uma seleção, sempre. Segundo Sontag, “uma foto é tanto uma pseudo presença quanto uma prova de ausência” (2004, p.26). Esta afirmação é tão forte quanto real, especialmente quando se trata do público alvo de ambos trabalhos fotográficos. No primeiro caso, trata-se da imagem de um grupo de pessoas que logo não pertenceria mais àquele lugar, que seria destruído para dar lugar às obras de modernização da cidade. Já na outra, vê-se o grupo que, embora não seja o mais característico da cidade, representava aquilo que ela queria ser. Ainda para Sontag,

As câmeras começaram a duplicar o mundo no momento em que a paisagem humana passou a experimentar um ritmo vertiginoso de transformação: enquanto uma quantidade incalculável de formas de vida biológicas e sociais é destruída em um curto espaço de tempo, um aparelho se torna acessível para registrar aquilo que está desaparecendo. (SONTAG, p.26, 2004)

Na passagem acima, é possível perceber o quanto, neste momento histórico, a fotografia marcava a necessidade de tomar momentos e personagens, que de alguma forma não estariam mais por muito tempo naquele espaço após o clique, assim como os moradores dos morros da cidade. Benjamin (2015) também percebe o quanto esse dispositivo foi fundamental a partir desse momento da história.

Os dispositivos das máquinas fotográficas e de aparelhagens semelhantes que vieram depois, alargam o alcance da *mémoire involuntaire*; a aparelhagem permite a qualquer momento fixar um acontecimento em imagem e som. Esses dispositivos tornam-se, assim, conquistas essenciais de uma sociedade em que a atividade prática está em declínio. (BENJAMIN, 2015, p. 141)

A experiência torna-se cada vez mais incomum nesses espaços e a necessidade de congelar um instante no tempo torna-se maior. Além disso, é justamente a fluidez daquele ambiente ou situação que sugere que ele seja digno de ser captado. É preciso registrar para, de alguma forma, tornar aquele evento mais real, e a máquina dá uma impressão de neutralidade que um escrito ou uma pintura não possuem. Assim, é como se naquele momento a prefeitura do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, pudesse provar que estava em processo de mudança, mostrando quem são esses atores e em que circunstâncias vivem, sem que isso parecesse um olhar parcial demais. Mas como nos aponta Sontag (2004), esta é justamente a ilusão da fotografia.

Havia dois tipos de fotografias mais comuns: as que procuravam demarcar uma noção de Rio de Janeiro em vias de se modernizar, que eram as fotos de pessoas da alta sociedade da época, e outra de uma cidade que não seria mais daquele jeito, com seus morros e casebres.

Figura 6 - Fotografia de Augusto Malta dos Casebres do Morro de Santo Antônio.



Fonte: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro - PDF-AM-PC-1481

Uma ressalva deve ser feita: ainda que Malta pretendesse, com essas fotografias, denunciar as desigualdades sociais da época, seria preciso que a sociedade estivesse aberta a ver isso. Como diz Pollak (1989), é necessário que haja um momento ideal para que memórias venham à tona, mas isso não significa que todos se comoveriam ou

procurariam fazer algo a respeito. É importante ter cuidado ao se pensar que a reprodução, por si só, seja geradora de mudanças. As narrativas e fotografias são possíveis geradores de reflexão, e podem gerar reações ou não, a despeito da intenção de quem as criou, mas não necessariamente irão surtir esse efeito, e isso serve tanto para as fotografias de Augusto Malta como também para as da página Rio Invisível. Sontag (2004) usa, como exemplo desse fenômeno, a questão da Guerra da Coréia e o apoio quase unânime a ela.

Abaixo, segue mais um exemplar de fotografia que retratava a pobreza carioca. Crianças na ladeira do Castelo, morro derrubado em 1922, durante as obras do engenheiro e então prefeito Carlos Sampaio. Essas obras faziam parte do projeto de modernização da cidade, já iniciado com o prefeito Francisco Pereira Passos. Com a derrubada do morro, seus restos serviram de aterro para outras áreas da cidade e abriu-se espaço para abrigar a exposição do primeiro centenário da Independência. Eis a fotografia, com os antigos moradores do morro.

Figura 7 - Fotografia de Augusto Malta da Ladeira do Castelo.



Fonte: Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro - PDF-AM-PC-0810

Nessa imagem, fotografada alguns meses antes do desmonte do morro, é possível ver muitas crianças pobres brincando. Malta trabalhava fotografando para a prefeitura, portanto essas fotos eram analisadas pelos agentes do Estado. Mas não havia nelas uma intenção de chocar ou trazer uma crítica ao desmonte, até porque, embora neste espaço funcionassem dispositivos administrativos da cidade e construções emblemáticas como o Colégio dos Jesuítas, a Faculdade de Medicina e a Igreja de São Sebastião, elementos muito mais caros à época justificavam seu desmonte, tais como a modernização urbana e a questão sanitária.

Sontag (2004) diz que o público americano, por exemplo, não viu nas fotos a comprovação da devastação causada pela guerra porque “não havia, ideologicamente, espaço para elas” (2004, p.28), e complementa: “Ninguém trouxe para sua terra natal fotos da vida cotidiana em Pionguiang, para mostrar que o inimigo tinha um rosto humano, a exemplo das fotos que Félix Greene e Marc Riboud trouxeram de Hanói.” (2004, p.29). Dois dados interessantes dessas passagens são: a questão da ideologia, que significa que, se não houver um pensamento comum a respeito do assunto, ele não será visto como importante; e a ideia de humanizar o rosto do “inimigo” ou do invisível, pois enquanto não for possível humanizar as pessoas que são vistas como inimigas ou problema, seu sofrimento ou suas vidas não serão vistas como importantes.

A natureza do sentimento, até de ofensa moral, que as pessoas podem manifestar em reação a fotos dos oprimidos, dos explorados, dos famintos e dos massacrados depende também do grau de familiaridade que tenham com essas imagens. (SONTAG, 2004, p.29)

Nas fotografias da página Rio Invisível, a proposta é exatamente essa: possibilitar a visibilidade daqueles que, embora existam, de fato, nas ruas, muitas vezes têm uma pseudo presença, que por mais que seja sentida, é frequentemente ignorada, seja por uma questão de autopreservação, como nos aponta Simmel (2009), por impotência diante do problema ou apenas por indiferença.

Figura 8 - Imagem do Jornal Extra ilustrando o trabalho do Rio Invisível.



Fonte: Jornal Extra. Data: 18/10/14.

Por outro lado, é preciso também ter cuidado, pois, de acordo com Sontag (2004, p.31), “após uma repetida exposição a imagens, o evento também se torna menos real”. Para a autora, se essa exposição for muito frequente, o efeito pode começar a ser o mesmo daquele percebido por Benjamin (2015) em seu estudo sobre os choques: a pessoa começa a se

habituar aos choques e sentir uma espécie de anestesia ao ser exposta à ele, de certa forma banalizando novamente a situação em questão.

A mesma lei vigora para o mal e para a fotografia. O choque das atrocidades fotografadas se desgasta com a exposição repetida, assim como a surpresa e o desnorreamento dos sentidos na primeira vez em que se vê um filme pornográfico se desgastam depois que a pessoa vê mais alguns. O sentimento de tabu que nos deixa indignados e pesarosos não é muito mais vigoroso do que o sentimento de tabu que rege a definição do obsceno. (SONTAG, 2004, p.31)

Com essa passagem, a autora frisa a necessidade do cuidado com o uso das fotos, pois, mesmo que seja bem-intencionado, se não houver uma crítica, a sua banalização é o caminho mais comum. Por isso é preciso refletir até que ponto as imagens e histórias das pessoas em situação de rua, que vêm sendo veiculadas na rede social digital, não se torna um desses casos em que seu conteúdo fica saturado e flutua despercebido na torrente de informações que nela circula.

Há que se ter em mente igualmente que, ainda que bem-intencionado, o conhecimento fornecido pelas fotografias, por mais que possa incitar a consciência, pode não ser político ou ético por si só (SONTAG, 2004). Para Sontag (2004, p.69), “o surrealismo é um descontentamento burguês”, e os extremos da riqueza e da pobreza são, de certa forma, surreais para a classe média. Para ela, o fotógrafo seria o *flanêur* que utiliza uma máquina como extensão dos seus olhos e que “perscruta, persegue, percorre o inferno urbano” (SONTAG, 2004, p.70). É preciso refletir acerca do lugar em que se está e qual o propósito do ato de fotografar, sempre com a consciência de que não é possível abarcar a realidade com um clique, e ter a autocrítica necessária para não se tornar um mero curioso diante dos extremos.

O *flanêur* não se sente atraído pelas realidades oficiais da cidade, mas sim por seus recantos escuros e sórdidos, suas populações abandonadas - uma realidade marginal por trás da vida burguesa que o fotógrafo “captura”, como um detetive captura um criminoso. (SONTAG, 2004, p.70)

Ao fazer uma análise sobre os excluídos e marginalizados, é necessário ter em mente que eles não são um objeto de exotismo ou curiosidade. A fotografia, como todo instrumento, pode ser utilizada tanto para afirmar um dado comportamento, como para denunciá-lo. Se nas fotografias de Malta a tônica era a demarcação de um fim de ciclo e início de outro, as do Rio Invisível têm como objetivo ressignificar os personagens de suas fotos. Mesmo assim, lembremos que o surreal, segundo Sontag (2004), não é a pobreza em si, mas acima de tudo a distância imposta, que para ela é ligada por uma ponte por meio da foto. Essa distância é social e temporal. Para que esse tipo de fotografia proposta pela página atinja seu objetivo, não se pode ser um mero observador curioso de uma realidade distante: faz-se necessário

compreender seu lugar e enxergar os fotografados como pessoas próximas e reais. A partir daí, existe a possibilidade de reagir ativamente à situação exposta, procurando meios políticos e/ou sociais de atuar para a ressignificação da pessoa em situação de rua, ou até mesmo, simplesmente se tornar mais empático quanto à realidade dessas pessoas.

3.2 O RIO DE JANEIRO CONTEMPORÂNEO E OS *OUTSIDERS*

Em uma análise temporal do Rio de Janeiro, foi possível observar os diversos momentos em que, de alguma forma, os grupos considerados marginais foram sendo tratados e em geral, rechaçados. Vale notar que essa “marginalidade” não necessariamente significa uma minoria no sentido quantitativo do termo. Esses grupos constituem uma grande parte da sociedade, mas, porque não compõem a classe dominante, são considerados pela mesma como presenças incômodas. Velho (1994, p. 97-98) fala do problema da identidade e percebe que, justamente, é a questão da diferença que a torna tão interessante para a pesquisa científica e política. Ao longo das mudanças trazidas pela modernidade, incluindo o individualismo que veio com ela, é possível perceber que o sujeito muda sua postura diante das instituições. Então, embora a família moderna coexista com a tradicional, existe um choque. Assim funcionam também outras instâncias da sociedade pois, ainda que coexistam grupos de diferentes matizes na grande cidade, eles são conflitantes.

Segundo Velho (1994), com o aumento da violência urbana no Rio de Janeiro nos anos 90, houve um despertar do público para esse assunto, relativamente inédito. É interessante perceber que as vítimas desses crimes eram, em geral, pessoas de classe média, filhos de profissionais liberais. Daí então, a denúncia sobre o grau de vulnerabilidade a que os moradores da cidade estavam expostos ficou mais latente. O autor ressalta, ainda, que as principais características dos crimes eram, em geral, acontecer na zona sul e com alguma pessoa de origem mais abastada. Não que os crimes não ocorressem em outros pontos da cidade e com outras pessoas, mas sua visibilidade estava muito conectada com as possibilidades e redes que as vítimas e seus familiares possuíam.

Como falamos anteriormente, a empatia com o outro vai aumentando, conforme a proximidade com a realidade dele. Portanto, para tornar alguém digno da minha solidariedade, preciso perceber minha semelhança com essa pessoa. O mesmo se dá com as pessoas em situação de rua. Sabe-se que é um grupo extremamente vulnerável à violência, tanto por parte das autoridades do Estado, quanto de civis. Em uma pesquisa rápida no Google¹¹, foi possível encontrar algumas reportagens sobre assassinatos a moradores de rua. De maio à junho de 2017 foram oito mortes registradas.

A partir de questões como essas, Velho (1994) apoia-se em Hughes para tratar da questão do *Dirty Work*. Esse autor estudou o assunto, debruçando-se sobre o exemplo da Alemanha e sua relação com o Nazismo. Embora a grande massa não necessariamente apoiasse as atrocidades, ela simplesmente não se pronunciava e acreditava que o “trabalho sujo” devia ser feito por alguém. Hughes conclui que essa permissividade com atitudes, condenáveis para a grande maioria, porém em alguma instância julgada necessária, existe em todas as sociedades, sendo o caso alemão um extremo, e que, para existir um grupo, é preciso que existam os que estão fora dele. Então, no lugar de uma atitude ativamente violenta, a maioria desenvolve uma atitude passiva de apatia e delega para “autoridades” ou mesmo para os “bandidos” a culpa pela violência perpetrada contra outros grupos, encontrando inclusive explicações para o fato. Por exemplo, quando nos discursos midiáticos é possível observar falas como “Segundo investigações, X possuía ligação com o tráfico”, como se, de alguma forma isso validasse ou justificasse sua morte.

Velho (1994) utiliza-se do conceito de *dirty work* (trabalho sujo) para problematizar o fato desses crimes só causarem comoção por terem ocorrido com pessoas que pertenciam ao *in-group*. Ou seja, as “boas pessoas” só se sentem afetadas quando o assunto é com pessoas que pertencem ao seu meio. Quanto maior o distanciamento de classes, maior o distanciamento emocional, nesses casos. Por isso, antes de qualquer coisa, para que haja empatia é preciso que haja identificação com o problema do outro, para que a sua realidade não pareça tão distante e, conseqüentemente, tão sem valor a ponto de não merecer o nosso choque. Como nos afirma Velho,

É fascinante em termos sociológicos e **chocante em termos éticos ver pessoas se deslocando dentro de uma sociedade injusta e violenta, anestesiadas diante da miséria, sofrimento e violência que afligem permanentemente os *out-groups***, no caso, a maioria esmagadora da população. (VELHO, 1994, p.110, grifo nosso)

De fato, como já foi dito, a grande cidade tem o estranho poder de absorver seus cidadãos e envolvê-los em uma espécie de anestesia moral que não permite a sensibilidade com o mundo ao redor. A miséria e violência perpetradas contra um estranho ao seu mundo (*out-group*) acabam sendo menos significativas ou chocantes porque, apesar da possível proximidade espacial, há um distanciamento emocional que não permite o luto, como nos aponta Butler (2009). Mais do que isso, Velho (1994) percebe que, para essas pessoas, a culpa da violência está atrelada aos pobres, e não fazem uma reflexão mais crítica acerca do sistema vigente ou das formas de violência e exploração que as pessoas mais pobres sofrem todos os dias.

A diversificação de papéis e domínios, associada às possibilidades de trânsito dos cidadãos urbanos, produz, para Velho (1994), identidades multifacetadas e de estabilidade relativa, configurando o que ele denominou de “*potencial de metamorfose*”. Em casos extremos, isso pode produzir uma fragmentação cultural tão grande que as relações podem se perder. Sem dúvida Simmel, Musil, Baudelaire e Benjamin descreveram modalidades de adaptação e sociabilidade possíveis na metrópole e sociedade modernas.

Segundo Elias e Scotson (2000) e Becker (2008), que estudam a questão do desvio, o nível de entendimento de “transgressão” é maior quanto mais houver distanciamento. Em sua análise, o estabelecimento dos limites entre o “nós” e os “outros” é basilar para a identificação (ou falta dela) e posterior consideração do que é ou não é desviante. Por isso, pode-se dizer que o desvio não é um conceito que se valora por si, mas construído pela sociedade, e utilizado para denominar o diferente. O autor afirma, também, que o desvio é criado exatamente quando são criadas as regras de conduta, que serão violadas.

Regras tendem a ser aplicadas mais a algumas pessoas que a outras. Estudos da delinquência juvenil deixam isso muito claro. Meninos de áreas de classe média, quando detidos, não chegam tão longe no processo legal como os meninos de bairros miseráveis. (BECKER, 2008, p.25)

O desvio, portanto, não se encontra no “desviante”, mas no julgamento de quem define o ato como desvio de maior ou menor punição (ainda que o ato seja o mesmo). Um bom exemplo é o caso dos diferentes discursos sobre uma mesma situação, porém encampados por atores de nichos diferentes. É comum observar que, em notícias de crimes realizados por pessoas de classe média ou classe média alta sejam usados termos como “jovem”, e quando o mesmo crime é cometido por pessoas das periferias, a chamada costuma conter palavras como “criminoso” ou “ligado ao tráfico de drogas”. Fica evidente que os últimos são considerados “*outsiders*”, aqueles que estão fora do grupo dominante.

O Rio de Janeiro, apesar de ser uma sociedade heterogênea, composta por diversos grupos, tem como *outsiders* as pessoas em situação marginal. Os moradores de rua são um desses grupos. São *outsiders* porque tanto estão fora do que se chama “normalidade” quanto porque vivem numa espécie de não-lugar. Além disso, não apenas eles estão “fora” do que se considera normal, como também podem ser considerados por certos grupos como uma categoria abaixo. Como nos aponta Elias (2000, p.19), “vez por outra, podemos observar que os membros dos grupos mais poderosos que outros grupos interdependentes se pensam a si mesmos (se auto-representam) como humanamente superiores”. Vale notar que não apenas eles se sentem superiores, como também possibilitam que os membros dos ditos grupos de *outsiders* se sintam, eles próprios, inferiores (ELIAS, 2000).

Pelos diversos exemplos analisados neste capítulo, foi possível observar que, historicamente, grupos marginais, sejam eles os chamados “sem-teto” ou moradores de periferias eram vistos como problemas em si, e são constantemente deslocados, por se tratarem de um problema. Os morros foram arrasados e toda sua gente foi espalhada pela cidade. Os moradores de rua eram considerados vadios, e precisavam de atestado médico para provar uma “incapacidade”. Os negros eram sumariamente “apalpados” pelos agentes de polícia, sendo suspeitos de serem infratores simplesmente por serem negros. Nas expressões contidas nesses documentos, é possível enxergar o modo como essas pessoas eram vistas e tratadas. Alguns desses documentos não têm nem cem anos. É muito pouco tempo para uma mudança real de comportamento e principalmente de pensamento. Será que as redes sociais digitais podem ajudar esse processo?

3.3 ATUAIS POLÍTICAS PARA A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA E OS SEUS DESAFIOS

Existem diversas tentativas por parte do Estado de procurar estudar a população em situação de rua para possibilitar a realização de ações mais diretas para o desenvolvimento social desse grupo. Segundo o decreto nº 7053/09, que versa sobre a política nacional para a população em situação de rua, considera-se população em situação de rua,

O grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória. (BRASIL. Lei nº 7053, de 23 de dezembro de 2009)

Segundo o decreto, pessoa em situação de rua possui, além da pobreza material, uma frágil relação familiar e utiliza as ruas como espaço de moradia e sustento. A mesma rua que é local de passagem para uns, é “casa” para outros. Segundo esse mesmo decreto, um dos princípios da política nacional para a população em situação de rua prevê “respeito à dignidade da pessoa humana” (LEI Nº7053, 2009). Embora esse decreto contemple tal prerrogativa, na prática as coisas são diferentes. A aplicação das políticas é muito mais difícil, e como apontam Luz e Serafino (2015, p.76), “A precariedade de emprego, o isolamento e a solidão são situações que também caracterizam a vida dos indivíduos que vivem em situação de rua”. Na vida cotidiana, esses fatos acabam por se confrontar com a política pública. Outro ponto conflitante entre a teoria e a prática, encontra-se no artigo 7º do decreto, que trata dos seus objetivos.

Assegurar o acesso amplo, simplificado e seguro aos serviços e programas que integram as políticas públicas de saúde, educação, previdência, assistência social, moradia, segurança, cultura, esporte, lazer, trabalho e renda. (BRASIL, Lei nº 7053, de 23 de dezembro de 2009).

O que geralmente ocorre é que essas pessoas ficam espacial e socialmente isoladas em meio à multidão. Além disso, são expostas a diversas doenças, devido à falta de acesso à higiene básica. Como apontam Luz e Serafino (2015, p.77), “entre eles é recorrente a existência de doenças quase erradicadas entre os demais moradores das cidades, tais como hanseníase, tuberculose e alguns tipos de DST.”. Ou seja, embora existam políticas públicas próprias para essa população, que procuram assegurar direitos fundamentais como saúde e educação, na realidade, esse grupo vive à margem da sociedade também nesse sentido. Ainda no artigo 7º, também está presente um objetivo que nem sempre é aplicado:

Desenvolver ações educativas permanentes que contribuam para a formação de cultura de respeito, ética e solidariedade entre a população em situação de rua e os demais grupos sociais, de modo a resguardar a observância aos direitos humanos. (BRASIL, Lei nº 7053, de 23 de dezembro de 2009).

Esse é um dos objetivos mais difíceis de alcançar. Existe uma cultura de exclusão desses grupos que tanto os isola como também os tornam alvos de ataques gratuitos por parte de civis, e algumas vezes também da polícia, especialmente em períodos de festividades nas cidades. No caso das Olimpíadas 2016, a própria Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro denunciou a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro por utilizar uma política de “higienização” nas ruas. Várias pessoas em situação de rua relataram os abusos das autoridades para com eles. É necessário frisar que, em geral, atitudes como essas estão embasadas em preconceitos arraigados na nossa sociedade.

Em geral, a referência a este grupo social é carregada de preconceitos em relação a sua condição, as fragilidades dessas pessoas são vistas como as únicas causas da própria condição em que o viver na rua é considerado uma escolha individual, enquadrando-se em teorias que analisam esse fenômeno como sendo natural. (LUZ; SERAFINO, 2015, p.76)

Nos diversos estudos sobre a população de rua, um dos elementos comuns é o preconceito que eles sofrem diariamente. Muitos são os discursos que os colocam na posição de "vilão" ou "vítima", ambos retirando deles do papel de pessoas ativas e reagentes às mudanças e conflitos que ocorrem em suas vidas, e que os levam a encarar tais circunstâncias. Nas reportagens citadas, essas pessoas mostram-se vulneráveis tanto com relação aos outros cidadãos, que podem muitas vezes machucá-los ou humilhá-los, e também ficam à mercê das autoridades que, no momento em que julgam necessário, podem retirar seus pertences e/ou fazer uso indevido de força.

Além dessas políticas na esfera nacional, também há tentativas no nível municipal. Existe hoje, em tramitação na Câmara Municipal, o Projeto de Lei nº 1543/2015, que tem como objetivos, além de colocar as diretrizes do Decreto nº 7053/2009 em prática, também monitorar de perto sua aplicabilidade a partir de um "Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento da Política Municipal para a População em Situação de Rua". Segundo Artigo 10º do supracitado projeto de Lei, tanto a sociedade civil quanto diversos órgãos da prefeitura da cidade estariam presentes no comitê. Além disso, no Artigo 11, algumas atribuições deste comitê seriam não só fiscalizar se as políticas estão sendo colocadas em práticas, mas também estudar a população em situação de rua para formular ações de modo que os planos tenham embasamento nas pesquisas realizadas em torno dos problemas e desafios do trabalho com as pessoas em situação de rua.

Mesmo com a criação de propostas e políticas de inclusão social com base nos direitos humanos, encontramos ainda práticas de exclusão dentro da própria arquitetura da cidade. O grupo de pesquisa "Arquitetura da Violência", vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFF, utiliza o termo *arquitetura antimendigo*.

Trata-se de uma arquitetura extremamente hostil e desumanizada, constituída de elementos/artefatos implantados ou construídos para o fechamento de vãos/espços das cidades e dos edifícios. Subtração ao direito coletivo à cidade, essa prática, que se proliferou no mundo nos últimos anos, é um contundente exemplo das intervenções da limpeza urbana nas grandes e médias cidades globais: os bancos antimendigos, os espetos e gradis sobre muretas e soleiras, o paisagismo espinhoso, os pedregulhos nos preenchimentos de vãos urbanos, entre outros, [...] (ACIOLY, BENAYON, FERRAZ MENDONÇA, ROSADAS, 2015, p. 114)

Neste sentido, as políticas de inclusão social da população em situação de rua chocam-se com estas práticas na arquitetura da cidade, que são em geral justificadas pelo aumento da violência urbana e necessidade de proteção patrimonial (ACIOLY, BENAYON, FERRAZ MENDONÇA, ROSADAS, 2015). Além disso, segundo o atual modelo de centralidade no capital imobiliário urbano, é preciso que as cidades estejam esteticamente adequadas para a chegada de turistas e grandes eventos globais.

No processo de gentrificação associado à essas práticas, a proposta é que, além de deixar os "sem-teto" fora das vistas da população que possui uma habitação formal, eles também estejam longe das zonas mais nobres da cidade. Segundo o estudo, nesse processo, as áreas centrais da cidade, que antes poderiam ser consideradas degradadas, são "regeneradas" e tudo o que lembra a pobreza local (incluindo as pessoas em situação de rua) precisa ser removido.

Os novos espaços serão ocupados por uma classe gentil e nobre, de poder aquisitivo elevado, capaz de se comportar de maneira aceitável e com o poder de consumir o que estiver a disposição no espaço gentrificado. Assim sendo, não podem

compartilhar do convívio com a nobre e gentil classe de turistas, os vagabundos, os indesejáveis, forasteiros, inválidos, dissidentes. (ACIOLY, BENAYON, FERRAZ MENDONÇA, ROSADAS, 2015, p. 124)

No mundo cada vez mais globalizado, em que os espaços são também palco de disputa econômica e social, colocar em prática as políticas de inserção social da população em situação de rua torna-se um desafio ainda maior, já que, nesses lugares revitalizados por investimentos público-privados, em geral não há espaço para essa população que é física e socialmente excluída desses locais.

Essas questões dialogam muito com o nosso trabalho, visto que, a partir de discursos preconceituosos a respeito desse segmento da sociedade, muitas dessas práticas são justificadas. Um trabalho como o do projeto Rio Invisível pode ser um vetor para descortinar alguns mitos e desmontar algumas verdades culturalmente aceitas, que acabam ajudando a retroalimentar comportamentos com relação a vários grupos marginalizados.

Esses discursos (que são ao mesmo tempo produtores e produzidos pela memória), segundo Foucault (2016), são reproduzidos e acolhidos como verdade em cada sociedade, e cada grupo faz com que esses discursos se tornem verdadeiros.

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (FOUCAULT, 2016, p.52)

No caso do “regime de verdade” que permeia as pessoas em situação de rua, uma parcela da sociedade justifica a indiferença e alimenta atitudes e discursos hostis com relação a essas pessoas. Quando aceitamos, reproduzimos não apenas um discurso, mas o poder adquirido e alimentado por meio deste discurso. Vale notar que, muitas vezes, quem tem o poder para mudar tais regimes de verdade não são as pessoas envolvidas na questão, mas os grupos que detêm alguma posição de legitimidade social. Ainda segundo Foucault (2016, p.54), “a ‘verdade’ está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem.”

Para Foucault (2016), seria no mínimo ingênuo pensar que essa "verdade" pode ser libertada do poder, visto que ela própria também é poder.

Não se trata de libertar a verdade de todo o sistema de poder – o que seria quimérico à medida que a própria verdade é poder –, mas de desvincular o poder da verdade das formas de hegemonia (sociais, econômicas, culturais) no interior das quais ela funciona no momento. (FOUCAULT, 2016, p. 54)

Neste sentido, o projeto Rio Invisível atua como uma dessas possibilidades, utilizando o recurso tecnológico, que não é acessível a todos, inclusive à maior parte das pessoas em situação de rua, para que, a partir dos seus discursos sobre si mesmos, possam criar novas possibilidades de regimes de verdade a respeito de sua própria situação. Não que tudo o que é narrado seja a verdade "pura" sobre sua vida ou situação, mas é um saber acerca daquilo que foi vivenciado por eles mesmos.

Foi o reaparecimento desses saberes que estão embaixo – saberes não qualificados, e mesmo desqualificados, do psiquiatrizado, do doente, do enfermeiro, do médico paralelo e marginal em relação ao saber médico, do delinquente, etc., que chamarei de saber das pessoas e que não é de forma alguma um saber comum, um bom senso mas, ao contrário, um saber particular, regional, local, um saber diferencial incapaz de unanimidade e que só deve sua força à dimensão que o opõe a todos aqueles que o circundam – que realizou a crítica. (FOUCAULT, 2016, p.266-267)

É possível ver, portanto, no projeto Rio Invisível uma insurgência desses saberes pelo discurso narrado pelos próprios entrevistados, e a partir deles, quem sabe, possa haver uma atualização dos regimes de verdade que justificam ações discriminatórias e excludentes. É na ressignificação de sua imagem a partir de suas histórias de vida, que existe a possibilidade de trazer as políticas de inserção da população de rua para o campo da prática.

4 O FENÔMENO RIO INVISÍVEL: NARRATIVAS DAS RUAS NO AMBIENTE DIGITAL

O presente capítulo pretende aprofundar a análise sobre a página Rio Invisível, utilizando como recorte uma seleção de narrativas apresentadas na página. Para isso, utilizaremos a netnografia e análise fotográfica, além do estudo da entrevista realizada com o grupo responsável pela página, que consta, em anexo, no fim deste trabalho.

Optamos por esse caminho pelo fato de compreendermos o espaço virtual como um espaço antropológico. Sobre isso, o sociólogo, filósofo e estudioso da ciência da informação, Pierre Lévy, aponta:

O que é um espaço antropológico? É um sistema de proximidade (espaço) próprio do mundo humano (antropológico), e portanto, dependente de técnicas, de significações, da linguagem, da cultura, das convenções, das representações e das emoções humanas. (LÉVY, 2015, p. 20)

A partir dessa percepção, compreendemos que o ambiente virtual pode se tornar um ambiente antropológico e ser estudado como tal, já que, embora se trate de uma interface binária "traduzida" para a compreensão dos olhos humanos, ela tem a possibilidade de criar e/ou estender relações nesse meio. Este espaço é denominado pelo autor como *ciberespaço*, e "constitui um campo vasto, aberto, ainda parcialmente indeterminado, que não se deve reduzir a um só de seus componentes" (LÉVY, 2015, p. 102).

Por ter um período relativamente curto de existência e ser um ambiente caracterizado, em sua natureza, pela fluidez das informações, existem muitos desafios para a compreensão deste meio, principalmente para se ter uma dimensão das implicações deste ambiente na vida das pessoas. Já é possível adiantar, segundo Lévy (1999), que o programa da cibercultura promoveria uma interconexão cada vez maior, que teria como objetivo final uma "sensação de espaço envolvente" (LÉVY, 1999, p.127), onde todo o espaço seria um canal interativo por si só.

A cibercultura aponta para uma civilização da telepresença generalizada. Para além de uma física da comunicação, a interconexão constitui a humanidade em um contínuo sem fronteiras, cava um meio informacional oceânico, mergulha os seres e as coisas no mesmo banho de comunicação interativa. A interconexão tece um universal por contato. (LÉVY, 1999, p.128)

Segundo a análise do autor, este espaço tende a ser mais democrático e interconectado, sendo o futuro da comunicação humana. Mas é preciso ter cuidado com esta visão, já que não discute uma questão pontual que é justamente a do acesso a este espaço, que, apesar de estar cada vez mais difundido entre a população, ainda existem restrições ao seu domínio. No caso específico das pessoas em situação de rua, é bem raro seu acesso à Internet e naturalmente, ao Facebook. Assim, mesmo no caso da página Rio Invisível, que tem como objetivo definido

trazer essa discussão para o mundo digital e aproveitar seu poder de difusão, é preciso lembrar que esta população acaba ficando de fora das discussões e, na maioria das vezes, não acompanha as consequências da difusão de sua história.

Desta forma, é sempre necessário que se analise o desenvolvimento das tecnologias compreendendo seu caráter social intrínseco. Como afirma Castells (2000, p.34), "os sistemas tecnológicos são socialmente produzidos. A produção social é estruturada culturalmente. A Internet não é exceção.". Qualquer movimento realizado nesse meio também recebe as influências sociais e alguns nichos encontrados no mundo offline ficam apenas mais evidentes no mundo online. A diferença é que a possibilidade de compartilhar conhecimentos de outros nichos também é facilitada, mas só é realizada a partir da vontade dos seus membros de conhecer uma realidade diferente da sua.

Esses "nichos" criam e mantêm o que Castells (2000) chama de "comunidades virtuais":

As fontes culturais da Internet não podem ser reduzidas, porém, aos valores dos inovadores tecnológicos. Os primeiros usuários das redes de computadores criaram comunidades virtuais, para usar a expressão popularizada por Howard Rheingold (1993/2000), e essas comunidades foram fontes de valores que moldaram comportamento e organização social. (CASTELLS, 2000, p. 46)

Ao longo dos anos, as comunidades virtuais foram evoluindo e se moldando aos padrões culturais da sociedade, e "tiveram origens muito semelhantes às dos movimentos contraculturais e dos modos de vida alternativos que despontaram na esteira dos anos 60" (Castells, 2000, p. 47). Ou seja, essas comunidades surgiram também de um desejo de criação de sociedades alternativas, encontrando no ambiente digital um possível território para o seu desenvolvimento, à medida que as experiências desse gênero no mundo "físico" foram sendo frustradas (CASTELLS, 2000).

Enquanto se desenvolveram, elas se afastaram do modelo contracultural e, como diz Castells (2000), não existe uma cultura unificada da Internet. De fato, ao observarmos os modelos atuais de comunidades virtuais - embora possam manter uma estrutura relativamente parecida, qual seja, a exigência de que o usuário realize um login e estabeleça uma senha, exista um perfil a ser preenchido, alguma foto associada ao seu nome e informações de privacidade - cada comunidade inserida nessas redes sociais digitais tem seus próprios modos de sociabilidade e comunicação. Dentro delas, alguns grupos entram em conflito por possuírem interesses que não estão de acordo uns com os outros, como quando coletividades politicamente contrárias "esbarram-se" neste ambiente e suas diferenças, já conhecidas offline, também se manifestam. Como nos aponta Manuel Castells,

O mundo social da Internet é tão diverso e contraditório quanto a própria sociedade. Assim, a cacofonia das comunidades virtuais não representa um sistema relativamente coerente de valores e normas sociais, como é o caso da cultura hacker. (CASTELLS, 2000, p.48)

É assim que, em uma mesma rede social digital como o Facebook, é possível encontrar páginas como "Rio Invisível" e, ao mesmo tempo, páginas que fazem apologia a discursos de ódio, machismo, homofobia ou misoginia. Obviamente, existem mecanismos, na supracitada rede social, que procuram inibir esse tipo de comportamento, e os usuários que realizarem denúncias podem obter sucesso na extinção dessas comunidades, como é o caso também na vida social fora do ambiente. Portanto, sendo suscetível às questões sociais, esse ambiente também encontra situações complexas, já que seus usuários, que são parte da sociedade, têm suas próprias questões e ambiguidades.

Portanto, por mais interessante que seja a iniciativa do projeto Rio Invisível, é preciso sempre pensar que ele faz parte de uma miscelânea de vozes que, na realidade, estão presentes no mundo físico, mas podem se tornar mais evidentes no mundo virtual. Nesse ambiente, é possível mensurar número de pessoas que já acessaram a página, quantos compartilharam quais postagens, assim como as consequências da divulgação das histórias dessas pessoas. Além disso, por mais que uma postagem tenha mais de mil curtidas, o que na prática isso significa para a pessoa em situação de rua, que em geral não acessa esse meio?

A cultura da Internet é uma cultura feita de uma crença tecnocrática no progresso dos seres humanos através da tecnologia, levado a cabo por comunidades de hackers que prosperaram na criatividade tecnológica livre e aberta, incrustada em redes virtuais que pretendem reinventar a sociedade, e materializada por empresários movidos a dinheiro nas engrenagens da nova economia. (CASTELLS, 2000, p.53)

Como afirma o autor, a crença é de que os seres humanos se desenvolverão por meio da tecnologia e, de alguma forma, tornarão o mundo melhor. Por outro lado, isso é materializado pelas mãos de empresários, ou seja, mesmo com uma proposta de comunidade virtual pautada em uma horizontalização das relações, quem consegue colocar isso para funcionar são os empresários, seguindo a lógica capitalista vigente. O próprio Facebook é um excelente exemplo disso.

O Facebook pode ser definido como um website, que interliga páginas de perfil dos seus utilizadores. Tipicamente, é nestas páginas que os utilizadores publicam as mais diversas informações sobre eles próprios, e são também os utilizadores que ligam os seus perfis aos perfis de outros utilizadores. (CORREIA; MOREIRA, 2014, p. 168)

Nesse meio, a interligação entre os usuários é, de fato, fundamental para que ele funcione como se propõe, e tudo começou justamente da iniciativa de um jovem estudante de psicologia de Harvard, Mark Zuckerberg, em 2003.

Figura 9 - Apresentação do perfil de Mark Zuckerberg no Facebook.



Fonte: Facebook/

Até que ele fosse desenvolvido com as características que tem hoje, o seu principal autor e entusiasta, Zuckerberg, enfrentou alguns problemas com a universidade e até com alguns colegas (CORREIA e MOREIRA, 2014). Mesmo assim, ao longo dos anos o Facebook foi ganhando expansão mundial e congrega usuários de várias idades, perfis, etnias, sendo um local onde é possível ter uma amostragem da sociedade.

Desde a sua criação em fevereiro de 2004 até aos dias de hoje, o Facebook transformou-se num extraordinário caso de sucesso através do domínio massivo de milhões de interações sociais, diárias. Esta nova esfera de comportamentos sociais acarreta um fascínio inerente, mas também fornece aos cientistas sociais uma oportunidade, sem precedentes, de observação de comportamentos num cenário natural, de testar hipóteses num domínio totalmente novo e de recrutar com eficiência participantes de todas as partes do mundo e dos mais diversos perfis demográficos. (CORREIA; MOREIRA, 2014, p.172)

É justamente por essa característica heterogênea que este ambiente torna-se fértil para estudos comportamentais. Como já ponderamos, é preciso lembrar que as manifestações não estão descoladas da realidade do mundo físico, e que nem todos os atores presentes no mundo fora das telas fazem parte dessa interação, seja porque não podem, ou porque não querem.

As redes são montadas pelas escolhas e estratégias de atores sociais, sejam indivíduos, famílias ou grupos sociais. Dessa forma, a grande transformação da sociabilidade em sociedades complexas ocorreu com a substituição de comunidades espaciais por redes como formas fundamentais de sociabilidade. (CASTELLS, 2000, p.107)

Um dos imperativos para a pesquisa neste meio é a consciência de que suas interconexões são montadas a partir de escolhas e assimilações culturais de cada um. Hoje, a página Rio Invisível conta com 90.710 curtidas, ou seja, essa quantidade de pessoas acessou e

se interessou (mesmo que momentaneamente) pela sua história. Por outro lado, é preciso compreender quem são essas pessoas e o quanto essa rede pôde realmente conectar e aproximar suas histórias daquelas dos principais atores da página, a população em situação de rua, que, paradoxalmente, não se encontram conectados.

4.1 RIO INVISÍVEL: DA ETNOGRAFIA À NETNOGRAFIA

Logo que entramos em contato com a página Rio Invisível, enxergamos nela seu potencial para colocar em disputa as memórias de pessoas em situação de rua do Rio de Janeiro. Para realizar essa análise, optamos pelo método da netnografia, que consiste basicamente em uma adaptação do método etnográfico para o mundo virtual.

Por isso mesmo, antes de adentrar a seara da netnografia em si, elucidaremos os conceitos, captados na etnografia, que serão utilizados aqui. Segundo Oliveira (1998), um dos primeiros passos para o estudo etnográfico é a domesticação teórica do olhar do pesquisador, que observa o ambiente em que se encontra, a partir dos conceitos apreendidos das leituras acadêmicas. Mas a pesquisa não se manteria apenas com o olhar, já que outros elementos são necessários nessa análise. É importante incluir o "ouvir":

Evidentemente, tanto o ouvir como o olhar não podem ser tomados como faculdades totalmente independentes no exercício da investigação. Ambas complementam-se e servem para o pesquisador como duas muletas – que não nos percamos com essa metáfora tão negativa – que lhe permitem caminhar, ainda que tropeçante, na estrada do conhecimento. (OLIVEIRA, 1998, p.21)

No presente trabalho, não poderia ser diferente. Além do olhar disciplinado para a página, é preciso também ouvir. Esse ato de ouvir vem acompanhado de um diálogo, já que não é apenas por meio da entrevista com os fundadores do grupo que se pode obter informações, mas também interagindo com os frequentadores da página, procurando compreender suas motivações e interesses neste espaço. Nesse sentido, adotamos uma postura dialógica, em que essas pessoas não seriam informantes, mas interlocutores, conferindo mais riqueza à pesquisa. A interação mais horizontal permite que o "confronto" torne-se um encontro etnográfico (OLIVEIRA, 1998).

Tal interação na realização de uma etnografia, envolve, em regra, aquilo que os antropólogos chamam de 'observação participante', o que significa dizer que o pesquisador assume um papel perfeitamente digerível pela sociedade observada, a ponto de viabilizar uma aceitação senão ótima pelos membros daquela sociedade, pelo menos afável, de modo a não impedir a necessária interação. (OLIVEIRA, 1998, p.24)

Procurando adaptar essas prerrogativas ao meio digital, neste trabalho há interações com os internautas, observação da quantidade de "reações" que cada postagem selecionada recebe, e claro, seus comentários, para que a pesquisa não pare no olhar, mas se enriqueça também com o "ouvir", o que nesse caso traduz-se pelo "ler" e, com isso, interagir.

Primeiramente trataremos dos aspectos informacionais da página. Logo no início, há uma auto definição acerca de seus objetivos, informações de contato e sua criação.

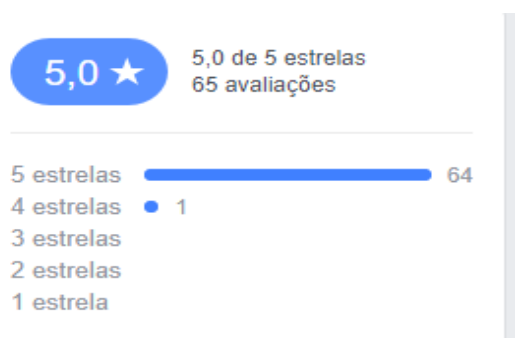
Figura 10 - Informações fornecidas sobre a página Rio Invisível, editadas pelos próprios criadores.

The image shows a screenshot of the Facebook profile page for 'RIO invisível'. The profile picture is a black square with the word 'RIO' in white, with a small camera icon above the 'O'. The cover photo is a solid black rectangle. Below the cover photo are buttons for 'Curtiu', 'Seguindo', 'Salvar', and a three-dot menu. The left sidebar contains navigation options: 'Página inicial', 'Sobre' (highlighted), 'Eventos', 'Fotos', 'Vídeos', 'Comunidade', 'Avaliações', and 'Publicações'. The main content area is titled 'Sobre' and includes sections for 'INFORMAÇÕES COMERCIAIS' (with a dropdown arrow and the text 'Lançado em setembro de 2014'), 'INFORMAÇÕES DE CONTATO' (with a message icon, '@rio.invisível', an email icon, and 'rioinvisible@gmail.com'), and 'MAIS INFORMAÇÕES' (with an information icon, 'Sobre', a description: 'Rio Invisível busca ressignificar a população em situação de rua no Rio de Janeiro e repensar o modelo de cidade.', the email 'rioinvisible@gmail.com', and a business icon with the text 'Empresa de mídia/notícias · Organização sem fins lucrativos').

Fonte: Facebook/rioinvisível

Baseando-se na própria definição da página acerca de si mesma, pode-se concluir que seu objetivo macro é o de procurar modificar um entendimento acerca dessa população, que – subentende-se – seja usual na nossa sociedade, trazendo para este ambiente as histórias contadas pelas pessoas em situação de rua e suas imagens. As avaliações que recebeu dos usuários são todas muito boas, embora seja um número muito pequeno de avaliações, em comparação com o número de pessoas que curtem e seguem a página.

Figura 11 - Avaliações da página Rio Invisível feitas pelos seguidores da mesma.



Fonte: Facebook/rioinvisivel

No Facebook, há também a possibilidade de deixar mensagens fazendo uma avaliação mais subjetiva. Dessas 65 pessoas que avaliaram, 11 deixaram comentários, todos apoiando a página e se identificando com o trabalho de alguma forma. Além das fotografias acompanhadas das narrativas da população em situação de rua, existem também alguns vídeos, de 4 tipos: narrativas dos moradores de rua; falas de estudiosos sobre essa população; o quadro "Reivindique aqui"; e uma campanha gerada a partir do relato de uma senhora que mora na rua, a Vera Lúcia. Por último, existe um GIF explicitando uma situação atípica: a retirada de um post sobre uma pessoa entrevistada. Trataremos desse caso específico mais adiante.

Figura 12 - Aba de vídeos da página Rio Invisível.



Fonte: Facebook/rioinvisível

Cada vídeo gerou várias reações e comentários diferentes. Destacarei alguns com a finalidade de analisá-los (tanto os vídeos quanto os comentários e reações). No começo, a página trabalhava apenas com fotografias e depoimentos transcritos das pessoas em situação de rua. A partir de setembro de 2015, quando completou um ano, seus membros começaram a fazer alguns vídeos com aqueles que, segundo eles, "pensam o espaço público", procurando gerar reflexões acerca do tema. O outro tipo de vídeo é o de depoimentos das próprias pessoas, que por situações diversas não tiraram foto, mas foram filmadas e tiveram seus relatos transcritos. Há também o espaço de reivindicação, já citado mais acima, em que eles deixam suas opiniões sobre o que seria interessante de ser modificado na realidade em que vivem, abordando questões políticas pertinentes. São vídeos curtos, que deixam a mensagem de forma sucinta. O último vídeo faz um link com uma história antiga, a do Marcelino, e data de setembro de 2016. Vamos começar por essa história.

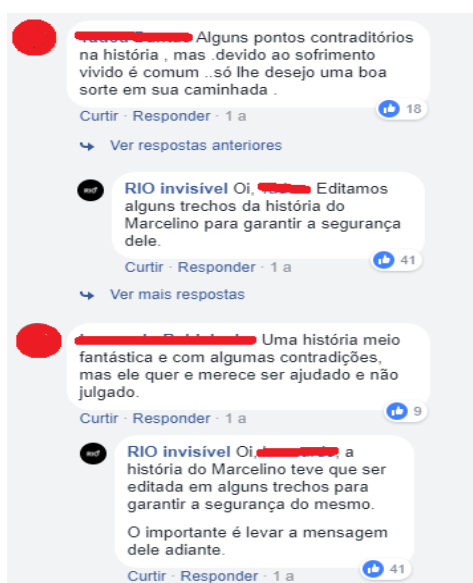
Figura 13 - Postagem referente ao entrevistado Marcelino.



Fonte: Facebook/rioinvisível

Segundo o autor do relato, ele trabalha com artes desde criança. Interessou-se bastante pela área e foi se especializando com diversos cursos no SENAI. É no Rio de Janeiro que sua história fica um pouco mais difícil. Ele sofreu retaliações de milicianos locais e ao fim das tristes situações que ocorreram na sua família, foi parar na rua. Esse *post* suscitou questionamentos de alguns visitantes.

Figura 14 - Comentários dos seguidores da página a respeito do relato do entrevistado Marcelino.

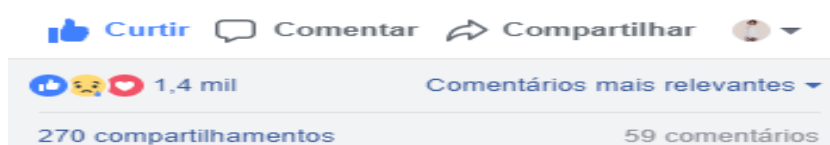


Fonte: Facebook/rioinvisivel

Como o narrador possui uma história traumática relacionada à milícia, a equipe da página optou por cortar alguns trechos de sua fala, visando sua segurança, o que mostra que a página, quando necessário, faz intervenções. Eis uma das diferenças entre a narrativa *tête-à-tête* e uma no meio virtual: ela é editável, o que traz questionamentos como, será uma narrativa assim mesmo? Ou, o contrário, não será a narrativa uma eterna edição do que foi dito anteriormente? Além disso, no século XXI, já imersos no mundo das informações, o ato de narrar torna-se mais difícil, porque quando se tratam de alguns tipos de falantes, com é o caso de pessoas em situação de rua, é exigida uma "coerência" e acima de tudo, uma "verdade" dentro dessas narrativas, para que elas sejam aceitas e legitimadas. No caso do Marcelino, apesar das "contradições", as duas pessoas que questionaram também relevaram o fato, por entenderem tratar-se do resultado do trauma ou simplesmente por acreditar que sendo tudo verdade ou mentira, não cabem julgamentos ali. Para Benjamin (1987), a arte de narrar está em vias de extinção, porque a experiência também é algo que vai ficando cada vez mais raro. "O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes." (BENJAMIN, 1987, p.201).

Não necessariamente a experiência possui um enredo compacto e sem "furos", mas é fruto da leitura que aquele indivíduo tem do mundo e é a forma encontrada por ele para colocar sua história e trazer alguma reflexão acerca disso. No caso dele, a história perdeu alguma continuidade porque foi editada para a segurança dele, mas se assim não tivesse sido, será que haveria menos questionamentos? Os outros comentários, em geral, estão desejando força, alguns se dispondo a ajudar comprando seus quadros, realizando de campanhas para compra de material para ele (já que ele foi roubado no mesmo dia da entrevista!), outros indignados ou tristes. Fato é que sua história obteve visibilidade. Seguem os números de reações e compartilhamentos desta história.

Figura 15 - Imagem das reações e compartilhamentos sobre post de Marcelino.



Fonte: Facebook/rioinvisivel

O caso de Marcelino é interessante de ser estudado mais de perto porque, apesar de ter sido contado em setembro de 2016, sua entrevista teve consequências. Posteriormente, foi feito um vídeo em que ele narra sua história no momento atual, mostrando um resultado positivo da página, no que concerne à visibilidade e possibilidade de alteração do cenário vivido pelas pessoas em situação de rua após a interferência do Rio Invisível em suas vidas. Segundo contato com o grupo Rio Invisível, eles o conheceram no café da manhã que acontece na Glória, realizado pelo Projeto VOAR. Uma das voluntárias desse projeto disse que, por já conhecer sua história, achava que seria interessante entrevistá-lo, e que ele é uma pessoa bastante comunicativa. Foi quando ele deu seu depoimento e o Rio Invisível tentou ajudá-lo a ter seu ateliê, ou mesmo a trabalhar em ateliês de outras pessoas, mas por sua dependência do álcool, este encaminhamento ficava difícil. Mesmo assim, ele manteve o contato com o grupo, que atribui o sucesso do caso do Marcelino ao trabalho em rede.

A visibilidade positiva que ele ganhou após ter sua história veiculada no Facebook abriu algumas portas. A partir disso, ele entrou no coral “Uma só Voz”, e dormia na Defensoria Pública. Este coral, segundo Nelson, membro do Rio Invisível, foi de extrema importância para ele, já que o entrevistado fazia apresentações em diversas fazendas de reabilitação. Mas essas fazendas possuem todo um processo burocrático para que se permita a entrada de um assistido, já que eles precisam de alguma forma “validar o interesse” da pessoa de estar ali. E como sua história já era conhecida por conta da página, ele foi logo aceito.

O teaser do vídeo foi compartilhado na página em 22 de dezembro de 2017, e na sua descrição informa que ele mesmo chamou o grupo para vê-lo, e também que o vídeo tem mais quatro episódios.

Figura 16 - Descrição do Rio Invisível sobre o vídeo de Marcelino na Fazenda de recuperação.

[especial] Marcelino | trailer



RIO invisível

há cerca de um mês · 🌐



Recebemos o recado de que Marcelino queria nos ver. Era um convite para visitá-lo na Fazenda em que está morando na RJ-122, onde buscou ajuda para tratar da dependência do álcool.

"Estão gravando um documentário comigo", dizia satisfeito para todas as pessoas, amigos e funcionários da Fazenda, que passavam durante a gravação da entrevista. Ele nos contou que a visibilidade lhe trouxe lucros não-materiais, que se sentia motivado quando alguém o reconhecia na rua.

Ele fez parte do coral *Uma só Voz* e se apresentou em diversos lugares e eventos, incluindo a antiga Biblioteca Parque Estadual. Foi em uma das apresentações quando conheceu a Fazenda. Chegou para cantar e não queria mais voltar. Marcelino é artista. Argila, tecelagem, colagem, maquete... o que a mente permitir. Ficamos encantados com seu novo ateliê e os mais de 20 quadros em linha.

O que acha de comprar um quadro do Marcelino?

<http://bit.ly/2BZEeHE>

O tempo máximo de permanência na Fazenda está próximo e Marcelino pretende ir morar com sua única filha e neto.

Vamos continuar contando a história de Marcelino durante quatro episódios - o papo foi bom. 😊

Acompanhe no Youtube, se inscreva no nosso canal:

<https://goo.gl/gUkosg>

[Ver menos](#)



51 compartilhamentos 6,5 mil visualizações

Fonte: Facebook/rioinvisível

O caso de Marcelino é interessante porque mostra os benefícios que podem surgir dessa interação. Mesmo tendo sua narrativa questionada por alguns, sua história foi reconhecida e isso trouxe a ele benefícios diretos e indiretos, como a visibilidade alcançada nas ruas e o ateliê em que hoje ele dá aulas. Ou seja, ser *reconhecido*, e não só visto, fez alguma diferença para ele.

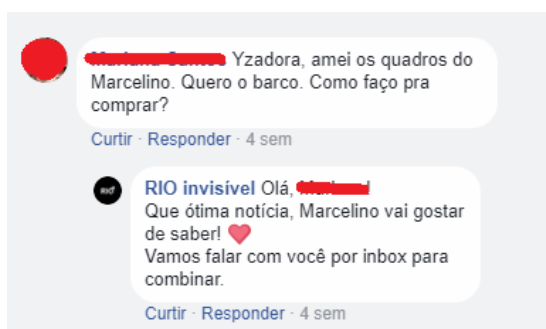
Figura 17 - Imagem do vídeo de Marcelino com os seus quadros no Ateliê montado na Fazenda.



Fonte: Facebook/rioinvisivel

Marcelino se encontra em uma fazenda, onde trata sua dependência química, ao mesmo tempo em que trabalha com sua arte, planta e se prepara para mais uma fase, em que pretende ir viver com sua filha e seu neto. A divulgação desse teaser trouxe alguns comentários, e um deles vale ser elucidado aqui, já que mostra também mais resultados da visibilidade.

Figura 18 - Comentário de uma pessoa sobre os quadros de Marcelino.



Fonte: Facebook/rioinvisivel

Seus quadros estão à venda, e uma visitante da página, assim que viu o vídeo se mostrou interessada em comprar um deles, o que demonstra que a página realmente tem potencial para ser mais do que uma janela virtual onde se pode olhar essas histórias descoladas da realidade.

O próximo caso da página é também um vídeo em que a entrevistada, Vera Lúcia, fez, em julho, um pequeno vídeo do quadro "Reivindique aqui" e mais seis vídeos curtos veiculados em dias sequenciais. Segundo Nelson, do grupo Rio Invisível, os vídeos foram

feitos em uma ação da Cinelândia, realizada por um grupo (também com página na Internet) chamado Vidas Invisíveis³. Esse grupo começou sua atuação com a distribuição de *kits* alimentares e de higiene no natal, e foi ampliando seu escopo com ações como auxílio para a emissão de documentos, procura de empregos, apoio psicológico, entre outros, procurando ajudar a reintegração dessas pessoas na sociedade.

Em uma dessas ações, Vera Lucia estava lá, e o Rio Invisível montou um estande, o “Reivindique aqui”, local em que a pessoa poderia se posicionar com relação aos seus incômodos e percepções sobre o que ela via na rua. No seu primeiro vídeo, Vera diz que na rua existe "muita comida", mas levanta o questionamento acerca das outras necessidades das pessoas em situação de rua, para além das necessidades básicas. Ela revela também que ganhou uma ação trabalhista, e que não consegue ter acesso ao seu dinheiro.

Figura 19 - Fala da entrevistada Vera Lúcia em vídeo da página.



Fonte: Facebook/rioinvisível

Seu relato, repartido em seis partes, também teve consequências, assim como o de Marcelino. Segundo Nelson, do Rio Invisível, apesar do alcance em vídeo não ser tão grande quanto as fotografias seguidas dos relatos transcritos, houve uma reação positiva fora do

³ https://www.facebook.com/pg/projetovidasinvisiveis/about/?ref=page_internal

mundo virtual. Em um momento do vídeo, ela menciona o problema que enfrenta na justiça para receber o dinheiro do seu FGTS.

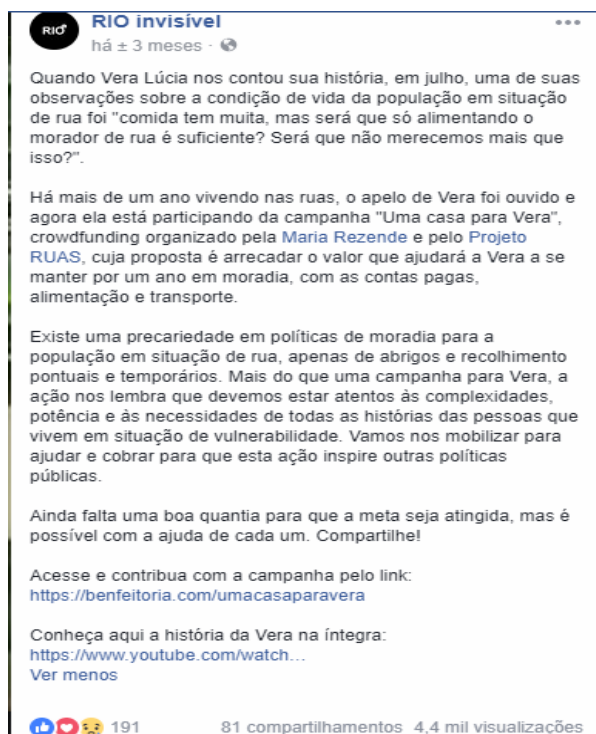
Figura 20 - Continuação da fala da entrevistada Vera Lúcia em vídeo da página.



Fonte: Facebook/rioinvisível

Esse momento de sua fala chamou atenção de alguns internautas, motivou, meses depois, mais um vídeo sobre ela, já fazendo parte da campanha para que ela pudesse conseguir uma casa. Este vídeo foi veiculado em 24 de outubro de 2017, quase três meses depois da primeira sequência de vídeos. Ele resultou de uma campanha para que Vera conseguisse uma casa e a garantia de seus direitos trabalhistas. Mais uma vez, a página foi um espaço de fala e tornou possível a mobilização de forças pela mudança da situação de alguém.

Figura 21 - Descrição do grupo Rio Invisível acerca do último vídeo de Vera Lúcia.



Fonte: Facebook/rioinvisível

Essa pessoa, que se mobilizou para ajudá-la a partir do afeto gerado pelo relato trazido por Vera, começa a organizar um *crowdfunding* junto ao Projeto RUAS⁴, que já possui um projeto chamado “*housing first*” e juntos, buscaram subsídios para conseguir colocar o projeto em prática. Os organizadores da página Rio Invisível intermediaram essa rede, colocando a voluntária em contato com Vera (para que se conhecessem melhor e levassem as ideias adiante), além de estender a campanha ainda mais quando colocaram o vídeo no ar.

A partir desta ação realizada pela comunidade virtual (Castells, 2000) do Rio Invisível em parceria com o projeto Vidas Invisíveis e com o projeto RUAS, foi possível a realização de uma ação conjunta para a reintegração dessa pessoa, que foi sendo cada vez mais acolhida pela rede. Segundo a descrição do vídeo, além de ajudá-la, em uma ação individual, existe uma intenção de “atentar” para as necessidades dessas pessoas, e, a exemplo da situação dela, procurar refletir acerca dos seus atuais direitos e procurar inspirar outras políticas públicas. Segundo Nelson, a meta da campanha de *crowdfunding* foi batida e a entrevistada já está morando na casa. Ela ainda manda mensagens para página Rio Invisível, para saber como eles

⁴ <https://www.facebook.com/ProjetoRuas/>

estão. A maioria dos comentários gerados por essa publicação foi de pessoas chamando outros amigos para ver a história, não houve nenhum diálogo interativo.

O próximo caso é emblemático e também elucida as consequências da visibilidade dessas pessoas, gerada pelo Facebook, porém dessa vez de forma negativa.

Figura 22 - – Imagem do post da página Rio Invisível sobre o caso da entrevista da retirada por motivos de ameaças recebidas dentro e fora da página.



Fonte: Facebook/rioinvisível

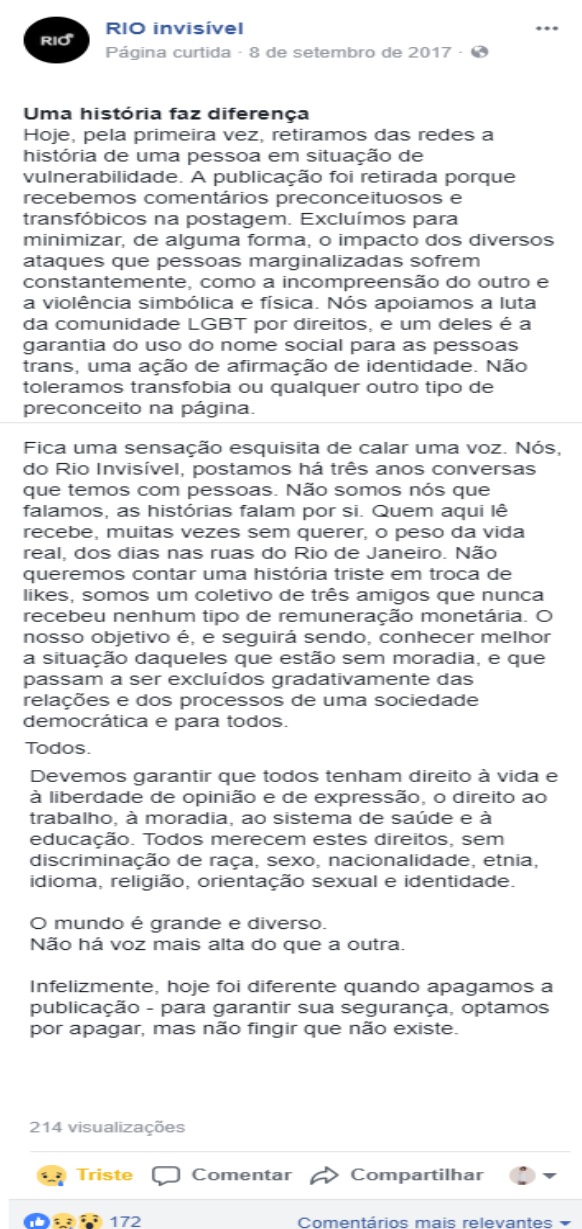
Essa era a narrativa de uma mulher transgênera que o Rio Invisível conheceu no Projeto VOAR⁵, durante um dos cafés da manhã realizados por esse grupo. Segundo Nelson, ela mantinha contato com os membros do Rio Invisível e contou que havia sido reconhecida e vinha sofrendo ameaças. Por isso, diferente das outras vezes, a visibilidade maior causada pelo Facebook teve uma repercussão bastante negativa – e até perigosa – para a entrevistada, que acabou sofrendo transfobia.

Sua história seguiu o padrão das outras, no caso, uma fotografia e a narração transcrita. Como mantinha contato com o grupo, pediu ao Rio Invisível que retirasse sua história do ar por medidas de segurança. A história foi retirada, e a página explicita o porquê. É sempre preciso lembrar que a Internet possui uma característica paradoxal. Ao mesmo tempo em que é um ambiente volátil, em que as informações podem se perder a qualquer momento, uma vez que algo foi publicado nela, mesmo após apagado, nunca se saberá se esse

⁵ <https://www.facebook.com/projetovoarcafedamanha/>

conteúdo já foi compartilhado ou simplesmente copiado por alguém. Por isso, diferente das narrativas orais, em que o que fica é a sabedoria por trás daquela história, na Internet as palavras ditas tanto podem ser esquecidas como podem ficar guardadas por tempo indeterminado com alguém, sem que haja necessariamente a intenção de possuir a sabedoria inculcada nas narrativas. As narrativas podem se tornar informações com algum objetivo específico, para além de aprender algo com aquela história contada. Eis a explicação da página para a retirada da história.

Figura 23 - Postagem de retratação e explicação pormenorizada sobre o porquê da retirada da narrativa a entrevistada transexual da página Rio Invisível.



RIO invisível
Página curtida · 8 de setembro de 2017 · 🌐

Uma história faz diferença
Hoje, pela primeira vez, retiramos das redes a história de uma pessoa em situação de vulnerabilidade. A publicação foi retirada porque recebemos comentários preconceituosos e transfóbicos na postagem. Excluímos para minimizar, de alguma forma, o impacto dos diversos ataques que pessoas marginalizadas sofrem constantemente, como a incompreensão do outro e a violência simbólica e física. Nós apoiamos a luta da comunidade LGBT por direitos, e um deles é a garantia do uso do nome social para as pessoas trans, uma ação de afirmação de identidade. Não toleramos transfobia ou qualquer outro tipo de preconceito na página.

Fica uma sensação esquisita de calar uma voz. Nós, do Rio Invisível, postamos há três anos conversas que temos com pessoas. Não somos nós que falamos, as histórias falam por si. Quem aqui lê recebe, muitas vezes sem querer, o peso da vida real, dos dias nas ruas do Rio de Janeiro. Não queremos contar uma história triste em troca de likes, somos um coletivo de três amigos que nunca recebeu nenhum tipo de remuneração monetária. O nosso objetivo é, e seguirá sendo, conhecer melhor a situação daqueles que estão sem moradia, e que passam a ser excluídos gradativamente das relações e dos processos de uma sociedade democrática e para todos.

Todos.

Devemos garantir que todos tenham direito à vida e à liberdade de opinião e de expressão, o direito ao trabalho, à moradia, ao sistema de saúde e à educação. Todos merecem estes direitos, sem discriminação de raça, sexo, nacionalidade, etnia, idioma, religião, orientação sexual e identidade.

O mundo é grande e diverso.
Não há voz mais alta do que a outra.

Infelizmente, hoje foi diferente quando apagamos a publicação - para garantir sua segurança, optamos por apagar, mas não fingir que não existe.

214 visualizações

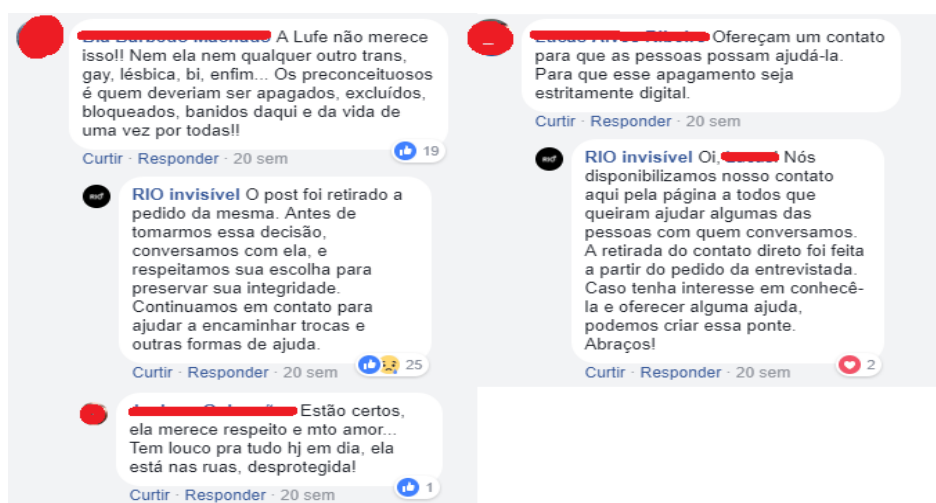
🙄 Triste 💬 Comentar ➦ Compartilhar 👤

👍 🙄 🙄 172 Comentários mais relevantes ▾

Fonte: Facebook/rioinvisivel

Nesse caso, o grupo viu-se diante de uma questão ética, em que optou por resguardar a entrevistada após reações violentas com relação à sua orientação sexual e sua identificação de gênero. Como eles afirmam, não estão à procura de “likes” (reações no Facebook), mas sim de manter sua postura de possibilitar que as histórias das pessoas sejam ouvidas e que isso possa gerar alguma reflexão. Algumas pessoas comentaram tristes e/ou indignadas, e o grupo interagiu respondendo.

Figura 24 - Resposta do grupo Rio Invisível aos seguidores da página acerca de questionamentos sobre o caso.



Fonte: Facebook/rioinvisivel

É possível perceber, a partir dessas três histórias, que a página pode gerar reações dentro e fora do contexto virtual, sendo positivas ou negativas. Embora os acessos às páginas sejam “direcionados” a partir dos interesses, quando uma página é pública, qualquer pessoa que esteja conectada à rede social digital pode acessá-la. Isso significa que alguém que possua opiniões contrárias aos objetivos da página também podem acessá-la e reagir de acordo com seus interesses, como foi o caso da transsexual entrevistada, que acabou sofrendo consequências negativas dessa exposição. As próximas postagens estudadas aqui, são as fotografias seguidas da narrativa transcrita.

Figura 25 - Postagem da narrativa do casal Maria e Fábio, sendo que Maria quem levava a história sobre ela e como conheceu o companheiro.



Fonte: Facebook/rioinvisível

Pelo número de reações (1,6 mil), é possível notar que essa história obteve bastante visibilidade. Costumeiramente, as fotografias são tiradas mais próximas do rosto do entrevistado, mas esse casal preferiu mostrar seus cães. Quem narra é a mulher, Maria, que conta sua história e como conheceu seu atual companheiro, o Fábio. Na sua narrativa – e também pela observação da fotografia – ela deixa evidente o quanto ambos gostam de cachorros. Isso provocou em uma pessoa que segue a página o comentário acima, em que ela afirma que gostaria de encontrá-los para que possam trabalhar com animais. Este comentário foi bastante curtido, e muitas pessoas responderam a ele (aproximadamente 39), muitos tentando, inclusive, ajudar a pessoa a encontrá-los. A pessoa nunca mais se manifestou, pelo menos na página, a respeito desse assunto.

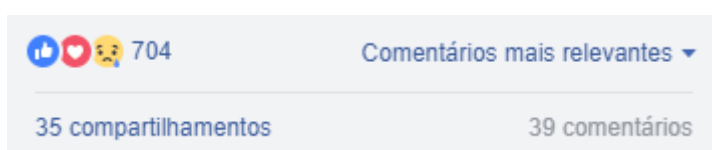
Figura 26 - Postagem da narrativa da entrevistada Carol.



Fonte: Facebook/rioinvisivel

Neste outro caso, a entrevistada Carol foi fotografada bem de perto, e posou para a câmera. No seu relato, ela fala da vida nas ruas em tom bastante jocoso. Para ela, que esteve presa por 5 anos, a rua é um símbolo de liberdade. Ela relata problemas com o “Aterro Presente”, mas mesmo assim ela lida bem com isso, e ao fim, afirma que graças à insistência deles, ela parou com o uso do “tíner”.

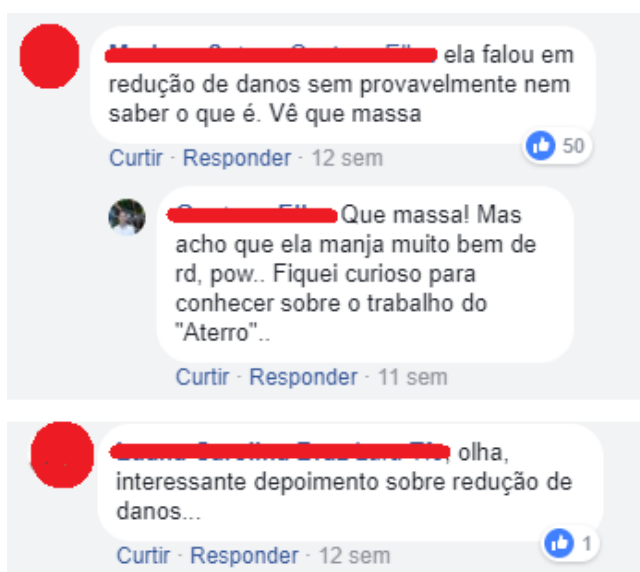
Figura 27 - Dados de Reações e compartilhamentos da história de Carol.



Fonte: Facebook/rioinvisivel

Apesar de não ter obtido tantas reações quanto o anterior, sua história foi bastante compartilhada, e muitos comentários foram de encorajamento para ela. Alguns citaram o fato dela falar da política de “redução de danos”, sem exatamente utilizar esse conceito. Ela menciona que muitos na rua estão deixando outras drogas como cocaína para usar maconha, e que, segundo sua leitura, eles ficam mais calmos e até procuram emprego e tentam regularizar seus documentos. Eis alguns dos comentários que mencionam essa questão:

Figura 28 - Comentários sobre relato da entrevistada Carol.



Fonte: Facebook/rioinvisivel

Nesse caso, pode-se dizer que algumas das reações imediatas de quem leu sua história foram perceber a questão dos efeitos da redução de danos pelo olhar de uma pessoa em situação de rua e de encorajamento. Alguns também puderam ver alguém que se sente livre nas ruas, apesar de todas as dificuldades enfrentadas, trazendo um perfil de pessoa em situação de rua que foge ao estereótipo de que todos que moram nas ruas estão tristes, em uma posição de “coitados”, tão nociva quanto a noção de que são todos perigosos e/ou desocupados.

A próxima história é a de Érica, entrevistada em 26 de abril de 2017, que teve uma visibilidade grande, pelo número de reações, compartilhamentos e comentários na página. É uma narrativa bastante intensa, em que ela afirma seu desejo de se tornar defensora pública, questiona o modelo político vigente, e fala de experiências traumáticas de racismo por parte do Estado, na figura dos guardas municipais.

Figura 29 - Postagem da entrevista de Erica.



Fonte: Facebook/rioinvisível

Certamente foi uma das postagens que teve mais reações online. Mas de todos os comentários deixados, um chamou atenção, por sua intenção de reagir para além da rede social digital e pela interação gerada a partir dele.

Figura 30 - Respostas ao comentário de internauta que desejava conseguir uma bolsa de estudos para entrevistada Erica.



Fonte: Facebook/rioinvisível

O primeiro comentário é o de uma internauta que se interessa em ajudá-la com uma bolsa de estudos. A partir daí muitas pessoas comentam “up”, comentário que tem a função de manter o post ativo, enviando para os seguidores que reagiram a esta postagem uma notificação toda vez que alguém comenta, permitindo que ele não se “perca” em meio à tantas informações recebidas pelos internautas. Depois disso, pessoas reagem positivamente com emojis de palmas e uma pessoa questiona como seria possível encontrá-la na Internet se ela mora na rua.

Após sucessivos comentários, uma pessoa que já é voluntária em outro projeto, e eventualmente contribui para ajudar os entrevistados da página, se manifesta e informa para a autora do primeiro comentário que a entrevistada deixou um recado para ela. Em um comentário foi possível observar toda uma mobilização – direta ou indireta – para ajudá-la. Sabe-se que muitos esqueceram do caso e seguiram após o choque (BENJAMIN, 2015) inicial, mas, ter havido uma pessoa que se interessou um pouco mais pela história, já é um ponto positivo para o trabalho da página.

Figura 31 - Postagem da entrevista de Guilherme e seu cão Fox.



Fonte: Facebook/rioinvisível

Esse *post*, um dos primeiros do grupo, realizado em 26 de setembro de 2014, teve muita repercussão, dentro e fora da rede social digital. Foram 12 mil reações, 2.820 compartilhamentos e 761 comentários. Nos comentários, é possível observar uma grande quantidade de fotos dele e de seu cachorro, além de pessoas tentando ajudar. Muitas pessoas interessaram-se pela história dele e tentaram se aproximar dele de alguma forma. Houve até tentativas de conseguir um emprego para ele. Alguns, inclusive, questionaram o que seria feito “depois” disso, pois acreditavam que a história era bonita, mas entendiam que não havia sentido falar dela sem que isso gerasse frutos práticos na vida dele.

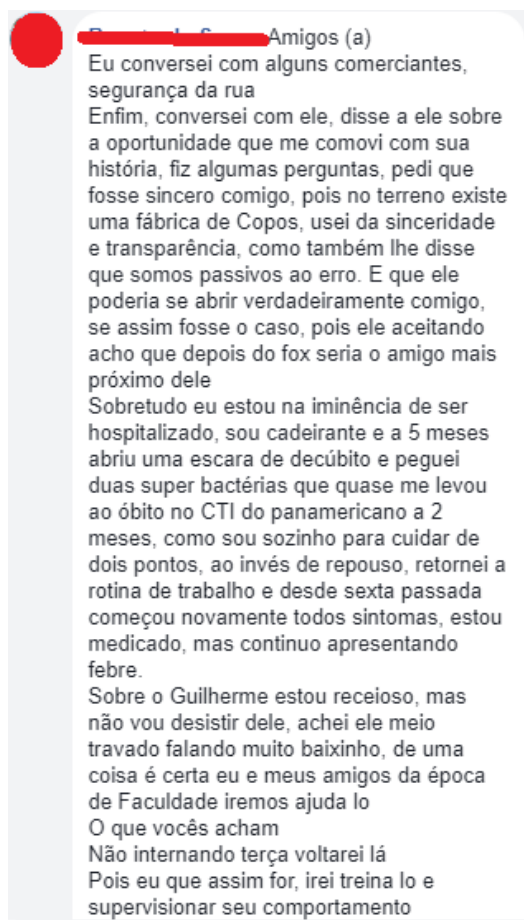
Figura 32 - Fotografias que seguidores da página tiraram e postaram nos comentários, de Guilherme e seu cão, Fox.



Fonte: Facebook/rioinvisível

As pessoas que se comoveram com o *post* pareciam querer fazer parte disso de alguma forma e sempre que podiam mostravam fotos ou comentavam sobre a possibilidade de ajudá-lo. A sua história – e a de seu cão, Fox – teve uma repercussão tão grande que foi notícia no site G1⁶. Este internauta comentou várias vezes, e tinha a intenção de empregá-lo:

Figura 33 - Comentário de internauta interessado em empregar Guilherme.



Fonte: Facebook/rioinvisível

Sua história foi mais um caso emblemático de repercussão pública de grande alcance e aconteceu bem no início do projeto (foi a quinta história publicada pela página). Nesse começo, a maioria delas recebia pelo menos mil reações, mas a dele foi uma das que teve mais alcance e receptividade pelo público que acompanha a página. A próxima história possui uma narrativa mais lúdica e despertou, em muitas pessoas, uma surpresa positiva.

⁶ http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/10/cao-de-morador-de-rua-e-livreiro-vira-intelectual-de-oculos-e-gravata-no-rio.html?utm_source=twitter&utm_medium=social&utm_campaign=g1

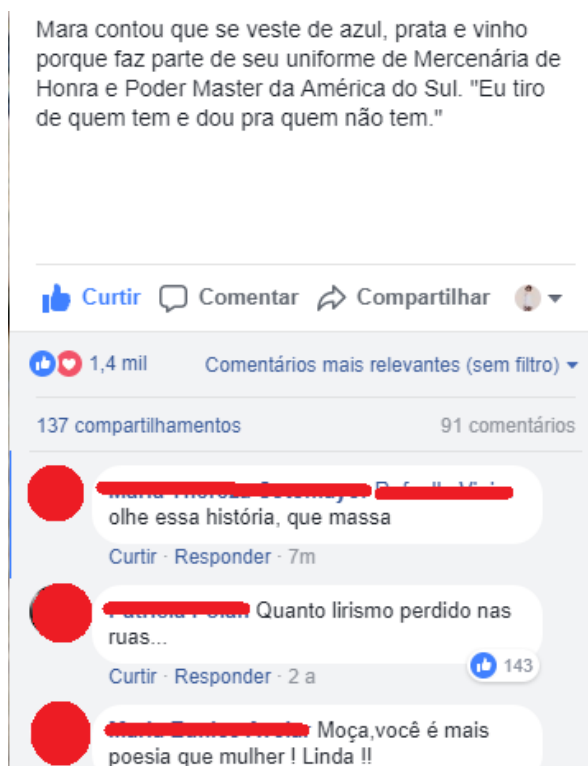
Figura 34 - Postagem da história da entrevistada Mara.



Fonte: Facebook/rioinvisível

A entrevistada Mara possui uma narrativa muito diferente das demais. É uma narração muito lúdica e sem preocupação com o nexó racional das conversas ou com uma lógica informacional de verdade ou mentira. Trata-se da percepção de Mara acerca do mundo e ela é respeitada pelo Rio Invisível como tal. Teve boa receptividade por parte dos internautas e seu alcance foi relativamente grande, com 1,4 mil reações, além de 137 compartilhamentos.

Figura 35 - Comentários sobre a narrativa de Mara.



Fonte: Facebook/rioinvisível

Um relato rico e pouco comum, que trouxe, para muitos que leram, a satisfação de ver poesia em suas palavras, e alguns até observaram seu olhar com admiração, que, de fato, na imagem, é bastante sereno. O próximo e último caso aqui analisado é o de Tiago.

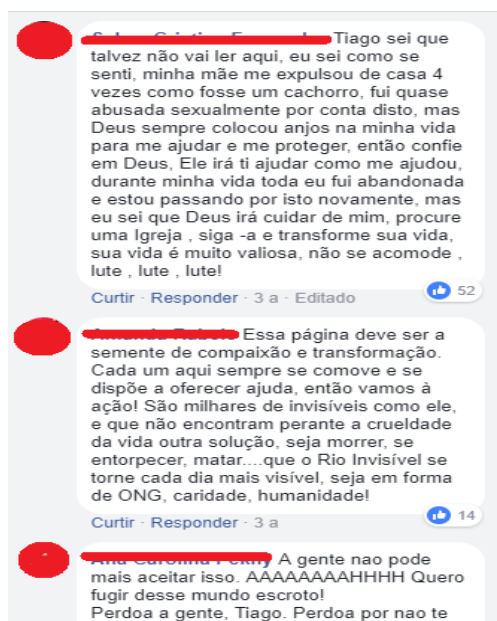
Figura 36 - Postagem da entrevista de Tiago.



Fonte: Facebook/rioinvisível

Esta história também teve bastante alcance na rede social digital, alcançando a marca de 5,2 mil reações e 784 compartilhamentos. O caso de Tiago foi bastante comentado durante a entrevista com o Rio Invisível e será analisado com mais calma na próxima seção.

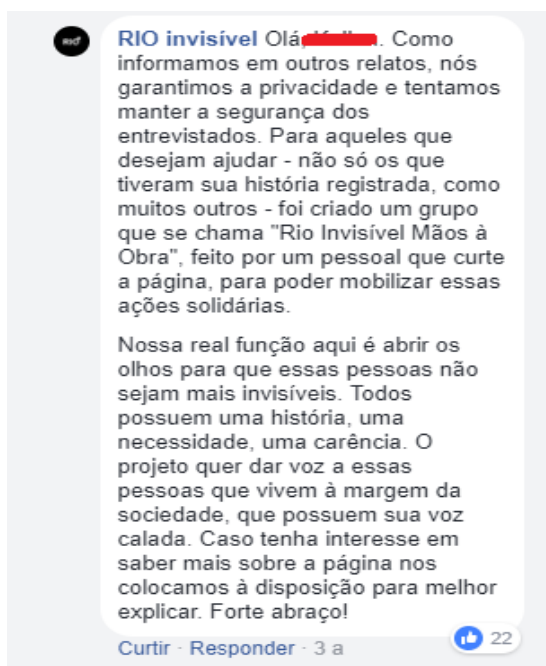
Figura 37 - Postagem da entrevista de Tiago.



Fonte: Facebook/rioinvisível

Pelos comentários é possível observar que o relato de Tiago causou muita empatia, e algumas pessoas manifestaram-se querendo ajudá-lo, ao que a página respondeu que eles procuram ser facilitadores, já que estão ali para gerar reflexão sobre as histórias.

Figura 38 - Resposta do Rio Invisível aos comentários de pessoas que gostariam de ajudar.



Fonte: Facebook/rioinvisível

O grupo “Rio Invisível Mãos à Obra”, citado na imagem acima, durou por aproximadamente um ano, e tinha como objetivo ajudar as pessoas que tiveram suas histórias contadas pela página e muitos outros casos, para além da questão da pessoa em situação de rua. Ele surgiu do interesse de uma pessoa que acompanhava a página em realizar ações solidárias e juntar as pessoas que se interessavam pela mesma causa.

A partir das análises dessas seis narrativas, cada uma com uma repercussão diferente, faremos algumas considerações a respeito da dinâmica da netnografia, das narrativas e das imagens. Primeiramente, gostaria de mencionar a dificuldade em interagir com os internautas. Mesmo quando perguntava sobre o que eles sentiam ou pensavam a respeito de diversas postagens, não houve interesse em responder. Não foi uma tarefa fácil e apenas os membros do grupo Rio Invisível respondiam às perguntas sobre o encaminhamento dos entrevistados ou mesmo, o que sentiram quando algumas situações ocorriam. Foi um processo rico, pois foi possível perceber que, se, em uma etnografia, inserir-se na comunidade de maneira que os membros aceitem e interajam com o etnógrafo já é um processo complexo, na comunidade virtual é mais difícil ainda. As pessoas não necessariamente deixam de responder porque possuem um problema de aceitação do outro, mas podem, acima de tudo, ignorar as perguntas

e as pessoas porque não se interessam mais pelo assunto tratado, ou, simplesmente, não querem falar com alguém desconhecido sobre suas impressões para fazer parte de um trabalho acadêmico.

Outra ponderação importante é que tive a oportunidade de conversar com um dos entrevistados da página, pois já tinha um contato com ele antes da intervenção do projeto. Um dia, questionando o entrevistado sobre como se sentiu durante o encontro com o grupo e o que achou da experiência, ele ficou surpreso por eu conhecer esse trabalho. Ele questionou sobre o funcionamento do projeto, já que havia entendido que sua história seria divulgada na internet, mas não compreendia exatamente o que significava estar no Facebook. Assim, durante a pesquisa, foi interessante ver os vários lados da questão: tanto a dimensão de quem sentiu efeitos diretos dessa visibilidade positiva ou negativa pelas reações dos usuários da página, quanto por alguém que mostra que, mesmo com toda a visibilidade, nem sempre irão compreender a dimensão desse processo.

A partir das questões supracitadas acerca da construção deste capítulo, é importante mencionar a dimensão da narrativa e das imagens em todos esses processos, pois graças a esses dois elementos, é possível obter uma experiência virtual de histórias de pessoas reais, que geraram todas as reações estudadas até agora. Segundo Benjamin (1987), um dos grandes fatores que contribuem para o declínio da narrativa é o aumento da quantidade de informações, já que, diferente da narrativa, a informação exige que o relato seja plausível, não necessariamente trazendo uma “lição” ou sabedoria com ele, apenas a ideia de verdade. Em um mundo onde imperam as informações, não há espaço para histórias incríveis.

Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte da narrativa está em evitar explicações. (BENJAMIN, 1987, p.203)

Justamente por estarmos todos imersos nesse mundo de informações, a existência de um projeto que trabalha a narrativa de dentro de uma rede social digital (que difunde informações a todo instante) é uma atitude, no mínimo, ousada. Ocorre que, em muitos casos, os próprios internautas, por estarem acostumados com a lógica das informações, algumas vezes procuram sentido e veracidade nas histórias narradas para darem validade a elas, como foi o caso de Marcelino. Mesmo com esse “choque”, é possível ver que as histórias surpreendem e trazem consigo alguma sabedoria, mesmo que o internauta não a alcance. É um difícil exercício trazer uma “forma artesanal de comunicação” (BENJAMIN, 1987, p.

205) para um ambiente extremamente tecnológico, com a forma mais moderna (mas não necessariamente mais rica) de comunicação que possuímos hoje.

Segundo Benjamin (1987, p.211), “a relação ingênua entre o ouvinte e o narrador é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado”, o que coloca a narração lado a lado com a memória, pois, assim, a narrativa pode ser reproduzida por muito tempo, de geração em geração. A página Rio Invisível traz para o ambiente digital essa dinâmica da narrativa, contribuindo para que a memória seja tanto difundida quanto, em alguma instância, reproduzida.

Como o ambiente em que esse processo é realizado é muito imagético, a página também usa o recurso das imagens dessas pessoas, para que possam ser assimiladas e associadas às pessoas em questão. Segundo Silva (2016), o conceito de representação é utilizado pelas artes visuais, em especial a fotografia, que vem sendo apresentada “como representações de artefatos visuais de memória” (SILVA, 2016, p. 309) e acaba possuindo um caráter de testemunho. No caso do Rio Invisível, as fotografias testemunham a existência dessas pessoas na qualidade de narradores, ou seja, como detentores de uma história digna de ser contada e memorizada pelos demais grupos da sociedade.

A fotografia, assim como o vídeo documental, é uma representação interpretativa da realidade, no sentido de ser algo recortado pela percepção do olhar. A imagem, quando divulgada publicamente, é uma janela aberta pela qual podemos ver lugares e pessoas que não conheceríamos de outra forma. Ela nos contextualiza, nos faz imaginar como seria estar em certo ambiente, vivenciando experiências. (SILVA, 2016, p. 319)

Ao trazer as imagens fotografadas das pessoas em situação de rua para a rede social digital, o Rio Invisível oferece a possibilidade, a uma parcela da sociedade, de conhecer pessoas que muito provavelmente não veria sem a visibilidade proporcionada pela internet. Então, a narrativa e a representação fotográfica, por mais que a segunda seja sempre um recorte feito a partir do olhar de quem fotografa (SONTAG, 2004), juntas, possibilitam que os internautas recebam, ao mesmo tempo, o testemunho imagético da existência das pessoas entrevistadas e tenham a oportunidade de ouvir (ou ler) suas narrativas.

4.2 ANÁLISE DA ENTREVISTA COM O GRUPO RIO INVISÍVEL

A entrevista⁷ com os membros do projeto Rio Invisível foi realizada em 30/11/2016, e, embora tenham surgido outras histórias e até mesmo outras frentes de trabalho do grupo, seus

⁷ Ver Anexo

objetivos permaneceram os mesmos e a configuração da página não mudou. A conversa aconteceu entre Nelson Antônio Pinho, Yzadora Monteiro e eu, na posição de pesquisadora.

As primeiras considerações foram acerca das motivações de ambos para iniciar o projeto. Os fundadores do projeto inspiraram-se no trabalho já realizado pelo grupo SP Invisível⁸, o primeiro a iniciar esse tipo de trabalho no país, que atua na capital de São Paulo. Sentiram que existia uma lacuna na discussão acerca da população em situação de rua no Rio de Janeiro e que um projeto desse tipo poderia preenchê-la. Ambos são formados em Comunicação Social pela PUC-RJ e têm um olhar jornalístico bem parecido com o do grupo de São Paulo, que também possui essa formação.

A dimensão das redes sociais, tanto digitais quanto *off-line*, foi uma das questões que eles encontraram logo no início do trabalho. Colocar a história de vida de pessoas ali tem um peso enorme e, por mais que não se perceba isso imediatamente, pode ter consequências diretas na vida dessas pessoas. Inicialmente transcreviam as histórias sem cortes, com o intuito de manter a fidedignidade, mas não tinham atentado para o problema da segurança. Por terem relatado, sem cortes, a história de uma pessoa vítima da milícia, foram ameaçados e esse perfil “fake” continuou, durante um período, fazendo comentários nos *posts* com o intuito de causar confusão e discórdia. Com o tempo, os “haters” foram aparentemente sumindo, ou pelo menos não se manifestando mais daquela maneira (até o caso da Lufe).

Após passar pela fase, que eles denominaram mais “ingênua”, a preocupação era que as narrativas fizessem sentido, e que ficasse transparente que elas eram reais, pois começaram a ter medo de más interpretações em torno da vida da pessoa. Com o tempo, também desistiram dessa ideia e passaram a entender que essas pessoas representavam-se desta forma para o mundo, e que isso não deslegitimava seu discurso. Muito pelo contrário, segundo Benjamin (1987), a narrativa não necessita provar sua veracidade, mas simplesmente, evidenciar a percepção de mundo de quem a conta. Hoje, já mais amadurecido, o objetivo do projeto é gerar reflexão.

Uma das primeiras percepções acerca da vida da pessoa em situação de rua que os idealizadores do projeto puderam ter foi a dimensão da perspectiva do olhar. Quando a conversa é realizada, eles sentam com as pessoas. Perceberam que, daquele ângulo, só se viam pernas, e principalmente que, em sua maioria, as pessoas passavam evitando o contato visual. Por isso também, eles crêem que a Internet ajuda as pessoas a prestar mais atenção, já que pela experiência que eles tiveram, poucas dão a devida atenção ao caso quando estão

⁸ <https://www.facebook.com/spinvisivel/>

pessoalmente diante de um indivíduo em situação de rua. Para exemplificar isso, contaram como se deu o caso de Guilherme, citado na seção anterior.

O alcance do seu relato foi tão grande que gerou inúmeras reações nas pessoas. Alguns internautas demonstraram, inclusive na página, que já o haviam visto pessoalmente, mas, a partir do relato *online*, olharam para ele de forma diferente, e muitos quiseram ajudá-lo. Por outro lado, segundo o relato do grupo Rio Invisível, isso também teve um lado ruim, já que a exposição favoreceu uma espetacularização da vida dele e muitos iam tirar fotos e mencionar na página que o conheciam. Era como se, de repente, a vida dele tivesse virado uma espécie de *reality show*, e essa, definitivamente não era a intenção da página. Apesar disso, Guilherme conseguiu um emprego, ajudado por uma dessas pessoas que conheceram sua história na página.

Com o tempo, as pessoas começaram a cobrar do grupo uma postura de ajuda direta/material, aos entrevistados e como foi explicado no post sobre Tiago. Apesar desse não ser o objetivo do grupo, surgiu dali a iniciativa “Rio Invisível – Mãos à Obra”, e o Rio Invisível começou a fazer uma conexão entre os interessados em ajudar. Esse grupo foi necessário porque, muitas vezes, os membros do projeto vivenciaram um problema constante: as pessoas que se “afetavam” com a história no momento em que a viam na tela do computador, marcavam de encontrá-los com a proposta de ajudar a pessoa, e não apareciam.

Ao mesmo tempo, apesar desses muitos que marcavam e não iam, havia sempre um que mantinha o compromisso, ia ao encontro, e não parava por ali: acabava se tornando um colaborador do projeto, como foi o caso do “Rio Invisível – Mãos à Obra”. Por isso, para eles, movimentos desse gênero só são possíveis porque a Internet e sua configuração de redes que se interconectam, torna muito mais fácil esse contato. Outro bom exemplo do funcionamento da rede foi o crowdfunding feito em prol de Vera Lúcia. Ele foi realizado quase um ano após essa entrevista e contou com a participação do projeto RUAS e de uma internauta que, comovida com o caso dela, resolveu ajudar, tornando-se colaboradora do projeto.

Após um tempo, houve uma crise no projeto. Eles se questionavam se eram apenas uma página qualquer, feita para colecionar “curtidas”. Resolveram, então, ir até os encontros de café-da-manhã de outro projeto e conversar com quem estava lá e estivesse interessado em contar sua história. A partir daí, decidiram que o projeto deveria ser uma plataforma de pesquisa e conteúdo, gerando então vídeos, exposições, e principalmente, pensamento crítico.

Um ponto interessante a ser salientado é que mesmo depois do grupo perceber que era mais importante deixar a conversa fluir do que se preocupar se as pessoas iam acreditar ou não naquela história, uma preocupação constante – até hoje – é o de evitar reforçar

estereótipos. Por isso, quando citaram a história de Tiago, perceberam que, por questões éticas, não era importante divulgar os momentos mais agressivos da conversa (o começo), mas ao contrário, deixar apenas as partes que não fossem gerar, por parte dos internautas, alguma reação mais hostil. A narrativa e o desabafo dele ficaram para o grupo. Para o público do Facebook, ficaram trechos. Nesse momento da entrevista, foi explicada a questão da edição, que é realizada para que a escrita tenha “sentido”. Nelson e Yzadora deixaram nítido que não colocavam palavras a mais, apenas realizavam o rearranjo do texto e suprimiam informações que julgavam poder ameaçar a segurança das pessoas em situação de rua, ou a deles mesmos.

A atitude do grupo foi diferente com a história de Mara. Já entendendo que as narrativas ali apresentadas não tinham um dever de seguir uma racionalidade e/ou lógica social vigente, deixaram que ela ficasse livre para falar o que quisesse, uma verdadeira narrativa, que não tinha a intenção de passar *informações*, mas representações de suas memórias. Segundo Benjamin (1987, p. 211) “Mnemosyne, a deusa da reminiscência, era para os gregos a musa da poesia épica”. Assim, nesse relato lúdico, é possível encontrar a narração em sua versão mais pura, livre de julgamentos ou da necessidade de comprovações.

Para o grupo, a questão da memória atravessa esse trabalho, já que ela possibilita que as pessoas entrem em contato com as histórias, tenham a oportunidade de conhecê-las, e assim, se identifiquem com essas pessoas em alguma instância. Essas memórias, colocadas em disputa, têm a capacidade de gerar afetos. A partir disso, eles vêem a possibilidade de reflexão, mais do que de uma atuação direta na vida das pessoas. Eles relataram o caso de uma pessoa que afirmou que, após ler uma história relatada na página, enxergou humanidade nela, algo que ele não conseguia ver normalmente quando se tratava de grupos marginais.

Os outros eixos que procuramos trabalhar na entrevista foram: a fluidez da internet; a questão da imagem; e como eles percebiam a relação de tempo/espaço na população em situação de rua. Com relação ao primeiro ponto, o grupo Rio Invisível não demonstrou uma preocupação primária com isso. Eles não tinham medo das histórias se perderem caso o Facebook um dia fosse desativado. Porém, por conta da sua intenção não ser simplesmente uma página online, o grupo possui um acervo com as histórias e várias ações já citadas, mostrando que o projeto tem uma página na internet, mas não se resume apenas a isso.

Sobre as imagens, a proposta era não serem apelativas ou elementos para reforçar estereótipos. É possível perceber que, para o grupo, tanto a mensagem escrita quanto a mensagem visual são importantes e geram consequências. Por isso, nunca quiseram trabalhar com imagens em preto e branco, para não transmitir uma ideia de distanciamento e, mais

ainda, para que eles não ficassem no mesmo tom dos prédios, o que reforçaria a ideia de que são objetos que fazem parte da paisagem, sem identidade própria. Além disso, após ser fotografada, a pessoa opina sobre o resultado. Se não gostar, por qualquer que seja a razão, tem sua história guardada no acervo do grupo e sua imagem não é veiculada pela internet.

Já no que diz respeito ao conceito de tempo e espaço, eles puderam perceber que há uma diferença entre as rotinas dessa população (com ações sociais que ocorrem em dias e horários específicos), e a lógica do que eles chamam de “sociedade incluída”. Essas pessoas não seguem o horário fixado pelos relógios como é o caso da população que não vive nas ruas. O espaço também é pensado de acordo com a movimentação da cidade e suas percepções sobre os perigos que podem enfrentar nesse ou naquele local. Eles podem migrar várias vezes pela cidade, dependendo das rotinas de ações sociais das quais participam ou mesmo das abordagens dos agentes do Estado.

Algo que também influencia essa percepção é a questão da arquitetura da violência, já trabalhada no capítulo anterior, que faz com que eles possam estar em certos lugares, e não em outros. O acesso aos espaços é permitido com mais facilidade para a sociedade incluída, compreendida como aquela que paga pelos serviços e, portanto, pode usufruir da cidade. Os idealizadores do projeto Rio Invisível são bastante críticos a esse modelo e acreditam que ações como as que estão realizando podem ajudar a repensar essa configuração da cidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados bibliográficos fornecidos, das análises dos documentos escritos e iconográficos do AGCRJ, da análise netnográfica e da entrevista, foi possível observar, por um viés crítico e baseado em literatura interdisciplinar, alguns dos possíveis efeitos do Projeto Rio Invisível na vida das pessoas em situação de rua que tiveram suas vidas relatadas online, assim como as reações dos internautas.

A primeira consideração que se pode fazer é que existem políticas públicas, documentos e memórias acerca da população em situação de rua desde muito tempo. Mas, as políticas públicas tratavam o caso como um problema de polícia, tendo a situação sido considerado, muitas vezes, como crime de “vadiagem”. Além disso, pelos dados fornecidos pela documentação, havia uma conexão muito grande entre a escravização da população negra e sua marginalidade posterior à abolição, sendo este um dos fatores que contribuíram para a grande quantidade de ocupações nos morros pela cidade afora. Comentamos também o trabalho do cronista João do Rio (1995), que contribuiu para a difusão da memória de diversos grupos das ruas da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX, e as fotografias de Augusto Malta que, em função da Prefeitura do Distrito Federal, documentou com seus cliques a miséria dos ocupantes dos morros ao redor da cidade.

Foi possível, portanto, constatar que existe uma memória acerca dos grupos marginalizados da cidade, com registros literários e documentários, alguns dos quais se encontram, inclusive, na instituição de guarda permanente da cidade, o Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Porém, a novidade que o Projeto Rio Invisível traz é que, diferentemente, por exemplo, das crônicas de João do Rio, seus interlocutores podem interagir em tempo real com as histórias e, a partir das comunidades virtuais criadas em torno desse assunto, criar redes de atuação efetiva para gerar reflexão sobre esse assunto, e criar a possibilidade de ajuda a essas pessoas. Acima de tudo, o objetivo do projeto é dar mais visibilidade a essas vidas, para que o modelo de cidade em que vivemos atualmente seja repensado, a partir do momento em que as pessoas passam a enxergar as ruas, também, pelo ângulo de quem mora nelas. Porém, sempre se faz necessário ter em mente a crítica que Sontag (2004) realiza, acerca da fotografia, no sentido de que deve-se tomar o cuidado para que todas essas imagens (e nesse caso, histórias) não se tornem também banais e saturadas, como tantas imagens que são vistas diariamente.

Sobre a netnografia, é importante salientar que, como a etnografia, trata-se de uma metodologia de trabalho em que o pesquisador deve estar aberto a todas as possibilidades que

se apresentarem. Foi proposta uma observação participante (OLIVEIRA, 1998) e no caso do ambiente digital, uma interação em rede com todos os internautas aos quais alguma pergunta ou comentário foi direcionado, e que os ignoraram e não responderam. Pude concluir, com isso, que na rede social digital, assim como nas comunidades não virtuais, a interação não é fácil e torna-se ainda mais difícil na medida em que os internautas podem ignorar qualquer pessoa sem embaraço, já que não são obrigados a esbarrar com elas pessoalmente. Assim, toda a análise foi feita sem a resposta dos visitantes da página, apenas com a observação das reações e comentários. Além disso, Nelson, representante do Rio Invisível, pôde me explicar muitas situações que aconteceram na página e me suscitaram dúvidas ao longo do estudo, tendo sido um interlocutor bastante interessado em responder às perguntas.

A entrevista realizada com o grupo também foi fundamental. Além de ter sido bastante rica por seu conteúdo em si, mudou também algumas ideias preconcebidas que eu tinha sobre a página, como por exemplo, de que não havia edição ou qualquer interferência dos membros do grupo nas postagens. A partir desses dados, observou-se, mesmo com a falta de retorno por parte dos seguidores da página, o quanto Rio Invisível realmente possibilita a reflexão sobre a população em situação de rua, ampliando-a para um público diverso.

Não que as pessoas não pudessem ver as pessoas em situação de rua antes, mas ao entrar em contato com suas narrativas, puderam conhecer e ter mais consciência de suas realidades e a partir daí, escolher seus posicionamentos a respeito do tema, já que, segundo Bergson (2009, p.11), “consciência é sinônimo de escolha”. Isso não significa que depois que as pessoas que tiveram contato com a página e conheceram um pouco mais sobre as histórias e experiências dessas pessoas, elas serão militantes ou irão fazer caridade. Significa apenas que, à medida que tomam consciência, podem refletir e, quem sabe, atuar na produção de conhecimento sobre esse grupo ou de ideias para implementação de políticas públicas. Podem também, simplesmente, desenvolver um olhar mais sensível a essa realidade. Esses são os efeitos da tomada de consciência.

É, portanto, a partir das possibilidades de escolha trazidas pela consciência, que podemos criar. O Projeto Rio Invisível foi criado a partir disso. A consciência, ainda que relativa, com relação às pessoas em situação de rua, fez com que esse grupo criasse. Essa criação só foi possível porque, à medida que ganhavam mais consciência, ganhavam também mais liberdade, pois saíam do estado de inércia que limita as ações e mantém as pessoas vivendo como autômatos.

Pode direcionar-se no sentido do movimento e da ação – movimento cada vez mais eficiente, ação cada vez mais livre: e isso é o risco e a aventura, mas também a consciência, com seus graus crescentes de profundidade e intensidade. Por outro lado,

pode abandonar a faculdade de agir e de escolher, cujo esboço traz em si, e arranjar-se para obter ali mesmo tudo o que precisa, em vez de ir buscá-lo; isso é então a existência segura, tranquila, burguesa, mas é também o torpor, primeiro efeito da imobilidade; dentro em breve é o entorpecimento definitivo, é a inconsciência (BERGSON, 2009, p.11).

Quando o Projeto Rio Invisível viabiliza que se conheçam as vidas por trás daquelas pessoas, ele possibilita que as pessoas saiam do torpor, desse estado de inconsciência que não permite que se criem estratégias novas para pensar a questão. A situação dos grupos marginalizados nas grandes cidades, em especial da população em situação de rua, não é simples, e não se pode esperar que seja resolvida com uma ação única. Mas, mesmo com todas as dificuldades e revezes decorrentes da exposição da vida de aproximadamente 100 pessoas no ambiente digital, o projeto realizou uma ação que, para alguns, teve efeitos positivos e que gerou afetos em pessoas que viviam “entorpecidas”. Ainda segundo Bergson,

criador por excelência é aquele cuja ação, sendo intensa, é capaz de intensificar também a ação dos outros homens e também de ativar, generosa, focos de generosidade. Os grandes homens de bem, e mais particularmente, aqueles cujo heroísmo inventivo e simples abriu para a virtude de caminhos novos, são reveladores de verdade metafísica (Bergson, 2009, p. 24).

Não se espera, com esse projeto, que todos tenham uma postura ativa diante dos problemas da população em situação de rua, mas que se possa colocar as memórias dessas pessoas em disputa de uma forma mais ampla, criar redes de contato para que possam atuar e pensar em conjunto, despertar os afetos. Acima de tudo, deseja-se produzir conteúdo para que o projeto seja um caminho para se procurar soluções mais efetivas para essa questão, usando, como base, as narrativas das próprias pessoas em situação de rua e as pessoas que, a partir dessa tomada de consciência, acabam virando colaboradores diretos ou indiretos desse projeto.

REFERÊNCIAS

- ABREU Fernanda; FAWCETT, Fausto; LAUFER Carlos. Rio 40 Graus. **SLA 2 be Sample**. EMI, 1992.
- ACIOLY, L.L.; BENAYON, J.S.; FERRAZ, S.M.T.; MENDONÇA, P.R.C.C.; ROSADAS, L.G.C. Arquitetura da Violência: Arquitetura antimendigo como eureka da regeneração urbana. **Revista Movimento**. v. 2, n. 3, 2015.
- AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. São Paulo: Klick Editora, 1997.
- BAUMAN, Zygmunt. **A Sociedade Individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BECKER, Howard S. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. 1 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119.
- BENJAMIN, Walter. Sobre alguns motivos na obra de Baudelaire. In:____**Baudelaire e a Modernidade**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- BERGSON. H. A consciência e a vida. In:____**A energia espiritual**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BRASIL. Decreto nº 7053/2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm. Acesso em 15 fevereiro, 2018.
- BRASIL. Lei nº 7053, de 23 de dezembro de 2009.
- BR RJAGCRJ.CM.ESC.40.3.78, p.3
- BR RJAGCRJ.CM.POM.2.2.007, p. 35
- BR RJAGCRJ.CM.POM.5.92.001, p.62
- BUTLER, Judith. **Vida precaria: El poder del duelo y la violencia**. 1 ed. Buenos Aires: Paidós Argentina, 2006.
- CARVALHO, Amanda Lima dos Santos, . O Rio de Janeiro a partir da chegada da Corte Portuguesa: Planos, Intenções e Intervenções no século XIX. In: PEIXOTO, Elane Ribeiro; DERNTL, Maria Fernanda; PALAZZO, Pedro Paulo; TREVISAN, Ricardo (Orgs.) **Tempos e escalas da cidade e do urbanismo**: Anais do XIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Brasília, DF: Universidade Brasília- Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2014 . Disponível em: <http://www.shcu2014.com.br/content/rio-janeiro-partir-da-chegada-da-corte-portuguesa-planos-intencoes-e-intervencoes-no-seculo> Acesso em 16 Jan. 2018.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CORREIA, Pedro Miguel Alves Ribeiro; MOREIRA, Maria Faia Rafael. Novas formas de comunicação: história do Facebook – Uma história necessariamente breve. **Alceu**, v.14, n.28. p. 168 – 187- jan/jun. 2014.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FERENCZI, Sándor. Confusão de língua entre os adultos e a criança (1933). **Obras completas**. Psicanálise IV. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 97106.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 4 ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Editora Paz e Terra, 2016.

GONÇALVES, A. R. **Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro: terras e fatos**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LÉVY, Pierre. A nostalgia do totalitarismo: difusão de informações pelo ciberespaço ameaça as castas intelectuais. **Folha de São Paulo**, 1998. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs14069804.htm> Acesso em 16 Jan. 2018

LÉVY, Pierre. **Cyberculture**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **A Inteligência Coletiva**. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015.

LUZ, L.C.X.; SERAFINO, I. Políticas para a população adulta em situação de rua: questões para debate. **Revista Katálysis**. Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 74-85, jan./jun. 2015.

PINHEIRO, Manoel Carlos; FIALHO JR., Renato. Pereira Passos: Vida e Obra. **IPP/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro**, 2006.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **O trabalho do Antropólogo**. São Paulo, SP – UNESP/Paralelo 15, 2 ed, p. 17 – 35, 1998.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, vol. 2, n. 3, Rio de Janeiro, 1989.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas: crônicas/ João do Rio**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995.

RIO INVISÍVEL, 2018. Disponível em:

<https://www.facebook.com/rio.invisivel/> Acesso em 15 fevereiro, 2018.

SILVA, Sérgio Luiz Pereira da. Desafios metodológicos em memória e fotografia. **Morpheus**, v.9, n. 15, 2016

SIMMEL, Georg. Sociologia do espaço. **Estudos Avançados** vol. 27, n. 79, São Paulo, 2013.

SIMMEL, Georg. As Grandes cidades e a vida do espírito. Trad. Artur Mourão. Covilhã, 2009.

SONTAG, Susan. **Sobre a fotografia**. Trad. Rubens Figueiredo. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004.

VELHO, G. **Projeto metamorfose: Antropologia das sociedades complexas**. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1994.

SITES:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm

http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscariocas/download/2376_Pereira%20Passos%20vida%20e%20obra.pdf

<http://brasilianafotografica.bn.br/brasiana/handle/bras/2732>

<http://www.images2you.com.br/v1/>

<https://www.vagalume.com.br/fernanda-abreu/rio-40-graus.html>

<https://extra.globo.com/noticias/rio/rio-invisivel-conta-historias-emocionantes-de-moradores-de-rua-14289456.html>

<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/policia/noticia/2016/03/policia-procura-suspeitos-de-ataque-a-morador-de-rua-em-vacaria-5290621.html>

<http://www.rio.rj.gov.br/web/smasdh/exibeconteudo?id=6771738>

ANEXO: TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA**Transcrição de Entrevista**

Entrevistados: Nelson e Izadora

Entrevistadora: Maria Thereza Sotomayor

Data da entrevista: 30/11/2016

Partes da entrevista a que se refere: 3/3

Transcritor: Maria Thereza Sotomayor

Thereza: Bom, então a gente vai começar a entrevista. Primeira pergunta para os dois, tá? Hum, Nelson e Izadora, quais a suas motivações para o desenvolvimento da página “Rio Invisível”?

Nelson: É... a motivação inicial né? Eu acho que no início foi muito...eu não consigo dizer a motivação, o start inicial assim, porque eu acho que surgiu muito assim, uma identificação com a página...assim que eu tomei conhecimento da São Paulo Invisível, eles estavam começando ainda.

Thereza: Foram eles que começaram?

Nelson: Foram eles que começaram, então no momento que eu dei de cara, eu já logo falei assim, “É isso! É uma ideia incrível que precisa ser difundida cada vez mais em outras áreas das cidades que puderem, tem que fazer isso”. E eu já logo pensei, “Bom, eu acho que no Rio tem que fazer”. E eu nem pensei muito, assim, sobre como que poderia...como poderia gerar isso, como que eu poderia fazer, enfim. Mas eu já logo me identifiquei e já logo avisei pra Izadora porque já intuitivamente eu já...é a cara de trabalhar com a Izadora e assim, a gente por ter feito faculdade junto, eu já sabia mais ou menos como que era a linha de raciocínio, a linha de pensamento que a gente compartilhava, assim, até filosófica e social da coisa e eu falei, bom, já estava na minha cabeça que a Isadora ia aceitar também...e foi bem isso, eu já entrei com São Paulo Invisível, então, de início foi muito uma necessidade de fazer algo, que realmente eu via necessidade de ser feito. Então minha motivação foi essa, de preencher essa lacuna que era tão interessante e...

Izadora: É, e foi o que acabou motivando por muito tempo, assim, foi você perceber que era uma lacuna mesmo que tinha na narrativa da cidade e que ela precisava ser preenchida de alguma forma, porque querendo ou não quando a gente pensa em cidade, a gente não poder pensar só nas pessoas que estão...nos sujeitos que consomem, assim, a cidade que pagam e tudo mais. Tem também essa cidade que ela é... é assim...para-raios de tudo que acontece entre as pessoas que estão consumindo e transitando, e tudo mais. E é... as pessoas em situação de rua né. Então era uma lacuna mesmo. Só que assim, quando a gente começou a gente não tinha essa...essa visão toda, isso a gente foi percebendo enquanto essa lacuna foi sendo preenchida, sabe...

Nelson: Quando a gente começou a elaborar...

Izadora: A gente começou a ouvir as histórias e começou a entender o que aquilo representava. Então, antes era assim, a gente começou...

Nelson: Bem aprendizado né...

Izadora: É...A gente começou tipo cego...a gente não tinha nenhum...nenhum...

Nelson: É, na realidade a gente tinha uma pulga ali por dentro, que era óbvio de conhecer...no meu caso, assim, particularmente, e a Izadora tem o caso dela, mas assim, particularmente eu estava ali, morava no Catete, e andava, sempre que eu voltava pra casa depois do trabalho, eu sempre passava pelas mesmas pessoas. E eu sempre ficava muito intrigado de saber sobre a vida daquelas pessoas, que tinham hábitos ali tão compartilhados, e tão públicos, e eu queria realmente entender melhor assim, e acho que era realmente, livre de...óbvio que a gente tem ali naturalmente da sociedade, a gente já faz um pré-julgamento em cima daquilo mas eu estava realmente muito intrigado, muito aberto ao que pudesse ser e já na minha cabeça eu já imaginava que eu poderia acessar camadas que eu até então no meu repertório era tão... eu não teria como enxergar de uma forma se eu não sentasse e parasse para conseguir compreender essa camada, assim.

Thereza: E, vocês se formaram em quê? Onde?

Izadora: Eu sou de jornalismo...

Nelson: Publicidade...a gente fez comunicação social na PUC juntos.

Thereza: Bacana...E assim...eu falo pessoalmente. Meu interesse desde sempre assim, criança na verdade...me escandalizava a indiferença. Isso aconteceu com vocês também?

Nelson: Sim...

Izadora: Cara, a gente se... assim...isso se mostrou de formas diferentes, diversas vezes. Uma vez por exemplo, a gente estava fazendo aqui em Botafogo mesmo, e um dia a gente tirou pra fazer umas histórias. E aí era uma época que a gente estava percebendo muito como as pessoas olhavam pra gente enquanto a gente estava fazendo a história, assim. E aconteceu isso, a gente estava...tem um Itaú pra lá eu acho, perto do mercado, aí eu sentei para conversar com uma moça, e aí o Nelson ficou na outra esquina esperando, porque a gente sempre fazia individual pra ter uma conexão mais...

Thereza: Mais profunda...

Izadora: É, aí o Nelson ficou olhando e aí tipo todo mundo que passava, o Nelson até pode falar melhor, porque ele que estava olhando, as pessoas olhavam tipo “o que essa garota está fazendo sentada aí?”, mas ao mesmo tempo...desviava..

Nelson: É, aí passou na realidade um conhecido nosso, que conhecia a Izadora, olhou, meio que ficou ali, mas era nítido que ele não reconheceu a Izadora. Ele apenas observou, assim.

Izadora: Porque, essa situação de estar...tipo, abaixo do olho dos passantes, eu acho...

Nelson: É, numa outra...

Thereza: Ah, vocês ficam sentados com eles também...Bacana.

Nelson: É, a gente...se ele estiver deitado, a gente não vai deitar (risos), a gente senta ali com eles. Se põe ali, em contato direto...

Izadora: É, e aí a gente também, é óbvio que numa dimensão mil vezes menor, mas a gente... eu acho que a gente sente, a gente sente um pouco desses “ninguéns” que passam por nós, sabe? Porque a gente só vê perna quando está ali sentado. Não tem esse contato assim, sabe. Então acho que isso acaba que é uma experiência que a gente sentiu, que no caso de uma pessoa em situação de rua isso tem uma dimensão enorme, assim. A gente estava escutando uma entrevista né, esses dias do Eduardo Marinho, que é...que ele falava isso, assim. Que ele conheceu uma senhora que ficava aqui no Rio Sul pedindo dinheiro. E ali ela...a questão dela... ela ia todo dia como se fosse o emprego dela, assim, ela chegava lá e pedia dinheiro diariamente. E aí eu acho que uma vez ele conversou com ela e ela tinha a oportunidade de

ser diarista mas ela preferiu assim, ser desprezada por várias por várias pessoas que não são ninguém, do que ser desprezada pela mesma pessoa todos os dias, assim...

Thereza: Caramba.

Izadora: Então, tipo, a gente não consegue ter muito essa dimensão do que é invisibilidade, porque, são invisibilidades que passam por várias percepções que não fazem parte do nosso...

Nelson: E acho que foi muito uma descoberta também dessa invisibilidade, porque a gente realmente entrou muito ingênuo. A gente queria ali preencher essa lacuna, mas é porque pra gente era, era isso assim, a gente não teve... no início, a gente ficava um pouco com receio mas a partir do momento que a gente conseguiu ali estabelecer uma conexão aquilo ali foi indo muito, a gente sentava com todo mundo, e o...

Izadora: E eu acho que esse negócio da indiferença que você estava falando é...o que aconteceu que eu acho que a Internet ajuda muito é que tipo, as pessoas, pelo contrário, começaram a prestar muito mais atenção, assim. A gente tem o lance do Guilherme, que o pessoal ia tirar foto.

[Antes de começar a entrevista eu falei que uma das questões que observei de cara, era que as pessoas atribuem uma indiferença crescente das pessoas com o mundo ao seu redor por estarem ligadas aos seus celulares e computadores]

Nelson: Sim. O Guilherme era justamente o que eu sempre que voltava para casa passava por ele, e eu achava curioso assim, que eu vi que ele era mais novo, que eu me identificava com ele e tal, sempre ia ali, e teve uma vez que eu cheguei a descer e abordar ele...assim, já tinha criado o Rio Invisível só que a gente ficou sei lá, umas 3 semanas andando com a bolsa, tentando criar coragem...

Thereza: Coragem de falar, quebrar o gelo, né (risos)...

Nelson: É...exatamente. E aí teve uma vez que eu desci assim, fiquei parado perto dele e falei assim, “E aí, tá tudo bem, está precisando de alguma coisa, tal?”, aí ele, “Não, está tudo bem, não estou precisando de nada não.” (risos). E aí eu fiquei meio que rondando ele assim...aí eu senti que existia meio que essa bolha ao redor dele, assim. Ele ficava num lugar de passagem, todo mundo passava por ele e ninguém falava, assim. Até o dia que eu falei, e tal, ele ficava com o cachorrinho Fox...

(Risos)

Nelson: E, depois disso, ele...depois que a gente contou a história dele no Rio Invisível, muitas pessoas, assim...

Izadora: A galera imprimiu a foto dele...

Nelson: Deixou lá na rua...

Izadora: Colou onde ele ficava...colou no lugar onde ele ficava, assim, na parede.

Thereza: Que bacana...

Izadora: Mais ou menos. Foi tipo, meio que a espetacularização...

Nelson: Passava todo mundo, assim...Espetacularizou.

Thereza: Ahhh...entendi.

Izadora: A galera ia tirar foto com ele, nos comentários era por exemplo, tipo “eu: vi a página, achei ele um máximo, eu fui lá visitar onde ele fica, tirei uma foto e postei num comentário”. Tem muitos. Teve uns 4 comentários de pessoas tirando foto com a galera que a gente botava na página...

Thereza: Hum...entendi agora.

Nelson: Vários...acompanhando...

Izadora: Mas foi no começo, assim, a gente ficava meio...

Nelson: Mas assim, ao mesmo tempo...é...a gente...

Thereza: Isso que eu ia perguntar, assim, como vocês enxergam o impacto da página para os internautas...

[Essa parte foi um pouco difícil de entender, porque falamos todos ao mesmo tempo]

Nelson: Foi mudando muito. Assim, teve...não foi tão legal essa coisa da espetacularização em cima das pessoas...mas ao mesmo tempo era muito novo assim para as pessoas...

Izadora: É, para todo mundo...

Nelson: A gente não caía também para...a gente só deixava, não curti a foto de quem estava acompanhando, o máximo que a gente falava era para as pessoas preservarem a segurança dos lugares onde eles se encontravam, para não ficar colocando justamente isso, virando um ponto turístico, sabe, para ir lá conhecer o personagem aqui.

Izadora: Não é zoológico.

Thereza: É, não é essa a proposta.

Nelson: Então...mas eu acho que o...as pessoas elas foram entendendo assim, também. Porque houveram várias reações. No início quando a gente surgiu, houve aquele boom, houve aquela...o contato de uma história que nunca tinha ouvido falar, e com o tempo as pessoas falavam assim, “mas vocês não estão fazendo nada por essas pessoas?”...

Thereza: Ah...

Izadora: “Estão só ouvindo histórias, é isso? Só isso que vocês fazem?”

Nelson: É, começou a vir uma cobrança, do tipo, “por que vocês estão mostrando isso pra gente?” Quase que meio que...

Izadora: “Vocês fazem o que para melhorar isso?”. Era tipo, tinha essa galera assim...

Thereza: Nossa!

Nelson: É. Tinham umas pessoas que vinham assim, “não, a gente quer muito ajudar.”...

Thereza: É, isso que eu queria saber também, existe isso também...?

Izadora: A gente tentava facilitar de alguma forma, mas logo em seguida...

Nelson: De início a gente tentou meio que criar cronogramas, assim para...

Izadora: Facilitar o meio de campo...

Nelson: Juntar pessoas que querem, por exemplo, a gente posta uma história aí tinham várias pessoas que “ah, eu quero comprar isso”, “eu quero comprar uma bicicleta pra ele”, a gente tentava ir reunindo essas pessoas mesmo porque a gente ficou muito com essa coisa mesmo, assim, a gente não está com a pretensão de ser um projeto que...

Izadora: Assistencialista...

Nelson: É. Mas é óbvio que se houver um facilitador e as pessoas quiserem, a gente vai colaborar...

Izadora: Tipo, “ai não, gato! Você quer dar a bicicleta pra ele?”

(Risos)

Nelson: Mas a gente vai facilitar o contato...

Thereza: Isso, não é o objetivo de vocês, mas se acontecer, beleza...

Nelson: Exatamente...

Izadora: Mas a partir da página surgiu um grupo, que é o grupo “Rio Mais Visível” que durou um tempo...

Thereza: É, eu cheguei a conhecer o grupo. Dois anos? Um ano, alguma coisa assim?

Nelson: Acho que durou um ano...

Izadora: Um ano...

Nelson: É...

Izadora: E aí foi que super ajudou, a gente foi parceiro de conversar assim, mas a gente não atuava.

Nelson: Porque o grande problema assim foi, que isso a gente já logo identificou, de início a gente super se propôs a quando alguém falava “ah, então vamos ajudar fulano”, daí eu falava, “ah, então vamos marcar, então a gente vai ao encontro da fulana com você”, mas era isso, assim, as pessoas as vezes ficavam muito envolvidas emocionalmente na hora que acabou de ler, escrever comentário, que escreveu, “ah beleza, vamos marcar então duas horas ali”...

Izadora: Aí depois, ninguém aparecia.

Nelson: Não iam. E isso foi a grande questão assim, algumas pessoas que pegaram...

Izadora: Eu passei uma tarde inteira na Afonso Pena...não, assim, antes eu passei uma tarde inteira respondendo 40 “inboxs”, marcando com as pessoas na Afonso Pena...sem sacanagem, foram 40 e poucos assim, inboxs. Marquei, passei a tarde inteira lá esperando todo mundo. Uma pessoa apareceu. É tipo isso, sabe?

Nelson: Mas assim, tem essa única pessoa que apareceu e é a que geralmente a gente começa a articular com essas pessoas e ampliando nossas redes de contatos dessa forma, pessoas que vinham até a gente...

Izadora: É, isso a internet é o instrumento que dá para fazer isso.

Nelson: A própria...a própria Cecília, que foi a pessoa que meio que geriu o Rio Mais Visível...porque foi justamente isso, muitas pessoas começaram logo quando veio essa...que a gente começou a sair mais ou menos na imprensa, a coisa começou a ganhar meio que uma

proporção, que aí houve também um retorno muito grande, a gente tentou organizar, só que criando um grupo mesmo, e eles mesmos começaram a se organizar com pessoas que eram mais articuladas, como a Cecília. E ela por ser muito comunicativa e por ser muito esse perfil administrativo da coisa, ela meio que ficou meio que na cabeça do grupo e ele só existiu mesmo por conta dela basicamente. Mas ele já reuniu muitas pessoas, assim...

Izadora: É, e eu acho que hoje só eles só poderiam acontecer se o projeto acontecer na internet, se o projeto fosse uma ONG dentro de uma sala...

Nelson: Exatamente...

Izadora: Isso nunca aconteceria. Só que com era um ambiente ali completamente....

Nelson: E reuniu essas pessoas interessadas de vários lugares, tinha gente que vinha de Resende assim..

Izadora: É, a gente conheceu muita gente que, pelo Rio Invisível que a gente tem contato até hoje, assim, que a gente conheceu pelo Rio Invisível, pessoas que eu nunca vi na vida, mandavam um inbox e a gente tem contato até hoje sabe, tem no facebook...

Nelson: Eu acho que preencheu muito para algumas pessoas que de alguma forma queriam ter uma..já...por exemplo, eu vejo a Cecília, e algumas outras pessoas assim, que na veia dessas pessoas já era...já tinha..

Thereza: Já era latente...

Nelson: Já era latente meio que uma luta assim, de tentar ajudar, independente do que seja, pessoas que estão abertas a ir correr atrás e tentar ajudar, enfim, e só que..apesar que tipo, de entre 40 aparecer uma, essa única pessoa tinha um...

Thereza: Um gás?

Nelson: Um gás enorme que são essas pessoas que a gente conseguiu preencher e hoje meio que lutam ali, meio que está na pauta dessas pessoas

Izadora: É, estão sempre aí, desde que começou estão falando com a gente...

Nelson: Estão sempre se atualizando, porque são pessoas que conseguiram compreender que por mais que você vai ali, vai encontrar com alguém, vai contribuir, vai conversar, ajudar essa pessoa, é uma busca diária de tentar oferecer um serviço que de repente, o Estado teria que dar e não consegue atender, então essas pessoas compraram a briga e tipo, já que eu tenho a

voz e elas não, eu vou tentar ajudar de alguma forma. Então teve essas pessoas, e foi muito bom para conseguir reunir.

Izadora: Mas a gente teve outras reações também, assim.

Nelson: É, isso foi positivo (risos)...

Izadora: É, teve uma galera que ameaçou a gente de...morte...

Nelson: Ameaçou...é...é...

Thereza: Que isso, gente!

Nelson: Não de morte, mas ameaçou...

Izadora: É, ameaçou, porque a gente postou um negócio que envolvia uma história que envolvia a milícia. Tipo, foi muito no começo, assim. A gente não tinha noção.

Nelson: Pois é, no início foi esse o processo. A gente estava super ingênuo...

Izadora: A gente transcrevia o “bagulho” e postava.

Thereza: Sim.

Izadora: Aí, porque a gente achava que era mais fiel à narrativa daquela pessoa...

Nelson: Que o nosso compromisso ali era não era fazer corte nenhum, era botar do jeito que a pessoa queria, a gente estava super ingênuo..

Izadora: Só que assim, é uma página do Facebook, que atinge gregos e troianos.

Nelson: E as pessoas que estão ali falando não tem nem noção talvez do impacto que elas possam estar provocando. Então elas vão falar sem freio...

Izadora: Porque ela está conversando com a gente, não com 90 mil pessoas que estão curtindo a página. Então, a gente começou depois disso a ter essa consciência, mas antes disso acontecer....

Nelson: Mas aí a gente teve a consciência na marra né.

Izadora: É, foi nesse caso, a gente postou, aí o pessoal começou a publicar dados pessoais dele, de onde ele era, e...

Nelson: “Ah, eu conheço ele do morro tal..”

Izadora: É, daí a gente começou a pirar, tipo apagar as coisas, editar...só que editar fica ali né, e aí a gente acabou não apagando na época, que era...

Nelson: Aí a gente tentou remediar. A gente tirou, porque a parada não ia estar ali evidente para quem olhasse, a gente tirou por exemplo, informações que era da milícia, que foi que a milícia tinha tirado parte da casa dele e tal, onde que ele era...

Izadora: Mas aí a gente recebeu um inbox, “vocês abram os olhos, porque se não vocês vão acordar...gente que fala demais acorda com a boca cheia de formiga”. E foi um fake que ficou no Rio Invisível um tempo, cara...terrorizando assim, ficava mudando de imagem e ficava criando discórdia, sabe?

Nelson: Foi isso, assim, sempre. Do boom veio...a gente sentiu toda a onda de haters. Pessoas que qualquer história vinha e falava, “ah, vagabundo”, não sei o quê...que vinha realmente para provocar as pessoas que estavam tão emotivas ali e aí vinham assim..

Thereza: Isso era uma minoria dentro da maioria dos comentários ou assim...?

Nelson: Mas essas pessoas, elas são muito...

Izadora: É, porque assim, tem muita gente religiosa nos comentários.

Nelson: É, tem.

Thereza: Religioso tipo, “ah, que maneiro” ou religioso tipo....

Izadora: Religioso tipo..

Nelson: De caridade...que fazem isso por amor...

Izadora: De caridade, é. Até porque é um tema assistencialista que as igrejas trazem, que as religiões tratam, que as pessoas em situação desfavorecidas né, na sociedade. Precisam da caridade, né.

Thereza: E aí, eram eles que questionavam sobre o que vocês faziam?

Izadora: Não...

Nelson: Aí geralmente provocavam essas pessoas...

Izadora: Eles sempre estavam lá, ficavam lá..é...e aí os comentários eram sempre, “Deus te abençoe”, “Deus está contigo”, era sempre esse tipo de pessoa, aí tem a galera que é engajada, que é tipo, “é isso aí! O Estado não sei o quê”, aí tem os haters e...

Nelson: Que ficam provocando todo mundo...tem eles...

Izadora: Tem os “quero ajudar, sonho em ajudar”...

Thereza: Hoje em dia não tem?

Izadora: Não tem. Não tem.

Nelson: Não tem tanto...de vez em quando aparece uma galera...

Izadora: É porque eu acho que assim, a gente tem dois anos de projeto, e tudo na internet acontece muito rápido, então tipo, a gente passou...foi do céu ao inferno em muito pouco tempo, assim. E acho que em dois anos... pensando numa empresa, uma empresa com dois anos, ela está no começo do mercado assim, mas acho que o Rio Invisível em dois anos, ele meio que conseguiu passar por todo tipo de recepção e concepção do que que é o projeto, assim...

Nelson: E a gente teve...e a gente foi na realidade formulando a nossa...

Izadora: ...o projeto ao longo disso tudo...

Nelson: E muito por essa cobrança assim, muitas pessoas, “mas vocês querem fazer o que?”, “mas vocês estão ganhando o que com isso?”, e aí a gente tinha que ir ali no comentário, a gente chegava pra ele, “olha, a gente não está querendo explicar, mas a gente não está querendo nada disso, nada disso...” , quando eles faziam uma cobrança, a gente perguntava porque ele estava cobrando aquilo da gente, quando alguém vinha questionar a gente, duvidar da nossa intenção, a gente colocava...é... a gente nunca debateu de uma forma de trocar, a gente sempre ó, nosso objetivo é esse, você precisa entender vai mais o quê? E aí essas pessoas ficavam sem resposta.

Izadora: É, eu acho que isso foi muito bom que a gente fez, porque a gente respondia sempre por inbox, e eu acho que isso foi ajudando muito as pessoas a abrirem, porque elas respondiam tipo, “ah, legal” e tal...

Nelson: Ou então, no mesmo comentário as vezes quando a pessoa fazia um comentário muito, “ah, essa história está muito duvidosa”...

Izadora: A gente ia lá comentar...

Nelson: Aí, a gente falava assim, “não, não tem história duvidosa”...

Thereza: Eu acho que eu vi isso uma vez...

Izadora: Então eu acho que esse trabalho que a gente fez foi muito legal, porque foi guiando o...

Nelson: E eu acho que as pessoas ficavam sem fala..

Izadora: Eu acho que o pensamento das pessoas que foram ficando na página assim, eu acho. Porque hoje em dia o perfil das pessoas que foram ficando na página são as pessoas que estão ali mesmo assim, que falam sobre o assunto, que curtem, são engajadas no tema..tanto que...

Nelson: Mas ainda assim tem algumas coisas que tipo...

Izadora: É...que tomam porque é um tema que é...

Nelson: E a gente pensa tipo, por exemplo, é...tem sempre uma pessoa que desconfia, que tenta achar um meio de justificar aquilo...e de início, antes a gente ficava assim, “não, a gente precisa deixar a história bem redondinha pras pessoas não ficarem assim, ah, mas não sei o quê...”, a gente queria evitar a fadiga de ficar...de que aquela pessoa fosse mal interpretada, depois a gente pensou, gente, não adianta...

Thereza: Não adianta...

Nelson: É, não adianta, então a gente botava ali, eu falava assim, “olha, é isso que a pessoa falou, não cabe a você nem eu a julgar o que se está expondo aqui, você faz com isso o que você quiser”.

Izadora: É, porque o lance do Rio Invisível sempre foi isso, é como a pessoa quer se representar no mundo, esse foi o princípio antes de tudo, assim, então a gente pergunta, “qual seu nome? ”, “onde você mora? ”, a gente nunca parte do princípio que a pessoa está em situação de rua e a gente pergunta o nome porque assim, as pessoas antes eram número. São 6 mil pessoas em situação de rua. Quem são essas 6 mil pessoas? As pessoas têm nome, as pessoas têm passado e elas estão nessa situação por que?

Nelson: E elas tem uma...vontades e deveres...

Izadora: E o lance do tipo ser verdade ou ser mentira quando a gente pergunta para alguém, e alguém conta uma história não faz tanta diferença porque essa pessoa...é justamente isso, a gente está dando a voz para ela se representar no mundo, na cidade da forma que ela quiser. Então, tipo tem gente que fala... “ah, eu sou...”

Nelson: E é a vida dela né...

Izadora: É, pois é..a Mara foi uma mulher que a gente conversou no centro da cidade. Ela falou que ela era uma mensageira azul de não sei aonde, que tinha uma missão, e eu fui junto. Aí eu falei, “ah, é? E você é a única mensageira que tem?”, e ela foi me contando toda...criando um mundo onde ela quer ser representada no mundo...e a gente foi..isso que a gente respondia para as pessoas nos comentários. “Gente, não interessa, isso é como ele quer ser representado, essa história é dela e a gente não está aqui para...”

Nelson: É a forma que ela encontrou de...

Izadora: É...

Nelson: Isso era uma coisa que um..uma vez um cara eu conversei com ele e ele falava isso, tipo, “Ah, você pode ver várias pessoas em situação de rua às vezes andando e falando sozinha, achar que ele é louco, mas na verdade ele criou aquele universo para ele conseguir não ter que pensar nos problemas e conseguir suportar o peso de estar ali naquela situação”, assim. Então ele cria quase que um universo lúdico e naquilo ali ele também está se comunicando, também está demonstrando as necessidades dele, está tentando sobreviver, assim. Resta a gente aceitar, assim.

Thereza: Isso que vocês falaram da reação das pessoas, uma vez eu vi num comentário, eu não lembro qual foi a história, mas eu lembro que era uma história muito grande de uma rapaz assim, eu acho que era de Campos...bom, era algum lugar que era longe...

Izadora: Gutierrez (?)

Nelson: Pode ser o Marcelino.

Izadora: Mas faz muito tempo?

Thereza: Faz algum tempo...e uma pessoa achou que tinha muitas...é... contradições na história, aí eu vi que vocês comentaram aquilo. E aí eu lembro que quando eu estava estudando justamente sobre a narrativa e tudo mais, Walter Benjamin fala justamente disso, as pessoas estão interessadas na informação. A narrativa não trata disso, então a gente não está acostumado, aí dá pra entender que a narrativa é uma compreensão da pessoa do mundo, alguns estão te contando inclusive quase que uma fábula da história dela (risos)...

Izadora: Aham..

Thereza: E não interessa, é o que ela...né...

Izadora: Aham...

Thereza: Aí eu acho que por isso que causou estranhamento em algumas pessoas...mas e hoje, como vocês acham que está a página, vocês acham que está confortável hoje em dia, vocês acham, ou...

Izadora: É...então, hoje em dia...

Nelson: A nossa atuação hoje em dia mudou um pouco assim. A gente continua enxergando a super necessidade de alimentar a página, mas a nossa atuação assim, Nelson, Izadora, e agora o Mariana...é...a gente está muito mais querendo pegar essa plataforma que a gente conseguiu criar de vincular com aquelas histórias ali e conseguir ampliar elas...

Izadora: Pra gerar reflexão.

Nelson: Pra gerar reflexão.

Izadora: Porque a gente acha que assim só expor o conteúdo ali, as pessoas absorvem e muitas vezes não absorvem...

Thereza: Veem e ..

Izadora: É, exatamente. Já está em outra coisa, já está em outro lugar.

Nelson: Eu acho assim, o principal que era isso, de tomar conhecimento e saber que existe a causa, a gente já conseguiu meio que cumprir, e uma certa parcela da sociedade, óbvio que tem acesso à internet, à rede social, mas essas pessoas, elas já conseguem entender...são 90 mil pessoas que já conseguiram entender que aquela pauta precisa ser discutida de alguma forma. Mas aí agora a gente já começa a se questionar se essas pessoas continuam refletindo, dá mesmo impacto de quando a gente posta uma história ou se virou um ponto de curtir e compartilhar aquela história..

Thereza: Hum...é...

Izadora: A gente começou a pensar nisso, aí foi a crise do projeto...

Nelson: Foi a crise do projeto, pra gente ver como a gente poderia fazer, e foi um tempo que...de um tempo pra cá a gente...vem postando muito mais...porque antes a gente, a nossa relação era andar com a máquina na bolsa...

Izadora: Todos os dias...

Nelson: Em qualquer possibilidade a gente tentava encontrar com alguém. Então era um desgaste...

Izadora: Não, era tipo, toda pessoa que a gente encontrava a gente sentava, era todos os dias que a gente estava com a máquina, se a gente encontrava alguém, a gente sentava...era tipo isso.

Nelson: E foi então uma entrega total mas ao mesmo tempo foi um desgaste físico, mental, emocional, energético, tipo inteiro assim. Então, hoje a gente consegue alimentar a página de outra forma por questões de a gente alimenta a página muito mais...

Thereza: Uma vez por mês hoje em dia mais ou menos né?

Izadora: É, basicamente...

Nelson: É, bem por aí assim. Então a gente faz assim, vai até um café da manhã, que já tem uma galera que a gente já encontra, tem pessoas que já fazem um trabalho com isso, e aí lá geralmente, por exemplo, a Lorena é uma...

Izadora: Tem gente que procura a gente, quer contar um relato pra gente..

Nelson: É..aí ela avisa, a gente vai, e faz aquela pessoa que já está realmente interessada em ter sua história contada, assim.

Thereza: E as pessoas...as pessoas em situação de rua que estão sendo entrevistadas, elas sabem que essa história vai para o Facebook?

Izadora: Aham...e a elas super também..

Nelson: E hoje a gente super consegue mostrar assim. No início a gente ficava tentando explicar e ficava meio solto...

Izadora: Porque não tinha muito o que mostrar né, no início...a gente mostrava um nada né... tipo, aqui vai ser a história (risos)...

Thereza: Tipo a primeira história de todas né (risos)...

Izadora: É (risos)...vai ser assim...

Nelson: Mas a gente foi se moldando. Antes, no início a gente só fazia, agradecia e tchau. Assim, explicava o que que era, agradecia e tchau. Depois, a gente foi vendo as pessoas procurando...

Izadora: Foi muito legal também que tipo a gente mostrava e o pessoal falava, “ah eu conheço essa pessoa, eu conheço essa pessoa”...

Nelson: É...

Izadora: Então eles se conheciam se vendo ali, criava ali tipo, uma...

Nelson: Uma segurança para eles..

Izadora: É, exatamente.

Nelson: Depois a gente começou a perguntar onde que a pessoa ficava para justamente, se alguém quisesse ir até eles para ajudar de alguma forma, a gente já sabia, “ah, onde você fica?”, “ah, eu durmo sempre na Defensoria”, e isso era uma informação nossa, assim...

Izadora: Só pra gente concluir aqui que a gente estava falando da reflexão, que a gente falou que não queria que fosse só uma curtida e a gente começou a pensar em produzir conteúdo que.. Que..

Nelson: Que seja uma plataforma de produção de...

Izadora: De conteúdo mesmo, assim...plataforma de pesquisa e plataforma de conteúdo, assim.

Thereza: Que bacana...

Izadora: De pesquisa porque é justamente isso, a gente levantou...não tem tantas histórias, mas tem mais de 70 quase 100 histórias...

Nelson: Bastante história...

Izadora: É..

Nelson: Nível qualitativo é um...

Izadora: É...é assim, e a gente tem áudio, a gente tem tipo, muita coisa assim...

Thereza: Tem é material...

Izadora: É, pois é, então tipo, isso que você está fazendo agora, muitas pessoas já procuraram a gente pra fazer tese de mestrado, pra pesquisar, pra conversar, então tipo, a gente...

Nelson: Abraçou mesmo essa causa.

Izadora: É, essa causa, tipo assim, quem quiser usar as coisas do Rio Invisível, conversar com a gente, a gente está...

Thereza: Poxa que bom! Muito bom saber disso, inclusive (risos)

Izadora: E a gente produz coisas também...

Nelson: De outras formas...

Izadora: a gente faz exposição, sabe?

Nelson: Teve um..

Thereza: É, eu já ouvi falar da exposição...

Izadora: A gente fez uma exposição e pediu para um amigo nosso pintar no papelão essas pessoas, aí a gente colocou a história para ser ouvida num...

Nelson: A gente fez ele ser o responsável pelo repertório, mas aí a gente conseguiu ir para o festival dos Direitos Humanos que acabou que a gente não conseguiu expor, mas a gente foi para Lapa, Parque de Madureira...

Izadora: A gente fez uns vídeos também, chamou um sociólogo também pra falar...a própria Fran (?) que acabou não sendo publicado, mas ela falou também, a Fran falou também...

Nelson: Ela inicialmente tinha feito o mestrado dela de Artes sobre o Rio Invisível, ela fez uma instalação com lambe lambe, mas aí depois a gente chamou ela para ela falar sobre a pesquisa dela...

Izadora: É, pra tipo a galera mesmo conversar sobre esse assunto, pra não ser só assim, “ah nossa, uma pessoa que está em situação de rua e a vida dela é tão triste”, tipo não, é pra pessoa conseguir pensar, “ah, a pessoa que está em situação de rua a vida dela é tão triste, mas a vida dela é assim também porque não sei o quê, não sei o que lá”...

Nelson: Se politizar...

Izadora: É, tipo, criar pensamento crítico em cima do negócio também...

Thereza: Sei...

Izadora: Aí então hoje em dia a gente está mais focado nessa produção de conteúdo...

Nelson: A gente está tentando achar formas e colaboradores para também a gente conduzir e guiar a parte de conteúdo mesmo...que é, continuar contando as histórias..

Thereza: Por favor! (risos)

Nelson: Sim! (risos) A gente não para com isso, assim a gente sabe que não tem que parar..

Thereza: Não pode parar não se não a gente não vai poder estudar isso! (risos)

Izadora: Não, eu acho que tem que super continuar, o que que acontece, mas tem uma parte muito prática também que é a gente teve que levar em consideração: a gente estava ficando pobre. E a gente precisava trabalhar...

Thereza: Claro, vocês tem que ter tempo para viver, né (risos)...

Izadora: Exatamente, o projeto nunca teve retorno. Nenhum. Então tipo... a gente começou a ter que tipo trabalhar, e era assim...

Nelson: Agora que começou a estruturar ele...

Izadora: ...e exauriu mesmo nosso emocional, sabe. Eu não vou pra rua hoje da mesma forma que eu ia quando eu comecei, por exemplo...a gente...

Nelson: Porque hoje a gente tem a bagagem do que a gente conseguiu refletir sobre...

Izadora: Só que...só que também algumas coisas vão se perdendo também. Porque quando você começa, você tem um lado curioso ainda muito grande assim. Então você tipo, pergunta tudo, quer saber de tudo, não sei o que, não sei o que lá, e às vezes quando eu estou fazendo hoje em dia, eu meio que...é um universo que para mim já se tornou comum, então eu não percebo as vezes certas sutilezas que uma pessoa que nunca chegou naquele ambiente vai enxergar. Então tipo, eu por exemplo, resolvi parar um tempo mesmo porque eu já vi que eu não estava conseguindo. Nelson ficou um tempo parado e já voltou com outro olhar, assim. Porque tipo, precisou desse distanciamento para notar. E aí tipo, esses movimentos são muito importantes assim. Então tipo, por isso que às vezes a gente pede, para galera ajudar com história e tudo mais, porque essas várias visões de mundo se conectando, se encontrando e gerando faíscas assim, porque são as histórias, são as conversas. Porque as histórias são conversas. A gente não chega e entrevista alguém, a gente chega e fala, “E aí ,tudo bem? Eu sou a Izadora, o que você gosta de fazer?”

Thereza: Deixa rolar...

Izadora: Isso, e aí isso vai...

Nelson: E você se põe muito ali naquela conversa para justamente ser uma coisa horizontal, e ele se sentir seguro para expor a vida para um estranho, assim.

Thereza: E sabendo que essa vida vai para outros estranhos...

Izadora: Exatamente...A gente conversa de tudo, assim. A gente conversa de signo. Outro dia eu estava conversando com um cara, ele falou alguma coisa eu falei assim, “ah, qual que é o seu signo? ”, aí ele, “Escorpião”, daí eu falei, “Porra, tá explicado” (risos)...por isso que você se meteu em tanta confusão! (risos)...É tipo um negócio assim, é bem tranquilo...pra tirar o espontâneo também, para a pessoa não estar sempre nessa posição de vítima em situação de rua. Porque assim, elas sabem que a gente está conversando com elas por causa do projeto que é sobre população em situação de rua. E muitas das pessoas já vem com um discurso pronto, assim às vezes. “Ah, é eu sofri muito, não sei o quê”, quando você tipo, desmonta um pouco esse discurso...

Thereza: Ele é uma pessoa antes de estar em situação de rua...

Izadora: Exatamente... exatamente. Então tipo o projeto foi...

Nelson: A gente vê super importante a gente ter o ...ali o...ele fazer as denúncias dele, para a gente conseguir sempre estar ratificando aquela mensagem, mas também para mostrar o lado humano dele, não só para ele...

Izadora: É, porque assim, a gente, tinha muito medo sempre de reforçar estereótipos, sabe.

Thereza: Sim.

Izadora: Sempre. Sempre teve muito medo disso, a gente lia, relia, para ninguém pensar errado o que aquela pessoa estava falando. Então, tipo, isso foi um cuidado grande que a gente teve.

Nelson: Apesar da gente não conseguir tolir todas as possibilidades de interpretação, a gente pelo menos não seja...porque a gente conseguiu fazer um...

Izadora: É, e acabava traduzido também na forma como a gente conduzia a conversa, assim, se a pessoa falasse alguma coisa, a gente tentava entender porque que aquela pessoa estava falando aquilo, então a gente ia conversando com ela até...

Nelson: Até chegar na raiz assim do...não na raiz, mas por exemplo...

Izadora: É, conta do Tiago.

Nelson: É...é, o Tiago, ele... foi logo depois que tinha passado tudo isso, já estava um pouco cascudo, já estava um pouco entendendo mais ou menos como é que era, e ele também estava perto da minha casa, no mesmo lugar onde o Guilherme ficava e a galera já ia muito ali, já frequentava ali sabendo que Guilherme estava ali, então ajudava, enfim, e eu fui conversar com ele, assim...

Izadora: Só um parêntese, o Guilherme, ele conseguiu emprego no Maracanã na época da...tipo, ele ficou tão conhecido, tipo, a galera conseguiu emprego para ele...já perdeu emprego, e tudo mais, tipo, teve essa dimensão...

Nelson: Algumas pessoas que tipo, tentou fazer..

Izadora: Teve.

Thereza: Acho que se tem um já, já...

Nelson: É, com certeza...

Thereza: Até porque, a proposta do projeto não era nem essa.

Nelson: Nem essa, mas quando tem já é...

Thereza: Quando se consegue...puxa

Izadora: É...tá massa!

Nelson: E aí..eu estava conversando com ele, e no meio... eu conversando com ele outras pessoas vieram, meio que interrompiam, “Ah, é o Guilherme?”, aí ele, “Não sou Guilherme não, não sei o quê”...só que ele era um menino que era cheio de ódio assim, você via que ele estava ali até meio que acuado..é...

Thereza: O Tiago.

Nelson: O Tiago, sim. Estava assim, completamente desestabilizado, e eu estava tentando conversar com ele e ele superagressivo, aí teve uma hora que eu perguntei para ele alguma coisa sobre por que ele estava na rua, aí ele falava que ele estava na rua porque era isso mesmo, que ele merecia e que se ele tivesse uma arma na mão dele ele matava o primeiro que tivesse na frente dele. (Risos) ...E aí eu falei assim... e aí a minha vontade àquela hora foi tipo.... “Então tchau”, sabe? Vamos embora...mas aí, eu fiquei, e falei assim, cara, como é que eu vou.. ele está se abrindo para mim, eu pedi ele para se abrir e ele está se abrindo, ele

está falando tudo o que ele está sentindo, e eu fui dando...eu não falei nada né, tinha...como rebater essa informação? (Risos)

Thereza: Ficou sem reação (risos) ...

Nelson: Mas eu fiquei ali, e ele falando de...de... aí ele começou a falar aí mudou né, em vez de que ele vai causar, ele começou a falar de tudo que ele sofreu, assim, ele começou a falar da violência que ele...

Izadora: Tinha dentro de casa...

Nelson: E da violência de forma geral assim, de que ele recebia, que ele reproduzia, de como aquilo, é obvio que ele não tinha essa noção assim, mas ele falava, “Ah, porque minha mãe batia em mim, nas minhas irmãs, me botou pra fora de casa, se eu não chegasse em casa com dinheiro era porrada...que não sei o quê, minha mãe nunca amou ninguém, nunca me amou, meus irmãos, e tal e eu saí de casa fiz tudo quanto é merda”, e ele ficava meio que falando só ódio, só ódio, não sei o quê, e aí passou essa tiazinha perguntando, “Ah, você é o Guilherme?”, “Não”, e ela começou, ouvindo, viu que ele estava falando dele, “Ah, porque se eu morrer eu vou estar feliz...porque, quero mais é morrer mesmo”, e aí ela meio que ouviu e ficou falando, “ Não meu filho, você tem que acreditar em Deus, vai tudo melhorar”, tipo ele estava...sabe...

Thereza: Era a última coisa que ele...

Nelson: É, era a última coisa que ele queria ouvir era isso, assim, e eu vi que ele estava ficando já sem paciência com ela, e eu ouvindo aquilo ali, de repente, ela foi embora, enfim, continuei ouvindo, e o Tiago que falou que ia me matar se tivesse uma arma, ele já estava completamente se trocando, já vi que a configuração estava completamente diferente, e até que ele quando eu perguntei pra ele o que ele sentia mais falta, assim, de...que se ele pudesse ter alguma coisa, que ele sentia falta na rua, aí ele falava, “Ah, é óbvio que a gente sente falta de comida, sente frio, mas uma coisa que eu acho que eu sempre senti em toda minha vida e eu nunca tive é amor.”

Izadora: Acabou, é isso.

Nelson: E aí eu falei assim, eu poderia muito bem ter parado a conversa e ter colocado a história do Tiago até o momento que ele dava um tiro na minha cara...mas eu não assim, eu só...eu não fiz nada...

Thereza: Só ouviu.

Nelson: Eu só ouvi, só deixei ele passar a mensagem dele assim...

Izadora: Ele chegar onde ele tinha que chegar.

Nelson: Exatamente. E aí foi aquilo, eu falei...nesse momento, que eu vi, eu falei assim, se eu deixar exatamente como ele falou, vou dar um tiro na tua cara, a galera...tem gente que não iria ouvir, então será que eu preciso botar isso na ... para a história? E aí eu botei que na realidade consegui construir tudo aquilo ali pelo que, pelo como ele estava, como ele, qual era lugar dele naquela situação, mas, que eu via que não representava ele. Eu não botei por isso, assim. Para não...então a gente começou a ter essa perspicácia talvez de conseguir não...de reduzir essas...por que, o que adiantaria as pessoas ficarem com mais ódio dele? Ficar reproduzindo mais a violência que ele tinha né. E a galera leu a mensagem que estava ali implícito de tudo o que ele falava, assim,

Izadora: É, porque assim, a gente não deixou de colocar toda a violência, a gente só não botou tipo, “vou dar um tiro na sua cara”.

Nelson: É, a gente colocou o que ele falava...

Izadora: Porque a violência é a história dele, então, estava ali.

Nelson: “Eu quero morrer”, “Eu sou....eu...”, tudo isso que ele falava a forma como ele enxerga vida e morte, e o outro como...

Izadora: Estava lá.

Nelson: Estava lá, assim.

Thereza: E como fazem isso? Vocês botam em colchetes, aquele clássico três pontinhos...

Izadora: Não, então, a gente só suprime. É porque, o que que acontece, a gente não transcreve a entrevista...a entrevista que está ali não é transcrita, ela é um texto muito menor do que foi a entrevista....

Thereza: Sim.

Izadora: Que por exemplo assim, como é uma conversa, as coisas vão e voltam né. Tipo lá no final eu comento um troço do começo e aí tipo, se eu transcrevesse, para uma linguagem de Facebook isso não funciona. Então o que a gente faz é ouvir tudo, escrever o que o cara está

falando, reler e montar o texto mesmo, tipo perfil. Perfil jornalístico né digamos assim. Só que são as palavras da pessoa inteiro.

Thereza: Entendi...

Izadora: A gente não muda tipo...é... palavra, a gente não inventa palavra, a gente não inventa frase, não faz nada disso.

Thereza: Entendi

Izadora: A gente copia e cola o que a pessoa escreveu, só que a gente só rearranja, sabe? Então se ele falou do pai aqui embaixo, aqui em cima, e falou do pai ali embaixo, a gente junta no mesmo parágrafo, para que as pessoas possam ler de uma forma mais...

Thereza: Fluida.

Nelson: Fluida...é. Porque é muito isso, as vezes é uma comunicação extremamente truncada...

Izadora: Tem coisas que a gente faz por luxo também assim, que é um “luxozinho” do projeto. A gente sempre falou muito do tipo, que isso fica só com a gente. Tipo, porque a gente às vezes conversa com uma pessoa, que a gente acha que isso foi muito da nossa troca, sabe?

Thereza: Entendi...

Nelson: Muito subjetivo.

Izadora: É, aquilo aconteceu foi porque estávamos nós dois conversando. Então a gente...

Nelson: Então não cabe...é...

Izadora: Não cabe a gente colocar isso no público.

Nelson: Porque é no momento dele mesmo, ele não estava mais...que ele não estava mais falando de quem ele era, mas sim daquela troca...

Izadora: É...

Nelson: Ou muito...ou algo que realmente era muito dele. Aquilo ali não cabia...

Thereza: Não cabe...

Izadora: É... a gente que tem que ter essa percepção né, a gente chama a pessoa para conversar e ela conversa tudo né. Só que a gente tem que ter essa...é ética mesmo.

Nelson: Por mais que...

Thereza: Sim..

Izadora: Porque tipo, a gente nunca trata essa pessoa não como um objeto de estudo, mas como uma pessoa assim, sabe.

Nelson: Porque acho que por mais que...

Izadora: É assim, digo “objeto” pelo objeto (risos) ...

Thereza: Entendi, entendi. Não é uma coisa.

Izadora: É...

Nelson: E por mais que a gente não transcreva a conversa exatamente como ela é, a gente sempre tenta se...tirar a nossa opinião sobre aquela história ali. Assim, tem várias pessoas que às vezes a gente conversa e aí a gente fala assim, “cara, essa pessoa era supernegativa sabe”... ela não...não..., mas aí a gente fala assim, bom, a gente não tem esse papel de cortar e dizer, “ah, não gostei disso e não sei o quê”...A gente só tentava deixar aquilo ali fluido e passar assim...

Thereza: Entendi...assim...vamos. Vocês já falaram que o pessoal tem feito pesquisa sobre a página. E hoje é isso que motiva vocês né? Perceber que está...a possibilidade de haver reflexão em cima disso né? E aí, agora eu tenho que puxar a sardinha para o meu lado (risos), então, como é que vocês enxergam a memória nisso tudo? Vocês acham que ela realmente ajuda na ressignificação dessas pessoas...assim, para o resto da sociedade? Vocês acham que esse trabalho....

Nelson: Sim, porque eu acho que a partir da reflexão em cima daquela memória no momento em que você compartilha, você consegue se identificar e você consegue achar meios de haver um diálogo para...de possibilidades mesmo, que é aquilo que atualmente sim, é...

Izadora: É porque se você não fala de um assunto, você não consegue buscar soluções para ele, assim...era um assunto que ninguém...

Nelson: Refletia...

Izadora: Falava...era tipo isso, pessoa em situação de rua: vagabundo, bêbado, né, era sempre...

Nelson: Não, eu acho até que existe um diálogo, mas ainda, ele ainda não era...eu acho que talvez o que eu vejo que a página está fazendo e que é muito interessante isso na questão da memória, assim...porque existem vários projetos que fazem um trabalho ótimo e super em cima da população de rua, sabe, que está ali realmente procurando políticas e formas de atuação, só que isso não está na “boca do povo”, digamos assim...

Thereza: Entendi...

Nelson: Essa consciência de “precisamos falar sobre”. Existem aquelas pessoas que estão falando que identificam e tem um olhar muito mais preocupado, naturalmente, profissionalmente, assim, que estão fazendo um trabalho muito efetivo, só que eu acho que a memória precisa estar no coletivo, para que a gente consiga compreender o que precisa ser feito e como reajustar aquelas questões. Porque é óbvio que no momento que a gente insere uma configuração nova de “precisamos falar sobre pessoas em situação de rua”, existe ali uma reorganização da sociedade de...que por muito tempo meio que invisibiliza aquilo, por não querer encarar e não ter meios de encarar...

Thereza: Eu acho que é por aí...

Nelson: Mas é, exatamente, então, acho que no momento que você coloca, você não está propondo uma mudança efetiva no quadro prático, mas sim de gerar a reflexão. Então a galera tem essa capacidade de refletir, porque você consegue se ver naquela situação de alguma forma, e gerar uma compreensão mesmo de como aquilo pode estar sendo discutido, assim.

Thereza: Já teve algum comentário assim, chocante para vocês? Não negativo. Mas algum comentário na página que vocês olharam e tipo assim, “uau, então tá fazendo alguma diferença”, um comentário, assim, já teve algum?

Nelson: Cara, a gente já teve alguns comentários que a gente ficou meio assim. Teve já. Já falaram para mim, “ai a página...essa página, o projeto é muito bom, mas eu tive que parar de curtir a página porque eu chorava muito...”

(Risos)

Nelson: E aí eu não entendi muito bem aquilo, sabe (risos), então tem umas coisas assim que eu falei, “bom...”

Izadora: É porque eu acho...bom, pelo menos eu recebo uns feedbacks assim, mais ao vivo. As pessoas que eu conheço, aí falam, “ah, você que é do Rio Invisível? Nossa cara esse projeto tipo que mudou o jeito que eu penso e tal”... o próprio Paulo outro dia falou isso.

Nelson: É, e teve um caso mais...de um pai de um amigo meu que...ele é uma pessoa muito difícil, muito intransigente, muito de difícil tato, até com o filho. Enfim, é.. Mas ele é uma pessoa...naturalmente não é, não faz parte dele ajudar esse terceiro setor, enfim, tem uma... enfim, ele é uma pessoa, está ali, cidadão comum, que vai e não sei o quê, e não tem uma atuação social em nada. E muito pelo contrário, ele tinha uma visão às vezes até um pouco preconceituosa em cima daquilo. E com a página, e ele falou para esse meu amigo, que uma vez ele leu uma história, que ele ali conseguiu enxergar humanidade daquela pessoa através do relato, através da memória dela, e com isso ele conseguiu compreender que existem pessoas ali sabe (risos) ..., mas assim...

Izadora: É doido, mas é isso...

Nelson: Mas é isso, assim, e houve um impacto, nesse...que uma vez ele estava saindo do trabalho, ele viu um cara na porta do supermercado pedindo para comprar alguma coisa, ele foi lá, entrou, comprou um carrinho, fez uma cesta básica para o cara, botou o cara no carro dele e levou o cara até onde o cara morava, assim, no meio da comunidade, cheio de sacolas de macarrão, um monte de coisa assim...

Thereza: Caramba...

Nelson: Então, é. São ações assim...que é óbvio que ele não...esse foi um...mas gerou sabe...

Izadora: Mas gerou. Atritou alguma coisa ali...

Nelson: Atritou ali em algum momento.

Thereza: Eu acho que se eu estivesse ali no lugar de vocês, quando eu visse isso, só o pequeno gesto dele já elogiar e depois de ajudar...caramba, então, rolou um efeito...

Nelson: Super. É...

Thereza: Porque quando uma pessoa já é...já é um tema afim, é mais fácil né. Ou quando ela não tem opinião nenhuma, só prefere não falar sobre, é mais fácil. Agora quando ela é realmente mais irredutível a uma coisa e ela converte aquilo...poxa, acho que...Bom, olha, eu não consigo lembrar de mais nada, aliás, não, tem uma pergunta: Qual a idade de vocês?

Nelson e Izadora: 25..

Thereza: Então somos 3! (risos) Então vocês começaram o projeto com 23?

Nelson e Izadora: 22..

Thereza: Uau.. Que coragem!

Izadora: Acho que a gente não tinha muita noção na verdade (risos)...

Thereza: É, a coragem dos jovens normalmente é assim né (risos)..

Nelson: Foi exatamente isso...

(Risos)

Fim do primeiro áudio

Início do segundo áudio

Thereza: E com relação à fluidez da internet, como é que vocês lidam com isso, assim? Dá um medinho assim, de que a coisa se perca no futuro ou isso vocês estão...

Nelson: A gente está fazendo...acho que isso não se pega pensando nisso porque a gente está ali se entregando...

Izadora: Não rola o medo, mas o que rola é tipo assim, pensar também que pode estar em outros lugares assim, não é tipo assim, “Ai meu Deus, todo trabalho que a gente fez foi por água abaixo! ”. Não assim, porque também a gente tem salvo no HD, sabe, não é uma coisa que está só ali, mas é tipo pensar que isso pode ir para outros lugares também, a gente já frequentou rodas de conversa em universidades, sabe, tentar fazer sempre coisas fora da internet também, para expor...as próprias exposições, estar em vários lugares, conversar com as pessoas, para tipo...

Thereza: Conectar isso ao meio off-line ...

Izadora: Exatamente. É para que isso também. Se um dia o Facebook acabar...

Nelson: Isso foi logo uma das primeiras...um dos primeiros questionamentos nossos, assim. Quando a gente for fazer agora...de agora em diante vai ser, a página do Facebook Rio Invisível ou vai ser o projeto Rio Invisível que tem uma página no facebook de maior atuação? E aí a gente ...ah, é essa configuração então...

Izadora: É. Projeto Rio Invisível que tem atuação no Facebook, que faz outras coisas...

Nelson: É, que iniciou como a página do Facebook e se tornou um projeto que continua tendo a página do Facebook como principal veiculador de informação, mas que por trás já existe um...uma certa rede de pessoas que estão refletindo ali...

Izadora: É, a gente já fez novecentas milhões de coisas que não estão no Facebook assim...

Thereza: Entendi... Uma outra pergunta que eu tinha esquecido na hora. Vocês disseram que foi o SP Invisível que meio que inspirou vocês..., mas só tinha o SP Invisível até esse momento ou já tinham outros?

Izadora: Não...

Nelson: Quando..quando...assim que eu falei com ele, com o Vinicius, tinha o SP e...

Izadora: Recife...

Nelson: É, Recife, eu acho que já tinha Recife..., mas as páginas que continuaram mais assim ativas até hoje é São Paulo e a gente, assim...

Thereza: Entendi...

Izadora: Porque assim, foi um boom, então todo mundo criou, tipo assim Manaus...

Nelson: Muitas pessoas vieram falar com a gente...

Izadora: Teresina...tipo, todos os lugares assim...no sul, Florianópolis...

Nelson: É, teve muita gente que vinha falar com a gente, “ah eu quero criar aqui na minha cidade, como é que eu faço?”

Izadora: Só que eu acho que assim, talvez essa galera não fosse de comunicação, entendeu? É porque assim, tanto SP quanto a gente é de Comunicação. Então eu acho que isso influencia sim, tipo assim, essa informação para a gente é conteúdo, então a gente tratou aquilo como...

Thereza: Tem o aparato técnico também né...

Izadora: É, exatamente, tem vídeo

Nelson: Teve aquelas páginas que tem um viés mais fotográfico, tentaram.. foram mais para o fotográfico..

Izadora: E para uma coisa mais assim também...tocando o coração das pessoas (risos)

Nelson: Tinha umas que tinham uma coisa mais assim... “Bom dia...”, cada uma foi pegando um...

Izadora: É, uma coisa meio...

Thereza: Seu estilo...

Izadora: É...

Nelson: Mas aquelas que conseguiam produzir um conteúdo para gerar uma reflexão foram as que foram acabando ficando mais assim...as outras até tiveram mas assim, era uma outra proposta de projeto...

Thereza: Entendi.... Com relação à fotografia, que isso é uma coisa que me chama muita atenção, porque, quando a gente vê. É triste né...quando a gente vê qualquer reportagem sobre pessoa em situação de rua é uma coisa deprimente...são imagens assim, degradantes. E assim, a primeira coisa que, quando eu vi eu fiquei, “Nossa, que maneiro...”, é que as fotos são sempre assim, de rosto, ou...teve uma menina, não lembro o nome dela, que era...ela era negra, tinha os cabelos assim, trançados até aqui, aí ela tirou a foto assim, cheia de pose e falou que...tinha alguma coisa...não, era Mônica!

Nelson: Mônica.... Ela falou do Cebolinha...

Thereza: Ela falou do coelho...que era.

Nelson: Aham, Sansão... (risos)

Thereza: Ela falou muito pouco, mas eu achei aquilo tão legal, que ela assim... Tão...tão espontânea, né..dessa vez eu achei aquela foto diferente das outras, me levou a essa curiosidade. Como é que é essa questão da foto? Vocês deixam eles a vontade para tirar foto e...

Nelson: É isso....

Thereza: é o que?

Nelson: A gente cara, logo de início a gente falou, a gente não quer fazer um.. colocar um preto e branco e...uma figura...

Izadora: É que tudo a gente refletia também (risos)...

Nelson: Super! A gente super refletiu tudo..

Izadora: TUUUUDO...

Thereza: Mas está certo!

Nelson: Mas tem que ser né, a gente está... não é nossa, a gente está contando a história de vida de outras pessoas, então a gente tem que ter muito cuidado com o que a gente vai botar elas né...e é isso né, a gente não queria utilizar de...de mecanismos de botar a pessoa deitada...que isso acaba...

Izadora: E o preto e branco...

Thereza: Isso reforça os estigmas...

Nelson: Reforça os estigmas e...

Izadora: E o preto e branco tem também essa questão tipo assim...

Nelson: “Chapar” a imagem...

Izadora: É. Porque assim, a cidade, ela é cinza, os prédios são...então quando você fotografa em preto e branco, as pessoas ficam na mesma cor dos prédios sabe, então você meio que...você não dá essa identidade, você continua colocando elas nesse lugar, de tipo, “bololô do meio da cidade”, elas não têm ainda a personificação. Então quando você coloca cor, a cor do olho, a cor da pele, isso é identidade também, por isso não usar nunca o preto e branco, assim...

Nelson: E isso é uma coisa que a gente lutou de todas as maneiras. Assim, sempre deixar, talvez conseguindo pela fotografia pegar alguma coisa que talvez traduza aquela pessoa sabe...

Izadora: Mas a gente sempre teve esse cuidado mesmo, do tipo assim, a pessoa está tirando uma foto, por exemplo, se eu quero botar uma foto no Facebook...

Thereza: Vai querer uma foto bonita!

Izadora: Gente, Facebook é tipo...

Thereza: Trezentas fotos para uma sair boa... (Risos)

Izadora: É... aí eu vou tirar uma foto zoada da pessoa, tá ligado? Então tipo, a gente mostra, tipo, “Não cara, você está linda”, “você quer se arrumar, então se arruma”...tem até um vídeo do dia das mulheres, não se se você chegou a ver. Eu fiz a história com ela e eu ia tirar a foto

depois. Só que ela falou, “Ah, não, mas eu estou toda descabelada”, aí eu falei, “Que isso, tá maravilhosa!”, aí ela, “Não, eu vou me arrumar”. Falei, “Então tá, então se arruma.”. E ao invés de tirar foto eu fiz um vídeo, que é dela se arrumando. Que é ela passando creme na mão, ela passa de tudo, é creme, é...aí penteia, desembaraça, aí prende, desprende, bota uma tiara...passa um negócio no rosto, tipo, é isso, assim...é..a pessoa querendo se apresentar...

Thereza: Sim...

Izadora: Como ela quer estar ali. Aí a gente mostra a foto também e tal.

Thereza: Entendi.

Izadora: Aí teve uma época que a gente tinha essa questão da imagem que a gente tinha assim... Daí chegou uma época que a gente dava as fotos na mão das pessoas, e tirava...tinha polaroide...só que aí..a grana.... Para comprar polaroide...

Thereza: Sim... meio que o mundo precisa de dinheiro e a gente não tem (risos) ...

Izadora: É...aí não rolou. Mas aí a gente tinha aquele negócio de retornar também. Porque muitas pessoas não se veem no espelho...aí a gente entrega para elas terem um registro...

Nelson: Físico...

Izadora: Físico...do tempo, do que ela se tornou...

Thereza: E você via alguém assim, surpreso?

Izadora: Tem uma mulher...Soraia. Então toda hora ela está lá na Riachuelo, se alguém quiser... (risos), sacanagem. Eu tirei da foto da Soraia, a gente conversou, normal, vou mostrar a foto, aí mostrei a foto para ela. Na hora, tipo assim, tirei e mostrei. Aí ela olhou assim, “quem é essa pessoa?”, aí eu falei, “Você”. Aí ela....

Thereza: Nossa Senhora...

Nelson: É tipo assim, tem gente que você mostra e aí fica assim, “nossa, como eu estou feio...”. “Não, não está nada, está ótimo!”...

Thereza: Sem dente né, tipo...

Nelson: “Ah, não quero sorrir não”. “Não, tudo bem, só ri”...

Izadora: Tem essa vaidade ainda aí né...

Thereza: É, todo mundo né, normal.

Nelson: É, normal....

Thereza: É, eu sempre achei muito interessante isso...

Nelson: E acontece assim, por exemplo, as vezes acontecia muito nesse negócio da foto, da gente estar ali conversando com a pessoa, aí, “ah, posso tirar uma foto”, aí, “não, não quero”. Tudo bem. Está no seu direito, aí a gente não postava a história e aí ficou...aquela história ficava para gente, assim...

Thereza: Ah, entendi...

Izadora: Tem muita história com a gente (risos) ...

Nelson: Tem muuuuita história com a gente...porque tinha muita gente...principalmente no início quando a gente não sabia muito...não tinha como mostrar...

Thereza: É, é difícil...Falar assim para a pessoa, “Conta a sua história”, que geralmente é uma história difícil, carregada de violência, e aí tira uma foto... (risos)

Nelson: E assim...e sempre tem. Infelizmente, eles já estavam cansados de fazer esse tipo de contato. As vezes a gente ia abordar aí eles falavam assim, “ah, você já é a quinta pessoa que veio me perguntar porque que eu estou na rua...”, aí falavam, “Ah, de vez em quando vem um jornalista fazer uma matéria...”

Izadora: Aí a gente, “Não gente, a gente quer conversar...”

Nelson: “É, a gente não está com o intuito de criar nada em cima, fazer matéria pra...”

Izadora: Aí a gente ficava lá...

Nelson: A gente só explicava, “Oh, mas é isso, se você não quiser conversar, não se sentir à vontade...”

Izadora: É porque assim, a gente falava muito assim, “olha, é uma oportunidade de você falar o que você quiser. Sempre falou isso... “Fala o que você quiser, porque a gente acha que as pessoas hoje em dia não falam sobre esse assunto e você é a melhor pessoa para falar sobre isso, sobre as coisas que...”

Nelson: A gente meio que dá uma empoderada na pessoa...

Izadora: É, a gente empodera a pessoa para dizer. Porque é um espaço de voz mesmo, para eles se sentirem empoderados sabe?

Thereza: Sim...

Izadora: Para eles falarem o que quiserem falar. Então tipo, isso ajudou muito. E muitas pessoas pegaram esse lugar...assim, tem alguns relatos que são relatos de empoderamento mesmo, tipo assim, político. Tipo, tem um cara que tem uma foto, agora eu não lembro o nome dele...

Nelson: Está segurando um jornal...

Izadora: Acho que é Jorge, está segurando um jornal falando tipo assim, “A gente tem que se organizar, que não sei o quê”... É muito assim sabe, então tipo, isso, isso é muito legal também...de criar esse espaço...

Fim do segundo áudio

Início do terceiro áudio

Thereza: A questão do público para eles?

Izadora: Não, é que a gente começou a pensar na verdade sobre tudo o que para a gente era muito normal, eles viam com outros conceitos, assim, por exemplo, tempo, o que é público e o que é privado, por exemplo...é tipo, ir ao banheiro...

Nelson: É, tipo necessidades assim... eles vão fazer, eles fazem na rua mesmo, assim...eles têm uma noção de tipo, “ah, tal lugar eu posso tomar banho ali naquela igreja, eu posso fazer isso aqui, não sei o quê”, mas tudo deles é isso, o que que é público e o que que é privado para eles? Está tudo muito compartilhado ali. Ele está falando da vida dele, das coisas dele, do jeito que ele dorme, e está tudo ali...

Izadora: E essa questão do tempo também, assim. Do tipo, a gente conversava, “quanto tempo você está na rua? Não sei”, “quantos anos você tem? ”, sabe, eram umas coisas meio assim sabe...

Nelson: E até marcar horário com as pessoas é complicado...

Izadora: É...

Nelson: É complicado, porque você falava assim, “ah, eu vou marcar depois do almoço”, mas ele...qual que é o horário do almoço?

Thereza: O que é horário do almoço?

Nelson: Aí você vai falar, como que o cara vai estar acordado às duas horas se ele conseguiu pregar o olho cinco horas da manhã? Ele vai dormir, acordar e não está nem aí se é uma, se é cinco, se é....

Izadora: Até porque a gente tem esse tempo né, o tempo do trabalho né, hora do rush, conceitos...

Nelson: Óbvio que eles têm, porque eles dependem das pessoas...

Izadora: Não, não, eu sei, mas esses conceitos eles são todos conceitos da... de quem está na sociedade incluída....

Thereza: Sim...

Izadora: Que é tipo hora do rush, hora do trabalho, hora do almoço...são todos...tipo, de quem está inserido nessa ordem.

Thereza: Eles só observam como se estivessem de fora né...

Izadora: Exatamente...

Nelson: Eles têm que acessar porque tipo, café da manhã comunitário vai ser em tal horário...

Izadora: Só que assim...

Nelson: Aí eles têm que se locomover para outro lugar...

Izadora: É, exatamente, eles têm outras coisas que marcam o tempo deles. É o café da manhã na..toda terça o café da manhã não sei aonde, toda quarta café da manhã não sei aonde...eles sabem que dia da semana é quarta-feira, porque tem café na São Salvador, então assim, as pessoas vão se guiando por calendários próprios

Nelson: Eles vão migrando...são calendários próximos que são deles e eles vão circulando pelos lugares porque já tem noção, assim...

Thereza: Entendi...

Izadora: Mas são outros conceitos para marcar o tempo sabe?

Nelson: É, eles criam...eles criam rotinas diferentes, assim.

Izadora: Não, mas estou falando em relação ao tempo mesmo.

Nelson: É, a rotina é ligada pelo tempo...

Thereza: Entendi...

Izadora: Nesse sentido assim, também...a madrugada né, que é esse momento do tipo, que não tem ninguém na rua além deles, assim, sabe. As lojas estão fechadas, os ônibus pararam de passar...

Nelson: É a hora que eles não precisam ficar pedindo...

Izadora: Que eles não precisam representar a vítima...

Nelson: É, eles não precisam trabalhar como pedintes...

Izadora: É. Os que trabalham como pedintes.

Nelson: Ou trabalhar vendendo alguma coisa...

Izadora: É...

Nelson: Ou conseguir ganhar o trocado dele de alguma forma, ou a hora de conseguir ali achar a meia, pegar lixo de repente, procurar..tudo...

Izadora: E o tempo do silêncio também. Porque a madrugada é o momento que as coisas se zeram, vão se zerando. Tipo, as pessoas vão dormir e tal, e você essa ligação, essa conexão com o eu.

Nelson: E na realidade eles dominam a rua, então a voz entre eles é o que mais eclode pela cidade.

Izadora: A cidade é deles, é a lógica deles, assim, que a gente...tá tudo fechado né. A gente sempre, eu sempre gosto de separar sociedade incluída...

Nelson: E marginalizada, é isso?

Izadora: É, por conta dessa lógica mesmo...

Nelson: E eles tem já isso, por exemplo, tem uma galera que já não quer muito depender dos riscos da noite e dorme por exemplo ali embaixo da Defensoria, porque sabe que a Defensoria não vai ter intervenção da...

Izadora: É, tem toda uma lógica de rua...

Nelson: Deles mesmos ou do Lapa Presente, sei lá, de qualquer alguma coisa que for, que pode vir meio que abordar eles, enfim, então eles já sabem quais lugares eles podem para conseguir ter o sono deles, ou então aqueles que eles já sabem que em tal lugar eles podem fazer seja lá o que for... então...

Izadora: Outra coisa também sobre essa questão do público e do privado que eu lembrei...é...tem uma coisa que a gente já leu até com a Fran que chama, “Arquitetura da Violência”, que é tipo colocar pedras debaixo do viaduto, sabe? Até banco com negócio no meio.

Izadora e Thereza: Meio inclinado...

Izadora: É, exatamente...tipo curto demais...então, esses acessos à cidade que eles não têm sabe, que dificultam a vida deles também...é tipo, praça cercada, sabe? É uma praça pública e ela é cercada para ser usada pelos priv...para quem é privado da região, de quem paga imposto da região, então...sabe? Essas contradições?

Thereza: Aham, essas contradições...

Izadora: Essas contradições que ficam muito...sei lá, ninguém presta atenção, sacou? Porque não está mesmo influenciando a sua vida, sabe? A gente não percebe porque isso não está influenciando a nossa lógica social, assim. Está influenciando a lógica social de uma população que...pelo amor de Deus, gente, precisa pensar essa lógica social, porque, faz parte da lógica social da cidade, tipo a gente não tem que separar a lógica social, sabe?

Thereza: Sim, inclusive eles estão nessa situação...

Izadora: A sociedade incluída tem que ser todo mundo, sabe? Não pode ser a lógica do incluído só para quem pode pagar pela cidade. O incluído tem que ser o cidadão da cidade do Rio de Janeiro, não incluído....

Nelson: Que está conseguindo utilizar ela em todas as suas esferas....

Izadora: É, só que quando tipo eu falo sociedade incluída hoje é tipo quem consome, quem pode pagar por ela. Mas tipo, não pode ser assim, tem que ser tipo, geral.

Thereza: Sim.

Izadora: Então é meio que por isso que a gente até hoje tem o projeto meio da forma que a gente consegue levar. É...para poder...

Nelson: Para saber a importância da...

Izadora: É...para que as pessoas conversem sobre isso, assim. A gente sempre tenta juntar as pessoas. Se a gente conhecer... por exemplo, a gente se conheceu, se a gente conhecer alguém que pensa parecido com você, a gente pode, “pô cara, tem não sei quem”, sabe? A gente junta muito as pessoas.

Thereza: Entendi. Então assim, vocês aproveitam isso para uma rede mesmo de compartilhamento de ideias e de atitudes.

Izadora: Exatamente...é. Porque é isso, assim. Nós somos três pessoas de comunicação social, a gente não tem também...

Thereza: É, uma pergunta também que eu estava para fazer e esqueci. São...quem é o Rio Invisível né? (Risos). É o Nelson, a Izadora e...?

Nelson e Izadora: E a Mariana.

Thereza: E não tem mais?

Izadora: E os outros são colaboradores...

Nelson: É, agora a gente começou a abrir mais para conseguir...é...para a gente conseguir fazer o que a gente pretende continuar e continuar com a nossa vida né.

Izadora: A gente não sabe fazer tudo né, a gente precisa de ajuda... (risos)

Nelson: É, e aí a gente começou a chamar algumas pessoas até mesmo para a gente talvez...é...achar formas de conseguir manter o projeto, de talvez procurar editais, alguma coisa assim, entendeu, então a gente começou a tentar organizar meio isso, para a gente continuar o projeto...

Izadora: Crescer, produzir outras coisas também...

Thereza: Entendi...

Izadora: Para o conteúdo continuar sendo...

Nelson: Para a gente virar quase meio que uma produtora de conteúdo em cima disso, assim...

Fim do terceiro áudio